

Acordo PS/PSD concluído esta tarde

Pág. 5

Enquanto se atrasa a posse de novo Governo

84 toneladas de ouro “jogadas” em empréstimos



O Governador do Banco de Portugal encontrava-se esta manhã, ao que tudo indica, reunido com os ministros do governo Balsemão naquele que será muito provavelmente o seu último Conselho de Ministros. Fontes oficiais contactadas pelo «DL» negaram esta possibilidade, mas fontes fidedignas a que tivemos acesso confirmavam-nos tal facto pouco antes do fecho desta edição. Jacinto Nunes teria regressado ontem à noite do estrangeiro, onde teria ultimado a negociação de mais um empréstimo garantido com o depósito de 50 das 688 toneladas que constituem as reservas de ouro do Banco de Portugal. Esse empréstimo, tal como um outro no valor de 400 milhões de dólares (cerca de 40 milhões de contos) contraído no princípio deste mês, também com garantia ouro, junto do Banco para os Pagamentos Internacionais, destinava-se a evitar uma iminente ruptura de tesouraria das finanças públicas.

A participação absolutamente excepcional de Jacinto Nunes

no plenário governamental a confirmar-se, reforça, a ponto de quase garantir a veracidade das informações acima referidas.

Segundo se sabe nos meios financeiros nacionais a negociação deste empréstimo que ascenderia a cerca de 600 milhões de dólares (60 milhões de contos) e teria como garantia o ouro, efectuou-se com o desconhecimento total do Presidente da República. Mário Soares chegou ao segredo dos deuses do Banco de Portugal e comunicou o facto a Eanes na reunião que com ele teve na passada sexta-feira. Balsemão foi imediatamente chamado a Belém e o PR parece estar neste momento de posse de todos os pormenores da transacção.

Para a sua concretização falta porém a luz verde do ministro das Finanças e do Governo, podendo-se relacionar a eventual presença de Jacinto Nunes na Gomes Teixeira com a tentativa de conseguir desbloquear a necessária autorização.

Continua na pág. 24

Silêncio oficial sobre a censura da reportagem da BBC pela RTP

Posta em causa a posição de Macedo e Cunha

Silêncio oficial sobre a escandalosa ingerência do embaixador sul-africano na programação da RTP e protestos do PCP e da UDP que vão, no caso deste último partido, até à exigência da demissão do presidente do Conselho de Gerência da empresa, Macedo e Cunha, são as últimas da insólita situação criada com a suspensão do programa da BBC sobre o regime do «apartheid». Em meios internacionais é o espanto! Em Londres, no «Guardian», ninguém queria acreditar no sucedido.

Pág. 4

Japão

Vaga sísmica “leva” 50 crianças

Cinquenta crianças que se encontravam na costa do mar do Japão, desapareceram esta manhã, arrastadas por uma onda, em consequência de um abalo sísmico que ocorreu no Norte do país, segundo revelaram em Tóquio as autoridades. De acordo com as primeiras informações, o abalo teve a intensidade de 8,8 na escala «Mercalli», tendo sido sobretudo afectadas a zona setentrional da ilha principal de Honshu, a ilha de Hokkaido e áreas próximas da capital nipónica. Logo a seguir ao terramoto, o nível das águas do mar subiu de 30 a 40 centímetros ao largo da costa do mar do Japão, e uma forte onda atingiu as praias de Akita, Aomori e Hokkaido, numa extensão superior a 500 quilómetros. Os serviços telefónicos da cidade de Akita, situada a 400 quilómetros ao norte da capital, ficaram cortadas, assim como as linhas de comboio de Shinkansens, que liga Tóquio à cidade de Demorioka.

Valongo

Três crianças afogadas numa represa

PORTO, 26 — Três crianças do lugar de Lajedo, em Susão, no concelho Valongo, apareceram mortas numa represa, no mesmo lugar. Os irmãos Cândida Maria da Silva Paiva, de 8 anos, Alexandre José da Silva Paiva, de 9 e Aurora Maria da Silva Paiva, de 10, filhos de António Paiva Diogo Leite e de Maria Madalena Moreira da Silva haviam saído ontem à tarde de casa.

Ao chegarem pelas 19.30 horas de ontem, os pais das crianças deram pela sua falta e logo se dirigiram à GNR de Valongo, na expectativa de virem a descobrir o paradeiro dos filhos, através da colaboração dos bombeiros locais.

Foram, então, feitas buscas que se prolongaram por toda a noite e madrugada, as quais culminaram com o aparecimento de umas peças de roupa que o pai das crianças reconheceu como sendo do pequeno Alexandre e que se encontravam junto de uma

Continua na pág. 2

“Santinha de Arcozelo”



GNR impediu jovem empregado bancário que profanou o jazigo de ser linchado por populares

Povo de Arcozelo guarda «tesouro de Santa Maria Adelaide», cujo jazigo foi ontem profanado por um jovem empregado bancário de Canas de Senhorim que por pouco escapou de ser linchado pela multidão em ira, depois do sino da igreja daquela freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia tocar a rebate.

Pág. 9

Hoje “Ler/Escriver”



Aquilino Ribeiro
(Desenho de Artur Bual)

«DL» — Ler/Escriver» publica hoje uma das primeiras novelas de Aquilino Ribeiro, «O Esconjuro», que saiu em folhetim nos números iniciais do «Diário de Lisboa». O nosso suplemento, inserindo essa novela, presta homenagem ao grande escritor, que nos deixou há vinte anos.

Três crianças morrem afogadas em Valongo

Continuação da pag. 1

represa ou açude que se formou nas escavações da futura urbanização de Susão, junto do apeadeiro com o mesmo nome.

Dado desconhecerem a altura do nível da água, os Bombeiros Voluntários de Valongo solicitaram o auxílio dos «Spadores» do Porto, que por intermédio dos seus mergulhadores, retiraram os três cadáveres da represa.

De notar que enquanto o Alexandre estava apenas com um calção as duas irmãs estavam vestidas. Isso faz supor que as duas miúdas ter-se-ão lançado à água quando viram que o irmão estava em dificuldades. E princípio, não se vislumbra qualquer vestígio de crime. De qualquer forma, só através da autópsia se poderá obter uma certeza.

Os cadáveres foram removidos para o Instituto de Medicina Legal, no Porto, depois de cumpridas as formalidades legais.

Fernando Grade na Feira do Livro

No próximo sábado, a partir das 16 horas, o poeta Fernando Grade estará no stand 10 da Editorial Minerva, na Feira do Livro, para autografar o seu novo trabalho «O Bando da Papoila» e conviver com os seus leitores.

Começou o julgamento do indivíduo que matou árbitro de basquetebol

No Tribunal do Porto

PORTO, 26 — Começou, ontem à tarde, no Tribunal de S. João Novo, nesta cidade, o julgamento do indivíduo que assassinou, barbaramente, o árbitro de basquetebol Manuel Fernando Correia Campos, de 39 anos, que residia na Rua de Fialho de Almeida, em Vila Nova de Gaia, quando ocorreu o crime, ao princípio da madrugada do dia 9 de Janeiro último, num local ermo da estrada interior da Circunvalação.

Trata-se do tintureiro desempregado Américo António Martins de Almeida, de 19 anos, que habitava num barraco do Lugar da Lomba, em Guifões, Matosinhos, antes de ser detido pela Polícia Judiciária e remetido para

a Cadeia de Custódias que o indivíduo já conhecia, visto ter sido preso, anteriormente, por furtos e posse de droga.

De acordo com a acusação e, também, com a confissão do réu, tudo começou por volta das 24 horas do dia 8 de Janeiro, quando a vítima — ao que se supõe, homossexual — convidou o Américo para «dar uma volta», junto de um café, na Foz do Douro, depois de ter dirigido um jogo de basquetebol, em Matosinhos.

Foi então, que os dois homens seguiram até ao referido local ermo da Circunvalação, onde teria lugar o trágico desfecho. Enquanto que, para a acusação, o móbil do crime (morte por es-

trangulamento) terá sido o roubo, segundo o réu, «foi devido ao facto do Manuel Fernando pretender fazer-me o mesmo que eu lhe havia feito». Na tese do Américo, «nada teria acontecido se a vítima não tivesse insistido em beijar-me, o que sempre recusei».

Ao que se diz no despacho de pronúncia que, de um modo geral, está de acordo com a confissão do réu, o Américo necessitava de dinheiro para a compra de droga. Daí, o «recurso» aos homossexuais que, no caso da vítima, significava uma «promessa de 15 contos». O desentendimento entre os dois indivíduos acabou por precipitar os acontecimentos

Com uma pedra que estava junto do carro, o Américo começou por vibrar dois golpes na região frontal do árbitro de basquetebol que, mesmo assim, ainda resistiu, agarrando o seu opositor pelos cabelos. Possuidor, no entanto, de uma grande complexão física, o Américo deitou, então, as mãos ao pescoço do Manuel Fernando, estrangulando-o.

Depois, já com a vítima inanimada, o Américo arrastou-a para fora do carro e abandonou-a, após tê-la coberto com uma manta da viatura. Antes de deixar o local, o homicida ainda procedeu a diversas buscas no interior do automóvel, na mira de encontrar o dinheiro prometido, mas em vão. Levou apenas um

saco com o equipamento do árbitro, o qual seria recuperado, dois dias mais tarde, pela Judiciária.

Para além da confissão espontânea, o Américo manifestou ao tribunal o seu arrependimento, não se eximindo, até, de aceitar que «talvez fosse melhor estar no lugar do Manuel Fernando».

Na audiência de ontem foram, também, ouvidas todas as testemunhas de acusação e de defesa, que pouco mais adiantaram aquilo que havia sido dito pelo arguido.

O julgamento prossegue, com as alegações, no próximo dia 8 de Junho (pelas 14 horas), conforme decisão do tribunal presidido pelo juiz José Maria da Fonseca Carvalho.

Constituição da República Portuguesa

ceu que nele se reflecte a experiência «aliciante e enriquecedora» que os Autores ganharam nas tarefas de auxiliares da docência de Direito Constitucional e que a obra constitui um contributo oportuno e útil.

Esta edição, anotada e comentada, da Constituição da República Portuguesa constitui um indispensável instrumento de trabalho e análise, não só para os que do Direito fazem a sua profissão, mas também e sobretudo para os estudantes, alunos dos cursos jurídicos, e para um amplo leque de pessoas e grupos (sindicatos, organizações patronais, meios de Comunica-

ção Social, associações, etc.).

Após o texto actual de cada artigo, seguem-se vários itens, a saber: I. Remissões intrasistémicas para outros artigos da CRP; II. Texto anterior, onde se reproduz a versão anterior dos artigos e o sentido das alterações operadas com a 1.ª Revisão; III. Votações na Assembleia Constituinte e na 1.ª Revisão; IV. Fontes do texto original e do texto revisto (Declaração Universal dos Direitos do Homem, Programa do MFA, Leis transitórias, Plataformas de Acordo Constitucional, Projectos dos Partidos, textos das Comissões especializadas na Assembleia

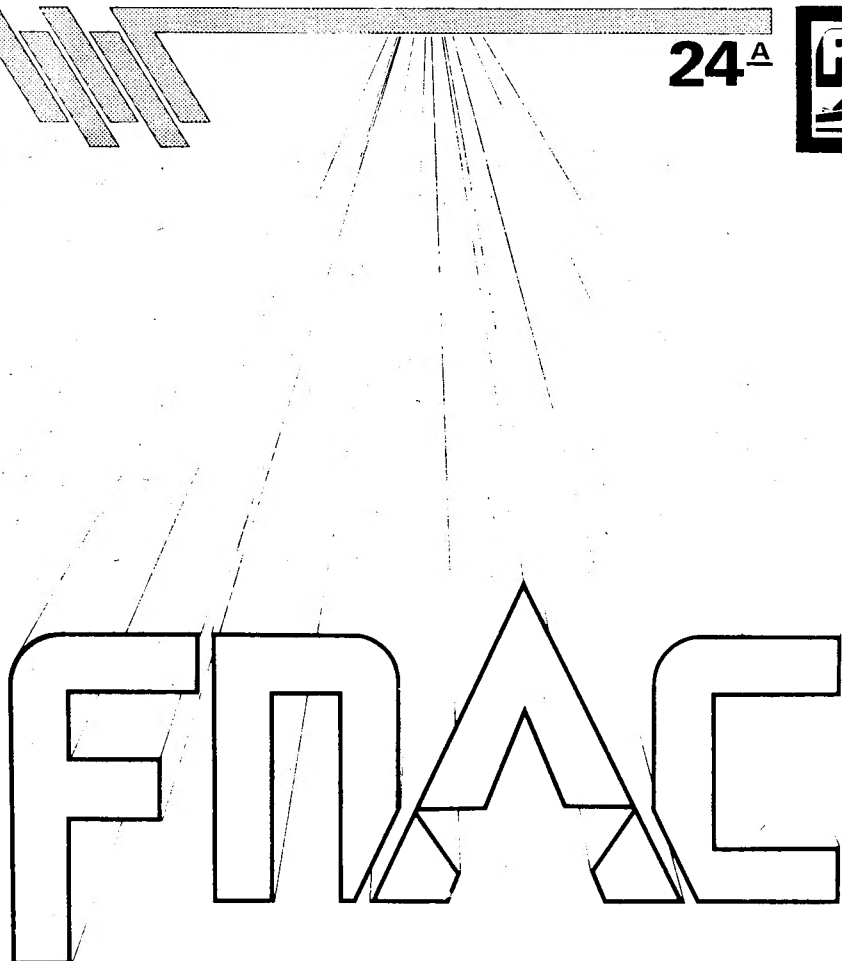
Constituinte e da Comissão Eventual de Revisão Constitucional); V. Comentários, onde, desenvolvendo-se se abordam os diversos temas e problemas suscitados por cada artigo, e se relatam as diversas posições doutrinárias, sem prejuízo da opinião própria dos autores; VI. Bibliografia a propósito de cada artigo e dos assuntos nele focados; VII. Jurisprudência dos nossos Tribunais Superiores (STJ, STA, Comissão Constitucional, etc.), referente a cada normativo; VIII. Legislação que dá exequibilidade ou materializa os preceitos constitucionais. Procurou-se dar um repositório amplo dos gran-

des institutos da ordem jurídica nacional.

Várias notas desta Constituição Anotada e Comentada, remetens para os Pareceres da Comissão Constitucional, alguns dos quais inéditos.

Esta edição inclui em anexo, as disposições finais da Lei da Revisão 1/82 devidamente anotadas, bem como a Declaração Universal dos Direitos do Homem e uma Tabela de correspondências dos Diários da Assembleia Constituinte e da Assembleia da República a propósito dos debates travados sobre cada artigo.

Edição de Rei dos Livros, Lisboa, 1983.



SOMOS OS MAIORES
PRODUTORES PORTUGUESES
DE EQUIPAMENTO
DE AR CONDICIONADO.

CONTACTE-NOS
ESTAMOS NO PAVILHÃO 3, STAND 405
SERÁ BEM-VINDO

25 DE MAIO A 2 DE JUNHO - 1983

Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL

Estrada da Outorela, Lts 20-21-2795 LINDA A VELHA - CARNAXIDE - Telex 218 33 67/68/69/70



**PARA OS TRABALHADORES SEM TRABALHO
RODAS PARADAS DE UMA ENGRENAGEM CADUCA**



**A obra de
Sоеiro Pereira Gomes
nasceu do empenhamento
na luta
ao lado dos trabalhadores,
de todos os explorados.
... É uma obra de liberdade
e libertadora.**

"Augusto Costa Dias"

edições
Avante!

A Convenção de Évora Monte

Évora Monte, freguesia do concelho de Estremoz, no distrito de Évora, é povoado antigo, desde longa e incerta data plantado no alto de um monte na extremidade ocidental da serra de Ossa. Hoje amodorra, apertada entre as muralhas do seu castelo multicentenário. Lá mais abaixo, extramuros, alarga-se e anima-se um pouco (mas pouco) a antiga vila.

Santos Chambino

DA altaneira Torre de Menagem recreia-se o olhar pelas lonjuras da paisagem, com serranias e planuras, salpicadas dos tons verdes das oliveiras, dos sobreiros e azinheiras e onde a alvura dos montes se destaca.

Por estas terras, calcadas outrora por mouros e romanos, passaram, mais perto de nós, espanhóis e franceses, que depredaram e destruíram. De uns e outros, porém, escassos vestígios ficaram.

O que avulta na história de Évora Monte é o facto de nela ter sido assinada, a 26 de Maio de 1834, a Convenção que pôs termo à guerra civil que opunha os liberais aos miguelistas. A celebrar o acontecimento, perto da Torre de Menagem, na Rua Direita, actualmente Rua da Convenção, uma casa modesta ostenta uma placa de mármore com os seguintes dizeres: «Em 26 de Maio de 1834, nesta casa de Joaquim António Seramago, foi assinada a Convenção de Évora Monte, que restabeleceu a paz em Portugal».

A Convenção marcou o triunfo das forças liberais, mas a paz, contrariamente ao que reza a lápida, é que não foi restabelecida; as discórdias, os ódios longamente acumulados, não se aplacaram e o sangue continuou por muito tempo a regar a martirizada terra portuguesa.

Pouco depois da entrada de D. Pedro e dos 7500 «bravos do Mindelo» na cidade do Porto, abandonada pelo visconde de Santa Marta (8 de Julho de 1832), o exército miguelista estabeleceu o cerco à cidade. A fome, os assaltos e os bombardeamentos constantes a que as tropas miguelistas sujeitaram o Porto não conseguiram liquidar a resistência dos sitiados; por sua vez, redundavam em fracassos as tentativas das tropas liberais para romperem o cerco.

Tumor enquistado num país dominado pelos defensores do trono e do altar, os enclausurados combatentes liberais, que a fome e as armas inimigas não conseguiam esmagar, dispunham ainda de uma porta aberta: a barra do Douro. E por aí saiu a 21 de Junho de 1833, com destino ao Algarve, uma esquadra com um pequeno exército comandado pelo duque de Terceira.

Os 1500 soldados de Terceira desembarcaram na praia de Alagoa, perto de Tavira, na noite de 24 de Junho. O general visconde de Molelos, governador absolutista do Algarve, em vez de enfrentar decididamente as poucas forças desembarcadas, depois de um breve recontro retirou para a serra de Monchique, encaminhou-se para o Alentejo e recuperou Beja, que havia sido ocupada por uma guerrilha liberal.

Mesmo depois de receber fartos reforços, Molelos permanece naquela cidade que só deixou no dia 19 de Julho, para ir em perseguição das forças de Terceira. Terceira transpunha precisamente nesse dia o Sado, e no dia 24 entrava em Lisboa, que as tropas miguelistas do comando do duque de Cadaval haviam abandonado.

EM vão o marechal francês Bourmont tentou reconquistar o Porto, a 5 de Julho de 1833. Repellido o assalto por Saldanha,

D. Miguel levantou o cerco e veio com um exército de 20 000 homens procurar desalojar os liberais de Lisboa, onde já se encontrava D. Pedro. Os ataques dos absolutistas foram repelidos e D. Miguel seguiu para Santarém, a procurar organizar as suas tropas.

Depois de derrotar os miguelistas em Leiria e em Pernes, Saldanha infligiu novo e pesado revés às tropas de D. Miguel em Almoester (Fevereiro de 1834), perto de Santarém. Os miguelistas, comandados pelo brigadeiro Guedes, sofreram outro desaire em Asseiceira, a 16 de Maio, imposto pelo duque de Terceira.

Guedes regressa a Santarém, castigada pela fome e devastada pela peste, e onde o desânimo era geral. Na noite do dia 17 as tropas absolutistas, dirigidas pelo próprio D. Miguel, atravessam o Tejo para a margem Sul e vão fixar-se em Évora. No dia seguinte Santarém é ocupada por Saldanha. Com duas colunas de 10 mil homens cada uma, Saldanha e Terceira partem para o Alentejo, a 19, a cercar o ainda numeroso exército miguelista (21 mil homens entre infantes e cavaleiros e 35 peças de artilharia).

Os comandos absolutistas consideram-se perdidos. A 27 de Maio, em conselho militar a que assistiram todos os ministros de D. Miguel e todos os generais e oficiais superiores, ponderada a situação, foi decidido propor a

suspensão das hostilidades. O general Azevedo e Lemos, comandante-general das forças miguelistas, escreve a Saldanha e a Terceira a alvitar uma pausa na luta «a fim de se entrar em negociações para se não derramar mais sangue português». Saldanha encontrava-se então em Montemor-o-Novo e Terceira dirigia-se para Estremoz.

A VISADO da proposta de Lemos, o regente D. Pedro exige a rendição incondicional. Saldanha e Terceira comunicam a Lemos, a 25, a decisão de D. Pedro e informam-no de que avançariam, o primeiro para Arraiolos, e o segundo para Évora Monte. No dia 26 em Évora Monte era assinada a Convenção que punha termo à guerra civil. Assinaram-na, por D. Pedro, os duques de Terceira e o conde de Saldanha, e por D. Miguel o general José António de Azevedo e Lemos, estando presente o secretário da Legação Britânica em Lisboa, Grant. À meia-noite, Lemos levando consigo um exemplar da convenção estipulada, voltou para Évora, a encontrar-se com D. Miguel, que aceitou as condições impostas.

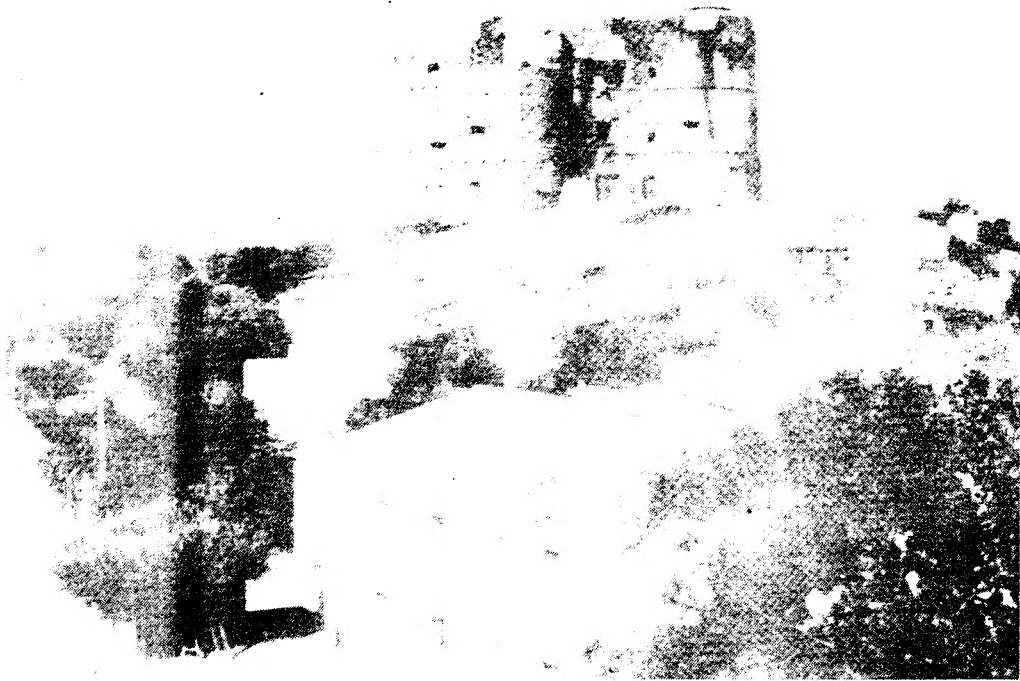
D. Miguel obrigava-se a sair de Portugal no prazo de quinze dias e nunca mais poderia voltar à Península ou a qualquer parte dos domínios portugueses; concedia-se ampla amnistia por deli-

tos políticos a todos os partidários de D. Miguel, que poderiam sair livremente do país; a D. Miguel era atribuída uma pensão anual de 60 contos, que perderia se de algum modo concorresse para perturbar a tranquilidade «destes reinos»; era-lhe ainda dada permissão para dispor da sua propriedade particular e pessoal.

No dia 29, D. Miguel assinou a seguinte declaração: «Para satisfazer a superveniente exigência dos marechais duque de Terceira e conde de Saldanha, em nome do seu governo, declaro que jamais, directa ou indirectamente, me misturarei em negócios políticos destes reinos e seus domínios».

O ídolo do povo ignaro, fanatizado por um clero ultramontano e bronco, caía por terra. Dias depois viajavam-no. Sob uma chuva de pedras e de insultos, a 1 de Junho, pelas 6 horas da tarde, embarcava em Sines, na fragata inglesa «Stag», para nunca mais voltar a esta terra que por largos anos ainda continuou a ser palco de ódios torvos e de sangrentas lutas fratricidas.

D. Miguel desembarcou em Génova e, perjuredo uma vez mais, no dia 20 deu a conhecer um protesto contra as cláusulas da Convenção, que declarou «nula e de nenhum efeito».



Évora Monte: lá bem no alto a Torre de Menagem



D. Miguel



D. Pedro IV

ponto a ponto



A figura de Bernardino Machado foi recordada por Rogério Fernandes na Figueira da Foz, no decorrer de uma conferência sobre os problemas da educação contemporânea. Rogério Fernandes usava da palavra no salão de festas da Escola Secundária Bernardino Machado, a qual prestava assim homenagem ao seu patrono. O programa evocativo inclui também a abertura, no Museu Municipal de uma exposição alusiva ao antigo presidente da República e primeiro-ministro.

O comandante da Região Militar Norte (RMN) presidiu às cerimónias comemorativas do «Dia da Unidade» do batalhão de administração militar (BAM), na Póvoa de Varzim. O general Mário Delgado, depois de passar revista à guarda de honra, assistiu ao desenrolar de actividades desportivo-militares e inaugurou a exposição de actividades do BAM.

PORTUGAL vai dispensar à Guiné-Bissau apoio técnico na elaboração das leis orgânicas dos diferentes ministérios, revelaram fontes oficiais em Bissau. Dois técnicos portugueses da Secretaria de Estado da Reforma Administrativa chegaram a Bissau para trabalharem naquele domínio com o Ministério guineense da Administração Interna, Função Pública e Trabalho. Por outro lado, dois técnicos da Secretaria de Estado da Administração Interna regressaram a Lisboa, após terem cooperado em Bissau na elaboração do estatuto político e administrativo das várias regiões do país e na revisão da divisão administrativa do país.



O Instituto Militar dos Pupilos do Exército (IMPE) comemorou o septuagésimo segundo aniversário com a entrega de diplomas aos alunos que concluíram os cursos nos anos lectivos de 80/81 e 81/82. Um total de 142 alunos de ambos os sexos, licenciados em engenharia e administração, recebeu os diplomas, entregues pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Miranda, general Firmino Miguel, director do Departamento de Instrução do Exército, general Lucena e director do Instituto, brigadeiro Eugénio Coelho.

UMA delegação dos «Carabinieri» de Itália visitou o Comando do Batalhão número 4 da Guarda Nacional Republicana, aquartelado no Porto. Chefiada pelo seu comandante-geral, general Lorenzo Valditar, a missão dos Carabinieri italianos foi recebida no Quartel do Carmo, do Porto, pelo comandante do batalhão da GNR, coronel Moreira Campos.



O nome «Cidade de Lisboa» foi dado a uma das novas artérias da capital de Cabo Verde, em cerimónia a que assistiu um delegação da Câmara lisboeta. A delegação da capital portuguesa era constituída pelo seu presidente, Kruz Abecassis, pelos vereadores Ana Cavaleiro, Alfredo Moura e Reis Borges. Durante a cerimónia, Kruz Abecassis entregou ao presidente do conselho deliberativo da Cidade da Praia, Nelson Santos, uma bandeira da capital portuguesa. A avenida que recebeu o nome de «Cidade de Lisboa» foi aberta há menos de um ano e constitui já a principal ligação entre várias zonas da Cidade da Praia.

O bispo católico de Calabar, capital do Estado nigeriano de Cross River, encontra-se no nosso país em visita de carácter particular. O reverendo B. D. Usanga teve audiências com o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, e com o Núncio Apostólico na capital portuguesa, monsenhor Sante Portalupi.

O bispo Usanga deslocou-se hoje em peregrinação a Fátima, e esta tarde é-lhe oferecida uma recepção na residência do embaixador da Nigéria em Portugal, sr. Peter Udoh. O reverendo Usanga, que chegou a Lisboa, vindo de Roma, parte amanhã para Lagos (capital da Nigéria).

Mapa oficial com o resultado das eleições para a Assembleia

Número de eleitores inscritos, dos votantes

Md = Número de mandatos.

Círculos	Eleitores inscritos	Votantes		Votos brancos		Votos nulos		APU			CDS			LST			OCMLP			PCTP/MRPP		
		Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md
1 Aveiro	432 703	342 090	79,06	2 184	0,64	6 350	1,86	25 963	7,01	1	56 115	16,40	2	490	0,14	—	518	0,15	—	806	0,24	—
2 Beja	146 909	115 283	78,47	953	0,83	3 228	2,80	56 986	49,43	3	4 719	4,09	—	933	0,81	—	—	—	—	412	0,36	—
3 Braga	462 356	377 702	81,69	2 444	0,65	7 302	1,93	55 336	8,82	1	69 051	18,28	3	779	0,21	—	482	0,13	—	938	0,25	—
4 Bragança	132 455	92 778	70,04	1 010	1,09	2 776	2,99	4 415	4,76	—	19 582	20,89	1	425	0,46	—	175	0,19	—	381	0,41	—
5 Castelo Branco	188 876	138 765	73,47	1 263	0,91	4 034	2,91	15 616	11,25	—	18 264	13,16	1	595	0,29	—	239	0,17	—	602	0,43	—
6 Coimbra	331 399	248 207	74,90	2 038	0,82	5 626	2,27	26 471	10,66	1	25 375	10,22	1	592	0,24	—	230	0,09	—	918	0,37	—
7 Évora	141 623	119 247	84,20	914	0,77	1 734	1,45	36 722	47,57	3	5 395	4,52	—	213	0,18	—	—	—	—	784	0,66	—
8 Faro	251 947	193 976	76,99	1 805	0,93	4 178	2,15	56 141	18,63	2	14 428	7,44	—	646	0,33	—	—	—	—	1 175	0,61	—
9 Guarda	157 442	118 293	75,13	895	0,76	3 518	2,97	5 806	4,91	—	28 155	23,78	1	253	0,21	—	—	—	—	242	0,20	—
10 Leiria	308 231	238 369	77,33	1 816	0,76	5 427	2,28	22 572	9,47	1	38 556	16,18	2	724	0,30	—	271	0,11	—	741	0,31	—
11 Lisboa	1 571 281	1 267 597	80,67	9 818	0,77	16 090	1,27	520 066	25,25	15	148 379	11,71	7	1 581	0,12	—	1 014	0,08	—	5 736	0,45	—
12 Portalegre	108 256	89 206	82,40	842	0,94	1 943	2,18	25 615	28,71	1	6 715	7,53	—	247	0,28	—	—	—	—	397	0,44	—
13 Porto	1 086 668	890 896	81,98	5 125	0,58	11 366	1,28	121 181	15,60	5	111 007	12,46	5	1 383	0,16	—	965	0,11	—	2 370	0,27	—
14 Santarém	349 010	272 809	78,17	2 360	0,86	5 805	2,15	54 475	19,97	3	27 312	10,01	1	592	0,22	—	592	0,22	—	1 420	0,52	—
15 Setúbal	489 553	400 045	81,72	5 203	0,80	5 124	1,28	183 372	45,84	8	20 578	5,14	1	504	0,13	—	468	0,12	—	1 739	0,43	—
16 Viana do Castelo	184 789	137 581	74,45	1 104	0,80	2 913	2,12	13 572	9,86	—	25 291	18,38	1	541	0,39	—	146	0,11	—	525	0,38	—
17 Vila Real	185 138	132 251	71,43	779	0,59	4 091	3,09	7 089	5,36	—	16 768	12,68	1	359	0,27	—	413	0,31	—	594	0,30	—
18 Viseu	300 207	222 783	74,21	1 361	0,61	6 611	2,97	10 163	4,56	—	46 015	20,65	2	—	—	—	577	0,26	—	445	0,20	—
19 Açores	161 530	107 386	66,48	693	0,65	2 574	2,40	3 303	5,08	—	5 020	4,67	—	161	0,15	—	—	—	—	285	0,27	—
20 Madeira	161 352	118 447	73,41	605	0,51	2 743	2,51	3 300	2,79	—	9 734	8,22	—	339	0,29	—	—	—	—	358	0,30	—
21 Europa	74 590	35 545	47,64	404	1,14	514	0,88	6 069	17,07	—	3 955	11,13	—	277	0,78	—	23	0,06	—	232	0,65	—
22 Fora da Europa	110 749	48 439	43,74	878	1,81	529	1,09	1 378	2,84	—	16 511	34,09	1	66	0,14	—	—	—	—	97	0,20	—
Total	7 337 064	5 707 695	77,79	42 494	0,74	104 276	1,83	1 031 609	18,07	44	716 705	12,56	30	11 500	0,20	—	6 113	0,11	—	20 995	0,37	—

Foram publicados, hoje, no «Diário da República» os resultados oficiais das eleições legislativas de 25 de Abril de 1983. O atraso foi motivado, lembre-se, pela repetição do acto eleitoral em Crestuma, presidência da Assembleia.

Pedida a demissão do presidente da RTP

Silêncio oficial sobre a censura imposta pelo embaixador de Pretória

Ontem, em Londres, os responsáveis do «Guardian» não queriam crer. A sua correspondente em Lisboa avisou-os de que ia mandar uma peça relativamente extensa sobre o insólito caso da reportagem da BBC, censurada por obra de um telegrama do embaixador sul-africano em Portugal. «Não é possível!» — disseram. «É, é» — respondeu a jornalista, não menos espantada com a história que lera nos jornais da manhã.

Este espanto londrino (na escala europeia que a classe dirigente portuguesa tanto insiste em «agarrar») torna-se ainda mais curioso e tristemente humilhante, perante as significativas reacções e omissões, oficiais e partidárias. José Alfaia, que há dias pediu explicações sobre a nomeação do director da ANOP mantêm-se calado, Pinto Balsemão segue indiferente, e os partidos pré-governamentais, PS e PSD, ignoram a questão (há negócios mais importantes a tratar?).

E a ANGOP (agência noticiosa angolana), pode dar-se ao luxo de comentar o caso e perguntar: «se o poder não tem nada que interferir na imprensa, como entender a classe política portuguesa, como explicar então o seu silêncio diante do inesperado poder de um embaixador atrapalhado?»

PCP: «Iniciativas adequadas»

No plano partidário português, apenas duas forças

(PCP e UDP) se indignaram, até ao momento com o sucedido.

O PCP anunciou que desencadeará no Conselho de Informação para a RTP «iniciativas adequadas» para que a proibição do programa seja objecto de «indispensável reprovacão».

Considera aquele partido que as justificações referidas pelo Conselho de Informação da RTP, em torno do «melindre» da situação na África do Sul — «colocando no mesmo plano, e em interligação, as acções legítimas dos patriotas sul-africanos contra o regime racista e a brutal agressão de Pretória contra a soberania e a integridade territorial de Moçambique — enfileiram elas próprias, tal como os noticiários da RTP, nas acções de propaganda desencadeadas pelo regime do «apartheid».

O mesmo PCP recorda a dualidade de critérios da RTP, aquando da ocupação militar do Líbano por Israel «em que dezenas de milhares de patriotas libaneses e palestinos

tinham sido trucidados pela invasão sionista».

Nessa altura — sublinha o PCP — a RTP «não hesitou em transmitir uma série que veiculava uma intensa e descarada propaganda das teses e da propaganda sionista e denegria de forma acintosa os direitos e objectivos do povo palestino e dos outros povos árabes».

UDP: demissão de Macedo e Cunha

A UDP, por seu turno, exigiu a demissão do presidente do Conselho de Gerência da RTP, pois «ao aceitar a imposição do embaixador da África do Sul, a pretexto de não tomar posição perante a agressão contra Moçambique, acabou por, deliberadamente, apoiar o acto inqualificável dos racistas de Pretória e aceitar, gratificado, a intromissão mais escabrosa nos assuntos internos de Portugal».

«Ataque intolerável à liberdade de imprensa em Portugal» nele se combinando «a

arrogância dos criminosos racistas de Pretória com a submissão reinante nas instituições em relação a todas as potências imperialistas, colonialistas e fascistas» — assim classifica ainda a UDP esta questão.

A UDP apoia, por outro lado, no comunicado, a concentração convocada para amanhã, domingo, às 12 horas, frente à Embaixada da África do Sul, em Lisboa.

Enquanto isto, o ministro Futscher Pereira enviou um telegrama ao seu homólogo dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Chissano, manifestando solidariedade ao povo moçambicano pelo ataque sofrido na Matola e acusando Pretória de desprestígio «as regras fundamentais do direito internacional».

Não consta, entretanto, que o titular do MNE tencione declarar «persona non grata» o embaixador sul-africano. O homem não veio do Leste...

E. A.

Governo: foi hoje a última reunião?

Pinto Balsemão reuniu com Mota Amaral

Pinto Balsemão reuniu-se esta manhã com o Presidente do Governo Regional dos Açores, dr. Mota Amaral, após o que presidiu àquele que poderá ser o último Conselho de Ministros do Governo AD.

Para além da análise da situação política, o Governo aprecia a lei orgânica da GNR, a criação do comando-chefe das Forças Armadas do arquipélago da Madeira, a disciplina do regime jurídico do funcionamento dos estabelecimentos comerciais e ainda a prorrogação do prazo do regime de instalação dos centros regionais de Segurança Social da Guarda, Aveiro, Beja, Castelo Branco e Portalegre.

PSD e CDS assinam, assim,

pela última vez, alguns diplomas governamentais em conjunto, após o que os sociais-democratas passam a subscrever decisões juntamente com os socialistas. Recorde-se que o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão apontou um prazo de 30 dias para a formação do Governo e transferência das pastas. «O País não aguenta» — afirmou Pinto Balsemão. A eventualidade de novos empréstimos, mais uma vez caucionados pelo ouro do Banco de Portugal, parece ser cada vez mais necessária. Em contacto com um elemento próximo do Conselho de Ministros, foi-nos dito que isso não seria discutido neste Conselho de Ministros.

Tornar a função mais atractiva

Governo propôs regalias para autarcas

O Governo propôs ao Parlamento «significativos aperfeiçoamentos» para dignificar a função dos autarcas — anunciou o secretário de Estado da Administração Regional e Local, no encerramento do Seminário de Informação Técnica para os eleitos locais do Algarve.

Os locais passariam, nos termos dessa proposta, a compreender, em novos moldes, a dispensa de actividades profissionais, as férias, o adiamento do serviço militar, a livre circulação em locais públicos, o passaporte e identificação especial e a utilização de veículos.

«A redefinição do regime de remunerações e a introdução do subsídio para despesas de representação» — eis uma parte desses aperfeiçoamentos, que deveriam ser actualizados «de forma adequada aos níveis e graus de responsabilidade e adoptando-se um sistema de indexação aos vencimentos dos membros do Governo».

A proposta que deu entrada na Assembleia da República continua ainda a «definição expressa dos principais deveres dos eleitos para o exercício de funções autárquicas».

Os principais direitos dos elei-

As novas condições agora anunciadas constituiriam, no entender daquele membro do Governo, novo atractivo para as «difíceis tarefas de gestão autárquica». E, continuou, constituiriam «um passo relevante na edificação e reforço de um poder local progressivamente confrontado com maiores exigências e responsabilidades».

Os objectivos de fundo, clarificou o secretário de Estado, são os de descentralizar o País. Mas isso «só ganhará forma perfeita e definitiva pela institucionalização das regiões administrativas previstas na Constituição».

«Dia de África» assinalado em Lisboa

Por ocasião do «Dia de Unidade Africana» realizaram-se em Lisboa comemorações promovidas pelos diplomatas dos Países Africanos acreditados em Lisboa e pelas Associações de Amizade: Associação de Amizade Portugal-Angola, Associação de Amizade Portugal-Moçambique, Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde, Associação de Amizade

Portugal-Guiné-Bissau.

Os diplomatas africanos ofereceram uma recepção num hotel da capital, no qual além do corpo diplomático estiveram presentes destacadas figuras políticas e militares, intelectuais e individualidades ligadas às relações luso-africanas.

Peias 21.30 na sede da Associação de Amizade Portugal-Angola, presidida por Fernando

Piteira Santos, director adjunto do «DL», teve lugar uma sessão evocativa da efeméride que se comemorava: os vinte anos decorridos após a assinatura, no dia 25 de Maio de 1963, da Carta de Unidade Africana, documento constitutivo da Organização de Unidade Africana (OUA).

Durante a sessão usaram da palavra Silva Graça, presidente da Associação de Amizade

Portugal-Moçambique, Manuel Ferreira, presidente da Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde, Daniel Matos, presidente da Associação de Amizade Portugal-Angola. Assistiram à sessão o almirante Rosa Coutinho e diversos diplomatas. Da programação da sessão fazia parte a projecção do filme «Auto dos Feitos da Guiné» de Fernando Matos Silva.

da República realizadas em 25 de Abril de 1983

e distribuição dos votos e mandatos

PDA			PDC			POUS			PPD/PSD			PPM			PS			PSR			UDP			UDF/PSR			PC(R)			Número total de mandatos	
Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md	Número	Porcentagem	Md		
-	-	-	2 396	0,70	-	870	0,25	-	119 058	34,80	6	1 836	0,54	-	125 035	36,55	6	785	0,23	-	1 684	0,49	-	-	-	-	-	-	-	15	
-	-	-	361	0,31	-	316	0,27	-	13 545	11,75	-	-	-	-	32 265	27,99	2	585	0,51	-	980	0,85	-	-	-	-	-	-	-	5	
-	-	-	3 812	1,01	-	1 417	0,37	-	101 826	26,96	5	3 432	0,91	-	149 782	39,66	7	1 415	0,37	-	1 686	0,45	-	-	-	-	-	-	-	16	
-	-	-	932	1,00	-	227	0,25	-	33 196	35,78	2	733	0,79	-	28 185	30,38	1	484	0,52	-	457	0,49	-	-	-	-	-	-	-	4	
-	-	-	1 230	0,89	-	975	0,70	-	42 461	30,60	2	770	0,56	-	51 483	37,10	3	560	0,40	-	873	0,63	-	-	-	-	-	-	-	6	
-	-	-	1 430	0,58	-	1 255	0,51	-	68 935	27,77	3	1 011	0,41	-	112 518	45,33	6	-	-	-	-	-	-	1 808	0,73	-	-	-	-	11	
-	-	-	400	0,34	-	526	0,44	-	22 184	18,60	1	458	0,38	-	28 486	23,89	1	529	0,44	-	902	0,76	-	-	-	-	-	-	-	5	
-	-	-	1 507	0,78	-	943	0,49	-	44 758	23,07	2	950	0,49	-	83 718	43,16	5	1 455	0,75	-	2 272	1,17	-	-	-	-	-	-	-	9	
-	-	-	810	0,69	-	522	0,44	-	37 233	31,48	2	502	0,42	-	39 618	33,49	2	349	0,30	-	410	0,35	-	-	-	-	-	-	-	5	
-	-	-	1 881	0,79	-	877	0,37	-	84 862	35,60	4	-	-	-	78 041	32,74	4	1 011	0,42	-	1 590	0,67	-	-	-	-	-	-	-	11	
2 537	0,20	-	6 983	0,55	-	2 812	0,22	-	276 660	21,85	13	6 865	0,54	-	453 116	35,75	21	-	-	-	-	-	-	15 940	1,26	-	-	-	-	-	56
-	-	-	448	0,50	-	509	0,57	-	17 053	19,12	1	-	-	-	34 299	38,45	2	656	0,74	-	482	0,54	-	-	-	-	-	-	-	4	
-	-	-	5 164	0,58	-	3 759	0,42	-	233 615	26,22	10	4 138	0,46	-	383 485	43,04	18	-	-	-	-	-	-	7 338	0,82	-	-	-	-	-	38
-	-	-	1 686	0,62	-	1 157	0,42	-	67 238	24,65	3	1 370	0,50	-	104 824	38,42	5	1 303	0,48	-	2 677	0,98	-	-	-	-	-	-	-	-	12
-	-	-	1 252	0,31	-	989	0,28	-	50 657	12,66	2	1 129	0,28	-	122 531	30,63	6	1 590	0,39	-	6 959	1,74	-	-	-	-	-	-	-	-	17
-	-	-	1 233	0,90	-	553	0,26	-	44 869	32,61	3	1 322	0,96	-	44 711	32,50	2	476	0,35	-	525	0,38	-	-	-	-	-	-	-	-	6
-	-	-	1 146	0,87	-	438	0,33	-	55 547	42,00	3	1 093	0,83	-	42 758	32,33	2	544	0,41	-	832	0,63	-	-	-	-	-	-	-	-	6
-	-	-	5 233	1,45	-	760	0,34	-	81 494	36,58	4	1 392	0,62	-	68 835	30,90	4	794	0,36	-	1 105	0,50	-	-	-	-	-	-	-	-	10
1 509	1,40	-	-	-	-	293	0,27	-	58 536	54,51	3	634	0,59	-	33 408	31,11	2	356	0,33	-	614	0,57	-	-	-	-	-	-	-	-	5
1 020	0,86	-	695	0,59	-	457	0,38	-	66 611	56,24	4	-	-	-	28 888	24,39	1	485	0,41	-	3 212	2,71	-	-	-	-	-	-	-	-	5
105	0,30	-	815	2,29	-	150	0,42	-	11 101	51,23	1	-	-	-	11 939	33,59	1	-	-	-	-	-	-	113	0,32	-	48	0,14	-	2	
352	0,73	-	1 766	3,64	-	52	0,11	-	23 365	48,23	1	-	-	-	3 384	6,49	1	-	-	-	-	-	-	23	0,05	-	38	0,08	-	2	
5 523	0,10	-	39 180	0,69	-	19 657	0,34	-	1 554 804	27,24	75	27 635	0,48	-	2 061 309	36,12	101	13 327	0,23	-	27 260	0,48	-	25 222	0,44	-	86	0,00	-	250	

após os incidentes ali verificados. O Parlamento deverá ter a primeira reunião no próximo dia 31, terça-feira, para verificação de mandatos e início do prazo para apresentação de candidaturas para

Na audiência com o PR

PCP alertou contra manobra que pode estar em preparação

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, alertou, ontem, o Presidente da República, para o que considerou «numerosos indícios de preparação de uma manobra política que os comunistas repudiam».

À saída de Belém, no âmbito das audiências do Presidente com os partidos com assento parlamentar, Álvaro Cunhal explicou que, tal manobra, era a de «esperar, passivamente, a aproximação de um momento de iminente dificuldade de tesouraria para pagamentos externos; justificar, então, um vultoso empréstimo externo em condições extremamente gravosas, nos planos económico, social, militar e nacional; continuar, nessa base, a política de desastre dos Governos da AD, agravada por novos laços de dependência ao estrangeiro».

Na declaração, lida aos jornalistas, por aquele dirigente comunista, afirma-se que o PCP disse ao Presidente da República que um Governo PS-PSD «contraria, frontalmente, a vontade do eleitorado», condenando vivamente, «as delongas para a formação do Governo, deixando degradar a situação económica e financeira do País».

O PCP recusa co-responsabilizar-se com a política que parece vir a ser adoptada por um Governo PS/PSD, pelo que «não dará qualquer caução a medidas contrárias aos interesses do País», disse.

Álvaro Cunhal, que estava acompanhado de Carlos Brito e Carlos Carvalhas, considerou «não adequadas» as sugestões do PS, mormente a convocação de um Conselho de Estado e a reunião com dirigentes de forças partidárias com assento parlamentar com os responsáveis do Banco de Portugal.

O secretário-geral do PCP, que «pela complexidade da situação e em nome do rigor» leu as suas declarações, manifestou o empenho do seu partido na procura de «alternativas democráticas no quadro constitucional, e da independência nacional».

A reunião durou uma hora. Gravemente prejudicial

O MDP/CDE, que também

ontem, foi recebido em Belém, disse, à saída do encontro com Ramalho Eanes, que o atraso da indigitação do Primeiro-Ministro e da formação do Governo eram «gravemente prejudiciais para a democracia e para o País».

A delegação do MDP-CDE, que integrava José Tengarrinha, Helena Cidade Moura e António Galhordas, disse, à saída de Belém, que a sua posição, quanto à coligação PS/PSD «é de grandes reservas», porque assenta na base do partido «responsável pela crise em que nos debatemos».

Para o MDP-CDE seria «melhor Governo» aquele que tivesse como base «as formações políticas que derrubaram a AD e que apontam no sentido do voto eleitoral para uma verdadeira mudança política».

No entanto, José Tengarrinha disse que o seu partido continua «aberto ao diálogo, condição indispensável em democracia para encontrar soluções democráticas».

A audiência com o general Ramalho Eanes durou cerca de uma hora.

O CDS, por sua vez, reiterou, ao Presidente da República, a sua «séria preocupação pela demora na constituição do próximo Governo».

Azevedo Soares, acompanhado de Gomes de Pinho e Vieira de Carvalho, lembrou que o seu partido adoptou, durante este mês, «uma posição de extrema moderação para evitar entraves à formação do Executivo».

No entanto, entende que «o País já esperou de mais».

A delegação democrata-cristã, presente em Belém, afirmou que o PS, face aos resultados eleitorais, tem a responsabilidade da constituição do novo Executivo e o PSD o da sua viabilização.

A reunião com o general Ramalho Eanes, ao abrigo do Artigo 190 da Constituição (indigitação do Primeiro-Ministro), durou cerca de uma hora.

Acordo geral PS/PSD concluído esta tarde

Distribuição das pastas para a semana

Tudo indica que deverá ficar concluído esta tarde o protocolo geral do acordo PS/PSD que começou a ser discutido formalmente no dia 10, entre Mário Soares e Mota Pinto.

Para além dos princípios gerais, o acordo contempla a questão da rotatividade da Presidência da Assembleia da República, a entrega da Provedoria da Justiça à oposição (leia-se CDS) e a existência de quatro «pastas po-

líticas», devendo duas delas caber a cada um dos partidos. Segundo fontes socialis-democratas e socialistas é possível que os Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna fiquem para o PSD, enquanto caberão ao PS a Defesa e a Justiça. Nada está, todavia, totalmente definido, nem quanto a estas quatro pastas políticas, nem quanto a qualquer dos restantes onze ministérios.

ENTRETANTO está acordado entre ambos os partidos a execução de determinadas medidas dentro de prazos concretos, segundo a prévia apresentação no programa de Governo. Neste sentido existem mesmo projectos de lei em andamento. Um dirigente social-democrata dizia esta manhã ao «DL» que haverá uma comunicação prioritária à população sobre a actividade governamental, de forma a garantir uma melhor fiscalidade pública. Os compromissos a assumir serão do tipo das «cem medidas para cem dias» apresentadas pelo PS, durante a campanha eleitoral.

Gonella nos Assuntos Sociais

Embora as negociações ainda não se tenham virado muito concretamente para a discussão da atribuição das pastas por partidos (será para a semana próxima), é dado como praticamente garantido que Maldonado Gonella ficará com o Ministério dos Assuntos Sociais. Para o Ministério do Trabalho, o PSD partilhamente Mota Pinto, aposta em Proença de Carvalho. Para o PSD deverão ficar também as pastas dos Transportes, da Agricultura, do Ensino, e da Saúde. Para o PS, as restantes: Mar, Obras Públicas, Finanças (insiste-se em Hernâni Lopes) Indústria e Comércio. Crê-se que quer a Cultura, quer os Assuntos Parlamentares sejam transformados em Secretarias de Estado.

No caso de ficar mesmo para o PS a pasta da Defesa (ficando neste caso o PSD com as dos Negócios Estrangeiros), o ministro deverá ser Jaime Gama. Se não se verificar esta solução, sendo os Negócios Estrangeiros atribuídos ao PS (PSD ficaria com a Defesa) o nome apontado é Francisco Veloso.

Na próxima semana serão firmados acordos sectoriais, a exemplo do que aconteceu na área do Trabalho, estando a atenção virada para aquele que virá a ser estabelecido para o campo económico. Conforme já noticiamos está garantida a abertura de vários sectores até aqui exclusivos do sector público à iniciativa privada. O destaque neste âmbito vai concretamente para a Banca.

À hora de fecho desta edição, uma delegação do PS composta por Almeida Santos, Jaime Gama, Eduardo Pereira e Walter Rosa, era recebida pelo Presidente da República, depois de o mesmo ter acontecido com uma delegação do PSD. O andamento das negociações e a indigitação de Mário Soares para o cargo de Primeiro-Ministro são os aspectos fulcrais das audiências.

«Nova Esquerda» dá apoio crítico

Ontem à noite elementos da «Nova Esquerda» juntaram com dirigentes do PS, designadamente Mário Soares. Durante o encontro que se prolongou por algumas horas, foi apresentada à direcção do PS uma declaração da coordenadora da «Nova Esquerda» na qual é apreciado o

eventual acordo PS/PSD. A situação do País e a expressão eleitoral das diferentes forças partidárias, lê-se no documento, exigem «a construção de um governo PS/PSD capaz de, à esquerda e ao centro, mobilizar forças de transformação e de progresso». Esta medida, porém, «não será suficiente se não forem criadas as condições para à escala de empresa, sector e região se concretizarem acordos sociais de desenvolvimento com uma dinâmica capaz de marginalizar, social e politicamente, os que a eles se oponham sem quaisquer alternativas praticáveis».

Acrescenta a «Nova Esquerda» que «o governo PS/PSD deve ser encarado como um meio indispensável para o combate à degradação da actual situação financeira e económica mas não como uma aliança estratégica, pois tal correria sérios riscos de irrealismo».

Na parte final do documento, afirma-se que o PS pode contar com um apoio crítico mas sério

vigilante mas assumido, por parte dos sectores independentes envolvidos no debate para a afirmação de uma nova esquerda, desde que saiba assumir as suas responsabilidades governamentais sem complacências face à corrupção e ao clientelismo, com ousadia na resposta aos desafios do presente e do futuro, sem espírito de compadrio nas nomeações, com transparência nos processos e nas intenções, da Comunicação Social ao Ensino, das Empresas Públicas à Saúde ou à Habitação.

Entretanto, na Madeira, PS e PSD tentam aproximar-se. Alberto João Jardim esteve ontem reunido, durante algumas horas, com o líder local do PS, Emanuel Jardim.

Segundo a ANOP, embora não tivesse havido comunicado final, ambos os dirigentes analisaram a forma como estão a evoluir as negociações que têm decorrido em Lisboa entre PS e PSD e as suas incidências em termos regionais.

Atraso na formação do Governo causa «perplexidade» lá fora

— afirma Lucas Pires

Bastou a Lucas Pires uma estada de pouco mais de 24 horas em Colónia (RFA) para se aperceber de que «o atraso na formação do Governo português está a causar perplexidade no estrangeiro».

O presidente da Comissão Política do CDS, que participou nos dias 24 e 25 do corrente no XXXI Congresso do CDU, acrescentou ontem à sua chegada a Lisboa que «a excessiva demora» na formação do executivo «é a causa principal» do agravamento da situação económica portuguesa.

Embora não se tenha deslocado à Grã-Bretanha, nesta sua viagem ao estrangeiro, Lucas Pires evocou o exemplo que representa aquele país «onde se realizarão eleições a 9 de Junho

e dois dias depois já haverá Governo».

Pronunciando-se sobre o Congresso do CDU, o líder do CDS referiu igualmente o bom acolhimento dispensado pelos congressistas à delegação que chefiou. Anunciou ainda que a 26 de Junho próximo uma delegação de 15 membros do seu partido visitará a Fundação Konrad Adenauer, a convite do CDU.

Outra visita já se encontra agendada pelo partido com sede no Largo Adelino Amaro da Costa: a de uma delegação oficial, que integrará membros da Comissão Governamental do CDS, e que se deslocará a convite do CDU à Alemanha Federal para tratar questões partidárias com a sua congénere alemã.

EXTERNATOS

ÁLVARES CABRAL

Av. Grão Vasco, 1
Tel. 706974,5
(Benfica)

MARQUÊS DE POMBAL

Rua Morais Soares, 93
Tel. 834658 - 831416
(Aç. Chile)

S. VICENTE

R. Edith Cavell, 8
Tel. 848864,5
(Aç. Chile)

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O ANO LECTIVO DE 1983/84

Através do ensino dos seus filhos

Comunidade portuguesa de Amesterdão luta contra colonização cultural

Com muito atraso tomámos conhecimento dum documento datado de Fevereiro último, subscrito pela subcomissão da comunidade portuguesa para o ensino em Amesterdão. O seu interesse justifica que, ainda com atraso, se lhe dê divulgação.

Da leitura, o mínimo que se conclui é que a comunidade portuguesa em Amesterdão luta (ou lutava na altura) para que o ensino da língua e cultura portuguesas tenha para os seus filhos o lugar que lhe é devido no contexto do ensino em geral na Holanda. Pode dizer-se, por outras palavras, que a comunidade portuguesa de Amesterdão luta pela sua sobrevivência, enquanto comunidade, com a sua língua e o seu património cultural autónomos, contra a colonização e o aniquilamento.

O documento contém um projecto elaborado por um grupo de estudo e do conteúdo depreende-se que as autoridades holandesas, no caso concreto, a Câmara de Amesterdão, pretendem submeter o ensino de português às condições de ensino nas escolas holandesas. Os horários ficariam ao arbítrio das administrações escolares holandesas que tentariam impor a integração das aulas de Língua Portuguesa no horário do funcionamento da escola obrigando, em consequência das suas conveniências e hábitos organizativos, as crianças portuguesas a escolher, por

exclusão, entre a escola holandesa e o ensino da Língua Portuguesa.

Pretendia igualmente a Câmara de Amesterdão que os professores portugueses se ocupassem apenas do ensino da Língua Portuguesa, ficando o ensino da Cultura, juntamente com o de todas as outras culturas, a cargo dum professor holandês. «Tais planos denunciam uma política de colonização e de intolerância das autoridades holandesas e o não reconhecimento de facto da existência de uma sociedade multicultural ou seja, diferenciada. Tais planos retiram todo o significado do ensino para a comunidade portuguesa, isolando por completo um do outro», afirma o grupo de estudo no projecto que elaborou.

Os professores portugueses, isolados, passariam a fazer parte do corpo docente da escola holandesa e a estar submetidos às decisões desse corpo docente. As relações entre o corpo docente português e o holandês parecem já não ser óptimas, situação que provavelmente se agravaria com as condições que as autoridades holandesas pretendiam impor.

«Para os professores holandesas», relata o grupo de estudo, «a escola é deles, não tendo os professores portugueses quaisquer direitos, não fazendo esta parte da escola. Os problemas e queixas são constantes, as

proibições, entraves e discriminações de toda a espécie na utilização do espaço e mobiliário são degradantes.

Contra este estado de coisas o grupo de estudo apresenta algumas reivindicações fundamentais como: o ensino de língua e cultura portuguesas deve estar a cargo de professores portugueses e deve ser ministrado numa única escola (para evitar a dispersão), em dois períodos, às quartas-feiras (duas horas por classe) e aos sábados (3 horas por classe).

Os professores portugueses pretendem ter um estatuto equiparado ao dos holandeses e ser reconhecidos pelas autoridades holandesas como o grupo docente português com direito a participar nas decisões que forem tomadas em relação ao ensino das crianças filhas dos emigrantes portugueses. Recusam-se a aceitar a divisão praticada pelas administrações escolares holandesas do ensino da língua e cultura portuguesas como ensino público, ensino protestante e ensino católico.

«O ensino da língua e cultura portuguesas é um ensino público, sendo inaceitável que as administrações escolares o dividam entre elas, isolando e criando cições religiosas inexistentes na comunidade portuguesa», afirma o grupo de estudo. O projecto pretende ser um reflexo dos interesses da comunidade portugue-

sa em Amesterdão e um instrumento de trabalho a discutir e negociar com as autoridades portuguesas e holandesas. Nele se salienta que o ensino da língua e cultura portuguesas é um elemento de união entre a comunidade portuguesa e um meio da sua afirmação como comunidade em Amesterdão, cuja população é multicultural, multirracial e multi-étnica. Este ensino constitui para as crianças filhas dos emigrantes portugueses um factor socializante, na medida que as ajuda a afirmar a sua identidade e a compensar a situação de desvantagem em que à partida se encontram em relação às crianças holandesas.

Os autores do projecto chamam a atenção para o facto de esta questão não poder ser subestimada «numa situação actual em que organizações de carácter claramente fascista se manifestam abertamente contra a permanência dos estrangeiros e seus direitos (...)».

O projecto foi revisto e assinado pela subcomissão da comunidade portuguesa para o ensino em Amesterdão, em que estão presentes ou representadas a comissão de pais, corpo docente, casa portuguesa, associação resistência e trabalho, grupo desportivo e recreativo «Os Lusitanos», movimento democrático das mulheres e círculo de cultura portuguesa.

M. M. A.

“Arquitectura” do Porto contra estágio

PORTO, 26 — Como forma de protesto contra a exigência de um estágio extra-curricular (que a escola não tem possibilidades de realizar e que desde há anos impede os finalistas de se licenciarem), os alunos de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto fizeram anteontem uma paralisação, uma vez que aquele estágio impede as suas aspirações profissionais. Assim, os estudantes bloquearam com tijolos as três entradas de acesso à escola e aproveitaram o dia para discutir os seus problemas, pintaram cartazes alusivos à «crise».

Recorde-se que os alunos que chegam ao 5.º ano, ao contrário do que sucede na Escola de Belas-Artes de Lisboa, vêem-se impedidos de atingir a licenciatura por ser exigido um estágio obrigatório a que só um pequeno número tem acesso. Um exemplo: dos cerca de 150 alunos que terminaram o curso desde 1980, apenas uma vintena fizeram o pedido de estágio.

Entretanto, os alunos exigem do Ministério da Educação a suspensão do regime de obrigatoriedade de estágio, a concessão de uma carta de curso a todos os alunos que completem os cinco anos da parte escolar exigível; e a formação de uma comissão de professores e alunos que elabore um estudo de estágio «de forma a salvaguardar os interesses e direitos dos alunos que tenham optado por um período complementar de aperfeiçoamento extracurricular».

tura por ser exigido um estágio obrigatório a que só um pequeno número tem acesso. Um exemplo: dos cerca de 150 alunos que terminaram o curso desde 1980, apenas uma vintena fizeram o pedido de estágio.

Aveiro Surto de meningite não é alarmante

A delegada de saúde em Aveiro disse à ANOP que o surto de meningite registado num colégio desta cidade não é alarmante e que, por isso, não exigiu que o estabelecimento fosse encerrado.

A melhor forma de prevenir o alastramento da epidemia consiste, disse Helena Pereira, na «expectativa armada».

Os casos de meningite ocorrem todos os anos e sucedendo, via de regra, a infecções das vias respiratórias superiores (amigdalites, otites, faringites, rinites) «e o melhor a fazer é estar-se atento à

evolução desses casos».

Considerou que a meningite, quando detectada a tempo e convenientemente medicada «só muito raras vezes é mortal».

Das três crianças afectadas pela doença no colégio do Sagrado Coração de Maria «uma já teve alta do hospital e o estado das restantes está perfeitamente controlado».

«Trata-se de três casos primários que correspondem a um mesmo contágio e os actuais conhecimentos de epidemiologia dispensam que os 350 alunos do colégio fiquem privados de aulas» — frisou

Dez anos de espera na Preparatória da Cova da Piedade

A escola preparatória da Cova da Piedade espera há dez anos que sejam criadas as condições para a prática de Educação Física.

A escola dispõe apenas de dois terrenos alcatroados que se destinam à criação de dois campos de jogos. Não existem balneários, nem espaço coberto ou quaisquer outras estruturas de apoio à disciplina de Educação Física.

Reconhecendo que a prática de Educação Física tem vindo progressivamente a assumir uma importância determinante no processo de desenvolvimento dos alunos, a escola tem estabelecido contactos com o Ministério da Educação, intensificados no ano lectivo corrente, para que a situação se modifique.

No entanto, além de promessas, nada mais foi conseguido. A equipa técnica da escola recebeu a informação oral por parte

das entidades responsáveis de que a construção dos balneários ficaria para segunda prioridade, sem data.

Contactos com a autarquia também não resultaram porque da sua competência apenas são as escolas do ensino primário. Haveria uma possibilidade de alargar a área da escola mas para isso ser feito teria que ser revogado o decreto-lei que cria o ramal da Margueira, em cuja construção as entidades envolvidas já não estarão, ao que consta, interessadas.

Entretanto, a escola sofre de todos os inconvenientes decorrentes da situação que, pensam os responsáveis da escola, tem que ser urgentemente alterada. A escola, alerta os pais, encarregados de educação e população em geral para a necessidade de apoiarem as iniciativas que vierem a ser tomadas para desbloqueamento do processo.

Regulamento da profissionalização em exercício

O regulamento da profissionalização em exercício dos professores dos ensinos preparatório e secundário das escolas oficiais foi hoje publicado no «Diário da República».

O diploma estabelece como intervenientes no processo de profissionalização em exercício o Conselho Orientador, as direcções-gerais de ensino, equipas de apoio pedagógico, orientadores pedagógicos, conselhos pedagógicos, delegados de grupo, subgrupo ou disciplina, conselhos de grupo, os professores em

profissionalização e outros órgãos de apoio à profissionalização.

As competências do Conselho Orientador, a organização das actividades da profissionalização e avaliação dos profissionalizandos são especificadas no diploma.

No mesmo «Diário da República» foi também publicado o regulamento da profissionalização em exercício nas escolas particulares e cooperativas dos ensinos preparatório e secundário.

Geografia Humana

Mais de uma centena de alunos da Faculdade de Letras de Lisboa visitaram recentemente o concelho de Loures para recolher elementos com vista a um trabalho sobre geografia humana.

Divididos em cinco grupos e acompanhados do professor da cadeira, Jorge Gaspar, os estudantes percorreram durante três dias as freguesias de Bucelas, São Julião do Tojal, Frielas, Unhos e Santa Iria da Azoia, con-

tactando as populações e recolhendo elementos sobre as suas condições de vida.

Ao recebê-los, o presidente da Câmara de Loures, Severiano Falcão, recordou que o concelho se transformou num imenso dormitório de onde saem diariamente 70 mil pessoas para os seus empregos. O vereador Eduardo Batista referiu que há no concelho 100 mil pessoas a viver em bairros clandestinos e mil em barracas.

TURISMO SOCIAL

• Conheça melhor o país que visita
• Viaje mais barato

URSS - 8 dias—Moscou e Leninegrado	49 000\$00*
- 15 dias—itinerários diversos	62 500\$00*
A. Central - 15 dias—Tachkent, Dujanbé	75 000\$00*
Cáucaso - 15 dias—Geórgia, Arménia, M. Cáspio	69 000\$00*
Bulgária - 15 dias—Sófia, Rila, Mar Negro	59 000\$00*
Hungria - 8 dias—Budapeste, Balaton, Danúbio	51 000\$00
RDA - 8 dias—Berlim, Leipzig, Dresden	58 000\$00
Grécia - 8 dias—Atenas, Circuito Clássico	66 000\$00

Muitas outras viagens

* Não sujeitas a eventuais desvalorizações do escudo
• Incluindo já todos os suplementos de Alta Estação

Pensão completa (Grécia M.P.) — Transportes internos
— Excursões — Visitas — Entradas — Espectáculos — Guias locais — Acompanhante português

— PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS —



Rua da Glória, 43
(Aos Restauradores)
1200 LISBOA
Tel. 373110-11
Alv. op. 414/83

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM

AVISO

CONCURSO PARA PROVIMENTO
DE UM LUGAR DE TÉCNICO PROFISSIONAL
DE CONSTRUÇÃO CIVIL DE 2ª CLASSE

Faz-se público que, até ao próximo dia 11 de Junho, se aceitam candidaturas para provimento do lugar em epígrafe, que corresponde o vencimento mensal líquido de 22 000\$00 (letra L).

Poderão candidatar-se todos os cidadãos que satisfaçam os requisitos do art. 6.º do Decreto-Regulamentar n.º 68/80, de 4 de Novembro e que possuam o curso de construtor civil ou equiparado.

Para mais esclarecimentos contactar a Secção de Pessoal desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente.

Paços do Concelho de Santiago do Cacém,
23 de Maio de 1983.

O Vereador do Pelouro do Pessoal,
António Joaquim Martins

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO-GERAL DOS HOSPITAIS

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO PARA O 2.º SEMESTRE DE 1983

CONCURSO	N.º 3-1244/83	— Azeite
"	" 3-1245/83	— Vinhos e Vinagres
"	" 3-1246/83	— Legumes Secos
"	" 3-1247/83	— Carnes Diversas
"	" 3-1252/83	— Fervas e Ervilhas Congeladas
"	" 3-1253/83	— Carnes Fritas
"	" 3-1254/83	— Salsicharia
"	" 3-1255/83	— Carne de Carneiro
"	" 3-1256/83	— Carne de Porco

CONCURSO PARA O 3.º TRIMESTRE DE 1983

CONCURSO	N.º 3-1248/83	— Batatas
"	" 3-1249/83	— Frutas
"	" 3-1250/83	— Hortaliças
"	" 3-1251/83	— Peixe Congelado

Os interessados poderão consultar os cadernos de encargos no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, situado no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 91, telef. 40525, em qualquer dia útil excepto ao sábado, das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas até à hora e data marcada para o recebimento das propostas, que devem dar entrada neste Serviço imprerivelmente até às 9,30 horas do dia 8/6/83, depois de efectuado o respectivo depósito provisório, serão abertas publicamente meia hora depois de terminado o prazo para a sua entrega.

Hospitais Civis de Lisboa, 23 de Maio de 1983

Pe'l'O CHEFE DE SERVIÇO
(assinatura ilegível)



RUA DE SANTA MARTA, 47 R/C ESQ. — 1100 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL
VOTAÇÃO DA ALTERAÇÃO DOS ESTATUTOS
DIA 31 DE MAIO DE 1983
LOCALIZAÇÃO DAS MESAS DE VOTO

A votação decorrerá entre as 10.00 e as 17.30 horas, tendo o Ministro da Reforma Administrativa concedido, pelo ofício J/8 de 9/5/83, as facilidades habituais para que todos os trabalhadores possam exercer o seu direito de voto, durante a hora de serviço, no período de tempo necessário.

Enumeram-se a seguir as mesas de voto, esclarecendo-se que, salvo poucas exceções, elas funcionam da forma e nos locais já habituais. Contudo para uma informação mais pormenorizada poderão ser consultados na sede e respectivas delegações do Sindicato os mapas e listagens com indicação da mesa de voto que corresponde a cada local de trabalho.

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

LISTAGEM DAS MESAS DE VOTO

MESA N.º	CONC. OU LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO DA MESA	MESA N.º	CONC. OU LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO DA MESA	MESA N.º	CONC. OU LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO DA MESA
DISTRITO DE BEJA						CONCELHO DE LISBOA		
001	Aljustrel	Centro de Saude	086	Santarem	Delegação Sindicato	178	Alameda - 1	Caixa P. Comercio
002	Almodôvar	Escola Preparatória	087	Santarem	Estação Zootecnica Nacional			(Al. D. Alfonso Henriques, 82)
003	Beja	Delegação do Sindicato	088	Santarem	Hospital Distrital	179	Alameda - 2	Posto Clínico n.º 11 006)
004	Beja	Hospital Distrital	089	Santarem	Escola Preparatoria			(R. Carvalho Araújo, 103)
005	Beja	Centro Reg. Seg. Social	090	Santarem	Centro Regional Seg. Social	232	Alameda - 3	Instituto Nacional Estatistica
006	Castro Verde	Caso do Povo	091	Tomar	Escola Secundária Jacome Ratton			(Av. Dr. António Jose de Almeida, 4)
007	Cuba	Hospital Concelhio	092	Torres Novas	Hospital Distrital	180	Alcântara	INIA (R. Janelas Verdes, 92)
008	F. do Alentejo	S. de Fomento Mineiro	093	V. Nova de Ourem	Esc. Secundária Polivalente	181	Alges	INIP (Alges Praia)
009	Mértola	Casa do Povo	DISTRITO DE SETÚBAL			182	Alvalade	Construções Escolares
010	Moura	Casa do Povo	094	Alcacer do Sal	Casa do Povo	183	Amoreiras	(Praça do Alvalade)
011	Odemira	Casa do Povo	095	Alcacer do Sal	Assoc. Regantes e Benef. V. do Sado			Ed. Ministério Ind. e Energia
012	Odemira	Viveiros Florestais	096	Almada	SMS - Centro Policlínico	184		(Av. Conselheiro Fernando Sousa)
014	Ourique	Escola Preparatória	097	Almada	Hospital Distrital			Inst. Nac. Meteor. e Geofísica
015	Serpa	Casa do Povo	098	Almada	SMS - Posto Clínico 15 052	185	Areiro	(Arruamento C. Aeroporto de Lisboa)
016	Vidigueira	Hospital Concelhio	099	Almada	Portagem Ponte 25 de Abril			Caixa Previdência Indústria
			100	Barreiro	SMS - Posto Clínico 15 004	186	Artimaria UM - 1	(Av. Alfonso Costa, lote 2)
			101	Barreiro	Hospital Distrital			Direcção Geral Viação
			102	Barreiro	Escola Secundária	233	Artilharia UM - 2	(R. Artilharia Um, 21)
			103	Barreiro	SMS - Posto Clínico 15 053			Caixa da CUF
			104	Grândola	Escola Preparatoria	187	Av. da Republica	(R. Francisco Manuel de Melo, 3)
			105	Moita	SMS - Posto Clínico 15 013			Cx. Nac. Seguros D. Profissionais
			106	Moita (A. Vedros)	SCM - Bar. A. Cidade	188	Av. 24 de Julho - 1	(Avenida da Republica, 25)
			112	Moita (B. Banheira)	SMG - Bar. da Banheira			Direcção Geral de Ensino Basico
			107	Montijo	Sindicato das Carnes	189	Av. 24 de Julho - 2	(Edifício ME - Av. 24 de Julho, 104)
			108	Montijo (Cruz Pegoes)	Parque Material Agrícola			Posto Clínico 11 210 (Central CUF)
			109	Montijo	Escola Secundária	190	Benfica	(Av. 24 de Julho, 104)
			110	Palmela	SMS - Posto Clínico 15 017			Posto Clínico 11 025
			121	Palmela	Escola Secundária			(Marechal Carmona)
			111	Santiago Cacem	SMS - Posto Clínico 15 032	234	Belem	(R. Jose Batista Sousa, 15)
			113	Santiago Cacem	G. A. Sines - Viveiros Sancha			Parque de Maquinas - JAE
			114	Santiago Cacem	G. A. Sines - Herdade Ortega	191	Cais do Sodre	(Av. India, 166)
			115	Seixal	Esc. Preparatoria da Amora			Caixa P. Maninha Mercante
			116	Seixal	Matadouro	192	Campo de Santana	(R. Boavista, 81, 3.º)
			117	Sesimbra	Escola Preparatoria			Hospital Capuchos
			118	Setubal	Delegação Sindicato	193	Chiado	(Al. St.º Antonio Capuchos, 7)
			123	Sines	União Sind. Sines e Sant. Cacem			Santa Casa da Misericórdia
			124	Sines	G. A. Sines - Depart. do Douro	194	Cidade Universitaria	(Largo Trindade Coelho)
			118-A	Setubal	Sede do CRSS de Setubal	195	Chile	Reitoria da Universidade Classica
								(Al. Cidade Universitaria)
								Hospital Arroios
								(R. Quinho da Fonseca)
						197	Conde Redondo - 2	Caixa dos Espectaculos
								(Av. Duque de Loule, n.º 126)
						198	Entre Campos	CNP (Ref.) Av. Republica, 92
						203	Entrecampos - 2	Caixa Nacional de Pensões
								(Refeitorio) Av. Republica
						199	E. U. A. (Av.) - 1	Servicos Cent. S.M.S.
								(A. Estados U. America, 77)
						200	E. U. A. (Av.) - 2	Cx. Previdência Servicos
								(Av. Estados U. America, 39)
						201	Comercio	Minist'rio Finanças e Plano
								(Pr. Comercio - Claustros)
						202	5 de Outubro	Servicos Centrais do M.E.
								(Av. 5 de Outubro, 107)
						204	Estefânia	Hospital D. Estefânia
								(R. Joaquim Bonifacio)
						205	Estrela	Caixa Prev. T. Porto de Lisboa
								(R. Buenos Aires, 15)
						206	Fac. de Ciências	Fac. de Ciências
								(R. Escola Politecnica)
						207	Graça	Soc. Beneficência "Voz Operario
								(Rua Voz do Operario)
						208	Hospital S. Maria	Hospital Santa Maria
								(R. Professor Egas Moniz)
						209	Junqueira - 1	Hospital Egas Moniz (R. Junqueira)
						210	Junqueira - 2	Cx. P. dos Trab. Migrantes
								(R. Junqueira, 112)
						211	LNEC	Lab. Nacional Engenharia Civil
								(Av. Brasil)
						212	Lumiar - 1	Hospital Pulido Valente
								(Al. Linhas Torres, 117)
						213	Lumiar - 2	Posto Clínico 10 066
								(Al. Linhas Torres, 117)
						214	Marvila	Posto Clínico 11 064
								(D. Dr. Estevão Vasconcelos)
						215	Martim Moniz	Hospital S. Jose
								(R. Jose Antonio Serrano)
						216	Matadouro - Moscos	Matadouro Fagorificio Lisboa
								(Rua Cons. Ferreira Amaral)
						217	Olivais	Infantario Olivais CRSS
								(R. Cidade Moçamedes)
						218	Praça de Espanha	Inst. Portugues de Oncologia
								(Av. Professor Lima Bastos)
						219	Palacio Ajuda	Palacio Nacional da Ajuda
						220	Pal. Necessidades	Palacio das Necessidades
								(L. das Necessidades)
						221	Praça de Londres	Edificio do M. do Trabalho
								(R. de Londres, 4)
						222	Restauradores	S. Mariana F. Comunicação Social
								(R. Restauradores-Palacio Foz)
						223	S. Sebastian	Posto Clínico 11 001 - Radiografia
								(Av. Ressaio Garcia, 2)
						224		Departamento Central Planeamento
								(Av. D. Carlos II)
						225	Capada Ajuda	Instituto Superior Agronomia
						226	Xabregas	D. Serv. Formação Profissional
								(R. Xabregas, 56)
						228	Visconde Vaimor	Cx. P. Ferroviarios
								(Av. Visconde Vaimor, 48)
						229	Marquês	Sede do Sindicato
								(R. Santa Maria, 47-r. c. Esq.º)
						231	Picoas	Maternidade Alfredo da Costa

MESA N.º	CONC. OU LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO DA MESA	MESA N.º	CONC. OU LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO DA MESA	MESA N.º	CONC. OU LOCALIDADE	LOCALIZAÇÃO DA MESA
017	Belmonte	Caso do Povo	094	Alcacer do Sal	Casa do Povo			
018	Castelo Branco	Delegação do Sindicato	095	Alcacer do Sal	Assoc. Regantes e Benef. V. do Sado			
019	Castelo Branco	Hospital Distrital	096	Almada	SMS - Centro Policlínico			
020	Castelo Branco	Serv. Médico-Sociais	097	Almada	Hospital Distrital			
021	Castelo Branco	Museu T. Proença Junior	098	Almada	SMS - Posto Clínico 15 052			
022	Covilhã	Escola Sec. Frei H. Pinto	099	Almada	Portagem Ponte 25 de Abril			
023	Covilhã	Hospital Distrital	100	Barreiro	SMS - Posto Clínico 15 004			
024	Covilhã	Centro Reg. de Seg. Social	101	Barreiro	Hospital Distrital			
025	Covilhã	Lar de S. Jose	102	Barreiro	Escola Secundária			
026	Fundão	Escola Sec. Polivalente	103	Barreiro	SMS - Posto Clínico 15 053			
027	Fundão	Hospital Concelhio	104	Grândola	Escola Preparatoria			
028	Fundão	Brigada Ag. Topog. da C. da Beira	105	Moita	SMS - Posto Clínico 15 013			
029	Idanha-a-Nova	Casa do Povo	106	Moita (A. Vedros)	SCM - Bar. A. Cidade			
030	Sertão	Escola Secundária	112	Moita (B. Banheira)	SMG - Bar. da Banheira			
			107	Montijo	Sindicato das Carnes			
			108	Montijo (Cruz Pegoes)	Parque Material Agrícola			
			109	Montijo	Escola Secundária			
			110	Palmela	SMS - Posto Clínico 15 017			
			121	Palmela	Escola Secundária			
			111	Santiago Cacem	SMS - Posto Clínico 15 032			
			113	Santiago Cacem	G. A. Sines - Viveiros Sancha			
			114	Santiago Cacem	G. A. Sines - Herdade Ortega			
			115	Seixal	Esc. Preparatoria da Amora			
			116	Seixal	Matadouro			
			117	Sesimbra	Escola Preparatoria			
			118	Setubal	Delegação Sindicato			
			123	Sines	União Sind. Sines e Sant. Cacem			
			124	Sines	G. A. Sines - Depart. do Douro			
			118-A	Setubal	Sede do CRSS de Setubal			

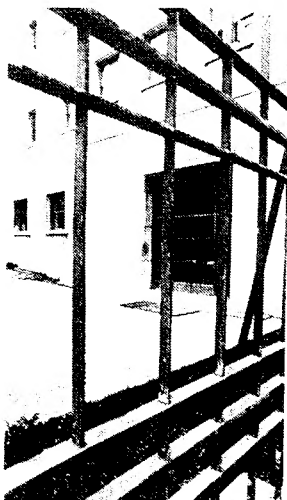
de ontem para hoje

Cantoneiro morto por automóvel conduzido por comandante da Marinha

Um carro conduzido pelo comandante da Marinha, Clarimundo Pereira, administrador da Transtejo, foi chocar, na madrugada de ontem, contra as traseiras de uma viatura da CML, que estava estacionada na Avenida Duarte Pacheco, em Lisboa, frente ao Liceu Charles Lepierre. Resultado: morte imediata de um cantoneiro, João Dias Diniz, de 54 anos, casado, natural de Penamacor, e a amputação da perna esquerda de um outro, Augusto Carvalho Nunes Esteves, de 23 anos. O comandante Clarimundo Pereira, que sofreu ferimentos ligeiros, deverá ter adormecido ao volante, pois, segundo testemunhas oculares, o automóvel circulava aos ziguezagues desde que passou o semáforo.

Registo automóvel «acessível» à PJ

A Polícia Judiciária passa a ter acesso, directo, à informação constante do registo automóvel, através dos seus terminais de computador. Essa informação pode ser transmitida a outras entidades, públicas ou privadas, mediante resolução do Conselho de Ministros. Segundo se pode ler no preâmbulo do diploma do Ministério da Justiça, «a investigação dos crimes de furto e tráfico de automóveis e a frequente utilização do automóvel na prática de crimes graves, impeliram à constatação da premência no acesso da Polícia Judiciária, através dos seus terminais de computador, à informação constante dos ficheiros magnéticos da aplicação do registo automóvel».



Suicídio de camponês desempregado

Um camponês de Santiago de Besteiros (Lousosa), com 56 anos e pai de oito filhos, pôs termo à vida, na sua residência. Aristides Leitão, que se encontrava desempregado há meses, enforcou-se e deixou um bilhete onde pedia desculpa pelo facto de ter utilizado a escada de um vizinho para a consumação do acto.

Espanhol assaltado por «travestis»

Um cidadão espanhol, cuja identidade não consta no auto de notícia da PSP, compareceu na Esquadra da Praça da Alegria a queixar-se de que, quando se dirigia para a sua viatura, estacionada na Avenida da Liberdade, foi abordado por um «travesti», que o induziu a deixá-lo entrar no

veículo, após o que seguiram para o Parque Eduardo VII. Chegadas ao local, e ainda segundo a narrativa do cidadão espanhol, apareceram mais dois «travestis» que, sob a ameaça de uma faca, lhe furtaram 8500 pesetas e um blusão.

Brigada de Minas e Armadilhas na GNR

À semelhança do que acontece com a PSP, a GNR passou a ser autorizada a possuir equipas especializadas em minas e armadilhas. Ao pessoal especializado será atribuída uma gratificação mensal de risco, no quantitativo de 25 por cento do vencimento base de segundo-sargento.

Amantes envenenam-se por «vergonha»

Com apenas duas horas de diferença, dois amantes puseram termo à vida em Regide (Felgueiras) ingerindo veneno para escarvalho. Eva de Azevedo, solteira, de 38 anos, empregada de limpeza, com uma filha de quinze anos de uma anterior ligação, e Justino

da Costa, de 49 anos, guarda numa fábrica, casado, e pai de seis filhos, teriam agido por «vergonha». Motivo: Eva estava grávida e ambos temiam que familiares e amigos viessem a descobrir os seus amores clandestinos.

Incêndio num armazém dos «Supermanos»

Um incêndio, presumivelmente de origem criminosa, destruiu uma vivenda em Queluz onde funcionava um armazém da firma Supermanos, causando prejuízos avaliados em quinhentos contos, entre electrodomésticos e mobiliário. A vivenda não possuía instalação eléctrica, pelo que está posta de parte a hipótese de curto-circuito. As chamas foram combatidas pelos Bombeiros de Queluz, Amadora e Carnaxide.

Aniversário da Escola de Sargentos

A Escola de Sargentos do Exército, sediada nas Caldas da Rainha, iniciou, ontem, as comemorações do segundo aniversário da sua fundação, com um sarau cultural realizado no salão dos Bombeiros Voluntários das Caldas, em que participaram a Tertúlia de Fados de Coimbra e elementos da Escola do Magistério Primário e da própria Escola de Sargentos. No dia 31 terá

lugar, no pavilhão gimnodesportivo local, um sarau recreativo e desportivo em que actuam a Orquestra Ligeira do Exército e as classes de saltos da ESE e da Academia Militar. As comemorações serão encerradas no dia 1 de Junho com um programa de natureza, essencialmente, militar, a que presidirá o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Lopes Alves.

Vários países reunidos em Bissau

Convenção do Direito do Mar vai ter tradução portuguesa

Delegados de Portugal e Brasil e dos países africanos de expressão oficial portuguesa estão a proceder em Bissau ao aperfeiçoamento técnico-jurídico da versão em português da convenção das Nações Unidas sobre o direito do mar.

Estão em Bissau delegados dos Governos do Brasil, Portugal, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. As delegações de Angola e Moçambique são esperadas amanhã.

Na sessão inaugural da reunião, o ministro da Justiça da Guiné-Bissau disse que a tradução para português, que está a ser concretizada pelos sete países da Convenção do Direito do Mar, «constitui um símbolo e um marco da cooperação cultural entre os nossos povos e o princípio da acção conjunta a nível internacional».

«Há que preservar e desenvolver o património cultural que nos é comum, no interesse conjunto dos nossos povos», disse o ministro guineense Fidelis Cabral Almada, referindo-se à língua portuguesa, comum aos sete Estados.

O chefe da delegação portuguesa, embaixador Pedro Pinto, falando em nome das delegações estrangeiras, disse que o facto de a tradução da Convenção estar a ser feita conjuntamente «revela uma intenção de colaboração e cooperação que é um passo decisivo para o futuro dos nossos povos». Esta reunião de Bissau prossegue trabalhos realizados anteriormente em reuniões efectuadas em Lisboa, S. Tomé e Príncipe, Cidade da Praia e Rio de Janeiro.

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar foi

adoptada na III Conferência das Nações Unidas, efectuada em Abril de 1982, e foi aberta às assinaturas dos Estados membros em Dezembro último, tendo sido já assinada por mais de 120 Estados.

Assistiram à sessão inaugural da reunião de Bissau os ministros guineenses dos Negócios Estrangeiros e da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, respectivamente Samba Lamine Mane e João Pinto, e os embaixadores de Portugal e Brasil em Bissau.

A delegação portuguesa é composta, ainda, pelo comandante Cabedo Ataíde, da Armada Portuguesa, e por mais cinco técnicos de Portugal e das Regiões Autónomas (Açores e Madeira).

Os trabalhos prolongam-se até 9 de Junho.

Segundo Embaixada do Egipto em Lisboa

Não havia turistas portugueses no barco que naufragou no Nilo

A embaixada do Egipto em Lisboa informou, ontem, que, nos 400 mortos, ou desaparecidos, no naufrágio no Nilo, terça-feira, não se conta, «ao que tudo indica», qualquer turista português.

A mesma fonte calculou em 20 a 25 o número desses turistas presentes no Egipto, para indicar que o desastre ocorreu, não com uma embarcação das utilizadas por tal tipo de viajantes, mas por egípcios que se deslocam, habitualmente, entre o seu país e o

Sudão.

Um operador de turismo de Faro, que nos últimos dias encaminhava para o Cairo (que a referida carreira fluvial não escala) dez turistas portugueses, também disse à ANOP ter confirmado a presença desses clientes no hotel daquela capital em que se alojam.

O naufrágio, provocado por incêndio nas caldeiras, verificou-se, conforme ontem noticiámos, quando o barco navegava de Assuão, no Sul do Egipto, para

Wadi Halfaka, no Norte do Sudão. No barco, viajavam 599 pessoas, entre as quais mais de 540 sudaneses e de 30 egípcios e 4 estrangeiros. As informações quanto ao número de mortos são, no entanto, contraditórias,

pois, enquanto algumas agências falam em 99, outras adiantam o número de 400. Na zona onde ocorreu o naufrágio, o Nilo tem 80 metros de profundidade e as suas águas estão infestadas de crocodilos.

Hotelaria marca Congresso

“Pôr o dedo na ferida” do turismo

«Pôr o dedo na ferida»: eis o que a Associação dos Hotéis de Portugal quer fazer no I Congresso de Hotelaria e Turismo que promoverá no Estoril entre 17 e 19 do próximo mês.

Os trabalhos terão como lema «para nós hotelaria motriz da renovação turística» e neles o Congresso propõe-se apontar os erros do passado e encontrar soluções que contrariem a actual

conjuntura desfavorável, não descurando as alterações estruturais de que o sector carece».

«As empresas da hotelaria e do turismo cabe a capacidade de acolhimento e do investimento», disse à ANOP Emídio Pinheiro, presidente da direcção daquela associação, realçando que é ao governo que cabe definir a política a seguir».

Emídio Pinheiro preconizou a necessidade de um diálogo entre os responsáveis da governação e da hotelaria e turismo de modo a poder definir-se as soluções mais favoráveis para o sector. «Isto para que os empresários possam planejar os projectos, que pensam concretizar e o investimento que pensam aplicar» — concluiu.

UMA CAMPANHA DE PUBLICIDADE DA INTERMARCO QUE FAZ SENSACÃO NA IMPRENSA INTERNACIONAL

É raro uma campanha de publicidade obter cobertura editorial na imprensa internacional, mas foi o que aconteceu com a actual campanha dos perfumes Lancôme.

A campanha foi criada por Arlene Hoffman e Nick Lamicella, respectivamente director criativo e director artístico da Agência Nova-Iorque INTERMARCO ADVERTISING. Modelo: Isabella Rossellini, a estrela que se afirma no mundo dos modelos.

A campanha inclui filmes de televisão e anúncios de imprensa que serão utilizados em numerosos países, com o objectivo de construir uma imagem mundial para a Lancôme. O facto de Isabella Rossellini

ser a filha da actriz Ingrid Bergman e do realizador Roberto Rossellini, bem como afirmar-se que o seu contrato de exclusividade é o de valor mais elevado alguma vez firmado por qualquer modelo (325 000 dólares por 35 dias de trabalho no ano) confere à história interesse suficiente para atrair as atenções de publicações como a «Time», «Le Figaro Magazine» ou a «Marie-Claire».

A INTERMARCO ADVERTISING é a agência nos Estados Unidos da rede internacional INTERMARCO-FARNER, a qual possui 20 agências em 16 países, entre as quais a INTERMARCO-ESPIRAL em Portugal.

Comemorações do Dia da Unidade Africana

O novo espírito de cooperação entre Portugal e a África foi ontem assinalado pelo embaixador de Marrocos em Lisboa, Moulay Slama Denvidame, durante uma recepção comemorativa do «Dia de África».

No discurso de Denvidame (decano do corpo diplomático africano em Lisboa), lido pelo encarregado de Negócios de S. Tomé e Príncipe, Fonseca Veloso, foram sublinhadas a solidariedade mantida pela África nos últimos 20 anos, as relações políticas, culturais e económicas entre os países do continente e a esperança de que se salvaguarda a unidade africana.

«Pertencer à grande família africana implica não se abster e prestar-se assistência mútua» — disse o orador, que historiou o movimento de emancipação da África e da Ásia, com particular ênfase para a assinatura da «Carta de Adis Abeba», em Maio de 1963.

«Um dos princípios de base sobre os quais assenta a Organização de Unidade Africana (OUA) é o da resolução pacífica dos diferendos diplomáticos ou de outra natureza, por via de negociações, de mediação, de conciliação ou de arbitragem» — afirmou-se também no discurso, feito em nome dos países da África com representação diplomática em Portugal.

«A situação na frica Austral permanece preocupante porque é inumana e dramática» — afirmou-se ainda no discurso da recepção, à qual o governo enviou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Vasco Futscher Pereira, e o secretário de Estado para a Cooperação e Desenvolvimento, Luís Fontoura.

O Presidente Ramalho Eanes fez-se representar pelo chefe da sua Casa Militar, almirante Silva Horta, e por um responsável da sua Casa Civil, Caldeira Guimarães.

O marechal Costa Gomes, o general Franco Charais, o almirante Rosa Coutinho, o tenente-coronel Saraiva de Carvalho e o major Mário Tomé eram alguns dos presentes na recepção.

Mais tarde, na Associação Portugal-Angola, teve lugar uma sessão comemorativa do «Dia da Libertação da África» (vigésimo aniversário da OUA) organizado pelas associações de amizade de Portugal com os países africanos de expressão oficial portuguesa.



SPGL

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES 1983/85

Estão afixados na sede e delegações do SPGL os cadernos eleitorais.

Chama-se a atenção dos delegados e sócios do SPGL para a necessidade de procederem à sua verificação. O prazo de reclamações decorrerá até 3 de Junho.

A Mesa da Assembleia Geral



GNR de Arcozelo impediu "linchamento"

Túmulo de "santa" Maria Adelaide profanado por um empregado bancário

Pouco depois do meio-dia de ontem um indivíduo que seria detido e identificado pela GNR como sendo o empregado bancário João Rodrigues Valério de 35 anos, residente em Vale de Madeiros, Canas de Senhorim, no concelho de Nelas, entrou na capela-jazigo de Arcozelo, Vila Nova de Gaia, onde se encontra o túmulo de vidro da «santa» Maria Adelaide e, com uma marreta, fez estilhaçar a protecção, atingindo em cheio o rosto da «santa».

O acto de vandalismo foi presenciado pelo trabalhador português João Maria de Pinho, que ali se encontrava com a esposa no cumprimento de uma promessa e que, apesar da surpresa, logrou deter o profanador até à chegada de uma força da GNR local, cujo posto fica a curta distância.

Não tardou que a notícia corresse célere pelas redondezas e, por isso, num curto espaço de tempo, juntou-se uma pequena multidão junto da capela-jazigo, a qual foi engrossando à medida que se avançava pela tarde adiante. Sobretudo, a partir do momento em que o sino da Igreja paroquial tocou a rebate. Estabeleceu-se, então, um clima de revolta, com a população concentrada defronte do posto da GNR a exigir a entrega imediata do autor do reprovável acto.

Numa «jogada» de antecipação, porém, o detido foi levado para fora de Arcozelo



Populares guardam capela onde está o jazigo da «santinha»

(presume-se que para o Porto) e, por isso, escapou ao «linchamento» que esteve iminente, quando a multidão avançou sobre o posto da GNR e tentou a penetração à força, convencida

de que o João Valério estaria lá dentro. Ante a resistência dos guardas — que, entretanto, solicitaram reforços ao comando no Porto —, populares, apedrejaram o posto. Nem um único vidro

ficou direito.

Segundo apurámos, o empregado bancário veio propositalmente da sua terra natal para cometer o inexplicável acto. Tão inexplicável quanto é certo que

os seus colegas de trabalho da Caixa Geral de Depósitos de Carregal do Sal sempre viram nele «um indivíduo calmo, extremamente religioso, que vai à missa todos os domingos e par-

ticipa activamente em todas as cerimónias religiosas.

Foi tenente da marinha e participou na guerra colonial, onde adquiriu o «vício» da droga que, aliás, viria a conduzir ao seu afastamento da vida militar.

Testemunhas oculares dos factos garantiram que o João Rodrigues Valério chegou a Arcozelo num táxi (que deve ter apanhado junto da estação ferroviária das Devesas, em Gaia) e trazia consigo um saco desportivo, sobre o qual se podia ver um ramo de flores.

«Parecia um devoto», disseram as pessoas. Entretanto, sabe-se que João Rodrigues Valério entregou um bilhete à GNR, no qual teria escrito a justificação do seu acto. A GNR, porém, escusou-se a divulgar o conteúdo do referido bilhete, o qual, no entanto, será junto ao processo.

O empregado bancário deverá ser ouvido hoje (o mais tardar amanhã) nos Juízos de Instrução Criminal de Vila Nova de Gaia, a quem compete decidir do futuro próximo do detido.

Os ânimos em Arcozelo, porém, continuam exaltados e, a exemplo do que aconteceu em 11 de Junho de 1981, quando a capela-jazigo foi assaltada por um «gang» — já julgado e condenado — a população mormente aqueles devotos mais fervorosos da «santinha», permanecem junto do túmulo profanado e multiplicam as suas preces para que justiça seja feita o mais depressa possível.

em duas páginas

● Bissau-Lisboa: vontade política

A presidente do Comité de Estado (Câmara) da cidade de Bissau disse que a geminação, de Bissau com Lisboa «corresponde à vontade política de maior aproximação e cooperação entre as duas cidades e os povos dos dois países».

Francisca Pereira inseriu a decisão dos responsáveis autárquicos das capitais guineense e portuguesa no desejo de corresponder a apelos, nomeadamente da Organização Internacional das Cidades Geminadas, para que se multipliquem os acordos naquele sentido.

A presidente do Comité de Estado de Bissau e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Kruz Abecasis, assinarão no dia 31 o acordo de geminação das duas capitais, no termo da visita oficial que o presidente da edilidade lisboeta iniciará amanhã acompanhado por três vereadores.

● Despejo em imóvel do Funchal

A Câmara Municipal do Funchal ordenou o despejo imediato de todas as partes do conjunto imobiliário do Infante, ilegalmente ocupadas —, revela uma nota daquela edilidade ontem divulgada.

A mesma comunicação adverte ainda que se esta ordem não for cumprida no prazo de 48 horas, a CMF se verá obrigada a fazê-la cumprir coercivamente.

Na base desta decisão — adianta a nota — está a não satisfação de diversos requisitos legais como a falta de instalações sanitárias na parte comercial, o não funcionamento dos elevadores, a falta de revestimento das paredes, o alçado sul por acabar e a não conclusão do parque de estacionamento.

● Guarda recusa utilização do BIG

A Câmara Municipal da Guarda manifestou a sua discordância face à preconizada utilização das instalações do ex-Batalhão de Infantaria da Guarda (BIG) pelo Instituto Português de Património Cultural e forças de segurança.

Esta posição foi deliberada pelo executivo municipal na última sessão da edilidade, em que afirma que o município possui para o local um estudo urbanístico e de utilização sócio cultural.

Abílio Curto, presidente do município, afirmou que a cedência das instalações da antiga messe de oficiais e outras áreas do antigo convento «são executadas à revelia da Câmara e dos seus municípios».

● Andamos mal de locomoção

O director do Serviço de Reumatologia do Hospital de São João, do Porto, disse em Lamego que um quarto dos doentes presentes às consultas de clínica geral sofrem do aparelho locomotor.

«Cerca de 25 por cento dos doentes que aparecem nas consultas de clínica geral sofrem do aparelho locomotor, sendo pois considerados doentes reumatológicos ou afins», disse o catedrático Lopes Vaz.

● Táxi de sete lugares

A «Caatsalgar», Cooperativa de Táxis do Concelho de Vila Real S. António, solicitou na quarta-feira autorização para instalar um automóvel de praça com 7 lugares, viatura que considera muito útil para o seu serviço.

Este pedido faz despoletar um processo junto da Câmara Municipal que trata já com a Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

● Emigrantes algarvios encontram-se

Um primeiro encontro de emigrantes algarvios decorrerá no final de Agosto, no Castelo de Paderne, em iniciativa do jornal regional «A Avezinha» — anunciou quarta-feira o periódico.

A iniciativa deverá ser repetida anual e rotativamente pelas localidades de mais forte surto migratório, como Loulé, Silves, Albufeira e São Brás de Alportel.

Algarvios destes concelhos emigram maciçamente para o Canadá, Estados Unidos, Venezuela, Argentina, Austrália e França.

● Peripneumonia faz mais baixas

A divisão de higiene e sanidade animal da Zona Centro abateu já 70 animais que padeciam de peripneumonia infecciosa — soube à ANOP, em Pombal.

Os 70 animais, todos reprovados para consumo e com lesões, foram abatidos nos concelhos de Cantanhede, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz e Coimbra.

O foco infeccioso grassa também, ao que parece, nos concelhos de Moimenta da Beira, Abergaria-a-Velha, Murtosa e Oliveira de Azeméis.

A Direcção Regional da Agricultura da Beira Litoral, organismo de que depende a divisão de higiene e sanidade animal, aguarda entretanto os resultados das análises laboratoriais a cerca de 2500 recolhas de sangue — concluiu o informador.

● Água para Idanha-a-Nova

Cerca de 90 por cento das freguesias do concelho de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, vão beneficiar de abastecimento de água nos próximos três anos — informou a edilidade local.

O concelho é constituído por 17 freguesias correspondendo a uma área de 417 quilómetros quadrados e a uma população de 17 mil habitantes.

Em 1974, destes núcleos populacionais, somente Idanha-a-Nova e Oledo possuíam abastecimento público de água.

O abastecimento de água vai beneficiar da capacidade das barragens de Idanha, Penha Garcia e Touliça.

A autarquia prevê a curto prazo o investimento de 500 milhões de escudos na construção de estações de tratamento de água e ampliação da estação da sede do concelho.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS E.F.F.A's

Assembleia Constituinte CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Artigo 56.º da Constituição da República e nos termos e para os efeitos do disposto nos n.ºs 1 e 2 do Artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 215-B/75, de 30 de Abril, convocam-se todos os trabalhadores civis que, independentemente da sua profissão, exerçam a sua actividade nos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas, para participarem na Assembleia Constituinte do Sindicato dos Trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas, a realizar nos dias 14, 15, 16 e 17 de Junho de 1983, nas horas e locais abaixo indicados, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Deliberar por voto directo e secreto, sobre a constituição do Sindicato
2. Aprovar os Estatutos e Regulamentos do Sindicato
3. Eleger a Comissão Directiva provisória

DIAS	LOCALIDADE	LOCAIS	HORAS
14 a 17	LISBOA	R. S. Julião, 72-3.º Dt.º Sede Sindicato	10 às 20
14	LISBOA	Av. Índia, junto à Est. Belém (C.P.)	7/10-12/13.30-17.30/19
14	LISBOA	R. Luciano Cordeiro, junto Av. Duque Loulé	14 às 16
14	LISBOA	R. S. José, junto à Deleg. 1 do Lab. Mil.	8 às 9.30
14/15	LARANJEIRO	R. dos Álamos, junto ao portão do Alfelte	7/8.30-12/14.30-16.30/18.30
14/15	C. PIEDADE	L. da Romelra, junto ao portão do Alfelte	7/8.30-12/14.30-16.30/18.30
14/15	LISBOA	C. do Sodré, junto ao cais embarq. Transtejo	6.30/7.30-18/19.30
14/15	LISBOA	R. da Junqueira, junto à Cordoaria Nac.	7/10-12/14-17/18.30
14/15	ALVERCA	Junto à Estação Alverca (C.P.)	7/9-12/14-17/19
15	CAXIAS	R. Gen. Norton Matos, junto à Messe Ofic.	14 às 16
15	LISBOA	Calç. Ajuda, junto aos portões 2.º/3.º Escalões	7.30/8.15-18/19
15/16	LISBOA	Trav. Grilo, junto ao portão da M. M.	7/9.30-11.45/14.15-17/19
15/16	LISBOA	R. do Grilo, junto ao portão relógio da M. M.	7/9.30-11/14.15-17/19
15/16	LISBOA	Av. Inf. D. Henrique, junto ao portão da M. M.	7/9.30-11/14.15-17/19
15/16	LISBOA	Cp. Sta. Clara, junto ao portão O.G.F.E.	7 às 14 — 17 às 19.30
15/16	LISBOA	Lg. Outeirinho Amendoeira — O.G.F.E.	7 às 14 — 17 às 19.30
15/16	LISBOA	Av. Alfredo Bensaúde, junto ao L.M.	7/9.15-12/14.30-18/19
16	LISBOA	R. Artilharia Um — junto ao Super da M.M.	13 às 15
16	COIMBRA	R. Nova, 1-1.º — Sind. Comércio e Escritórios	9 às 19
16	ENTRONCAM.	Junto aos Estabelecimentos da M.M.	11.30/14.30-17/19
17	C. PIEDADE	Est. Barrocas, junto ao Super Cordoaria	8/9.30-12/14-18/19
17	QUELUZ	R. Paulo R. Gil, junto ao Super M.M.	13 às 15
17	LISBOA	R. de Pedrouços, junto à Messe Oficiais	14 às 16
17	ÉVORA	Monte Alentejano, Rossio S. Brás	11.30/14-16.30/19
17	PORTO	Local a determinar oportunamente	a determinar oportunamente

NOTA: Os trabalhadores ao apresentarem-se para votar, devem fazer-se acompanhar do cartão de identificação do estabelecimento onde exercem a actividade.

Lisboa, 26 de Maio de 1983

A COMISSÃO PRÓ-SINDICATO

Greve na ENI porá em risco a laboração na Setenave

Em assembleia geral que se realiza a manhã, às 15 horas, nos estaleiros da Margueira, da Lisnave, os cerca de 1250 trabalhadores da Electricidade Naval e Industrial (ENI) vão decidir as formas de luta a adoptar e que passarão pela greve.

Segundo um comunicado emitido pela comissão de trabalhadores (CT), os responsáveis pela ENI «têm vindo sistematicamente a subestimar o crescente descontentamento dos trabalhadores» que tem «como causa principal as sucessivas irregularidades que, desde Setembro de 1982, se têm verificado no pagamento dos salários».

Os trabalhadores, que acusam os gestores de recusar o diálogo, responsabilizam-nos pelas consequências que possam advir das lutas que irão assumir.

Com efeito, a concretizar-se uma greve na ENI porá em risco a laboração da Setenave, nomeadamente o acabamento até Agosto próximo do superpetroleiro S106, que neste momento está numa fase de testes ao sistema eléctrico, a cargo da empresa.

Nete conflito estão em causa três questões principais, que irão ser analisadas na assembleia geral: o problema dos salários, que não são pagos regularmente; a falta de resposta às suas reivindicações de 25 por cento de aumentos salariais; e a sua posição à tentativa da administração de impor um sistema de polivalência de profissões.

A ENI é uma empresa dominada pela Lisnave (60 por cento do capital) pertencendo o restante ao Estado. Dedicar-se à montagem e assistência do ramo da electricidade naval e industrial, designadamente em empresas como a Quimigal e no projecto de Sines, além de outras empresas de construção e reparação naval.

Medicamenta volta a parar

Os trabalhadores da Medicamenta, que ontem interromperam a laboração durante duas horas, voltam hoje a paralisar por igual período, com o objectivo de demover a administração de aplicar aumentos salariais discriminatórios.

A paralisação de ontem, segundo uma fonte sindical, registou uma adesão de 62 por cento na fábrica situada em Queluz de Baixo e de 50 por cento nos escritórios da empresa, em Lisboa.

No entanto, «foi suficiente

Nova concentração do pessoal da SIPE

Os trabalhadores da Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos (SIPE) voltam a concentrar-se amanhã, às 15 e 30, junto aos escritórios da empresa, a fim de reclamarem o pagamento de três meses de salários em atraso, relativos ao ano passado.

Na concentração que ontem se realizou, pela segunda vez esta semana, participaram mais de 800 dos 840 trabalhadores da SIPE, segundo um dirigente sindical.

O pessoal desta empresa vai decidir, em plenário a realizar na próxima terça-feira, o eventual agravamento das formas de luta, no caso de a administração não regularizar, entretanto, a questão dos salários.

Indústria naval define hoje acções de luta a desenvolver

Os trabalhadores da indústria naval dos distritos de Lisboa e Setúbal decidem, hoje, em assembleias gerais, nas empresas do sector, o tipo de acções de luta que vão desenvolver.

Nos estaleiros navais do concelho de Almada (Lisnave, Parry and Son, Sociedade de Reparação de Navios e Companhia Portuguesa de Pescas), as assembleias gerais tiveram início a meio da manhã, enquanto que a dos estaleiros da Setenave, em Setúbal, foi marcada para as 15 horas.

A decisão de convocar as assembleias gerais de trabalhadores foi tomada, na quarta-feira, pela Coordenadora das Organizações da Indústria Naval, reunida na Federação dos Metalúrgicos.

No final das assembleias, e segundo a proposta da comis-

são coordenadora, os trabalhadores daquelas empresas desencadearão uma acção conjunta, fora dos estaleiros.

Essa acção destina-se a divulgar, publicamente, a grave situação laboral que se vive, actualmente, nas empresas de construção e reparação naval.

De referir que, em várias empresas, os salários têm sido pagos com atrasos e, na Lisnave, os trabalhadores não receberam parte substancial dos vencimentos de Abril.

Segundo os trabalhadores, o conjunto de medidas adoptadas, nos últimos meses, pelas administrações das empresas de construção naval, evidenciam a existência de um plano de entrega deste sector ao capital privado, que passa pelo desmantelamento da actual economia das empresas, nacionalizadas ou participadas.

Concentração de ferroviários

Como já noticiámos, a Federação dos Sindicatos Ferroviários convocou, para as 16 horas de hoje, uma concentração frente ao edifício do Conselho de Gerência da CP, na Calçada do Duque, em Lisboa. Os trabalhadores manifestarão o seu repúdio pelos despedimentos decididos pelo ministro dos Transportes e contra a atitude intransigente da gerência, assumida durante as negociações do acordo de empresa.

Reclamarão, igualmente, o pagamento pontual dos seus salários «repudiando os atrasos que se têm verificado na CP, como forma de chantagem por parte do Governo e do CG», segundo um documento emitido pela federação sindical.

Lusofane

Trabalhadores querem negociar caderno reivindicativo

Os trabalhadores da Lusofane aprovaram, em plenário, a realização de uma paralisação de 24 horas, com início na manhã do dia 31 de Maio, para pressionar a administração da empresa a negociar o seu caderno reivindicativo.

Um comunicado da direcção do Sindicato dos Químicos do Centro e Ilhas acusa a administração da Lusofane, parte integrante do projecto Quimigal, de se recusar a negociar as propostas de aumentos salariais apresentadas pelos trabalhadores, que orçam a cerca de cinco milhões de escudos por ano, quan-

do atribui «viaturas e senhas de gasolina, de aproximadamente dez milhões de escudos por ano» a dez quadros.

«Não se pode pagar justamente à maioria dos trabalhadores, e concedem-se benesses para fuga aos impostos a uma minoria» — afirma o texto.

Os trabalhadores da Lusofane reivindicam aumentos salariais de 22,6 por cento e subsídio

de alimentação de 230 escudos.

A empresa tem proposto aumentos de 19 por cento e subsídios de alimentação de 210 escudos para os trabalhadores de Lisboa e 200 escudos para os do Cartaxo.

O comunicado sindical acrescenta que os trabalhadores estão dispostos a desbloquear a greve se «a empresa apresentar uma proposta justa».

Diz a administração

Dificuldades da Lisnave devem-se à falta de trabalho

A administração da Lisnave afirmou ontem que a paralisação de terça-feira na empresa ocorreu apenas durante duas horas em cada turno, pelo que não afectou os prazos nem a qualidade técnica dos serviços.

Em comunicado, a administração diz que as dificuldades da Lisnave são resultantes da falta de trabalho e semelhantes às de idênticos estaleiros em todo o mundo e que espera ver resolvidas «mediante os indispensáveis apoios oficiais que recentemente requereu ao Governo».

Considera que «será no con-

texto do processo de redimensionamento e viabilização da empresa, com a participação construtiva de todas as partes interessadas» que os problemas da empresa poderão ser «resolvidos de forma integrada, justa e consistente».

O comunicado afirma que os órgãos representativos dos trabalhadores da Lisnave têm sido informados dos passos dados para garantir a sobrevivência daquela empresa «de tão grande importância social e económica e de tão grande peso na captação de divisas para o País».

Pela revisão do AE

Mantém-se a luta na Siderurgia

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional iniciaram, ontem, uma greve às horas extraordinárias e efectuaram uma paralisação simbólica de meia hora.

Esta forma de luta, decidida em plenário do dia 19, teve como objectivo apoiar os representantes das comissões de trabalhadores e intersindical e, ainda, a comissão negociadora sindical que, à porta do Ministério do Trabalho, exigiram a abertura das negociações para a revisão do acordo de empresa (AE) e denunciaram, junto da opinião pública, o bloqueio a que têm sido sujeitas.

A greve repete-se, hoje e amanhã, à mesma hora, devendo os trabalhadores da unidade da Maia aderir também.

A ausência de resposta do

conselho de gerência e do Governo, poderá desencadear o endurecimento da luta. Desta forma, está já prevista, para a próxima segunda-feira, uma reunião a nível nacional de dirigentes sindicais da Siderurgia Nacional, que farão o ponto da situação e estudarão as medidas a tomar.

O pessoal da Siderurgia pretende conseguir aumentos de 26 por cento, enquanto o conselho de gerência apresentou uma proposta de, apenas, 10 por cento, tendo o Ministério do Trabalho encerrado a fase de conciliação das negociações e 20 de Abril.

A Siderurgia Nacional tem instalações no Seixal e na Maia e emprega mais de 6300 trabalhadores.

Sindicato madeirense acusa o Governo de legislar contra a Constituição

O Sindicato da Indústria de Bordados da Madeira protestou no Funchal contra a aprovação pelo Governo, de legislação que permite a suspensão de trabalhadores em empresas em «situação económica difícil».

Em comunicado, aquela estrutura sindical afirma que o Governo de Pinto Balsemão «não tem legitimidade qualquer para tomar medidas desta natureza e gravidade, estando a legislar contra a própria Constituição».

O sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bordados da Madeira afirma que «atacar o pão daqueles que trabalham é para o Governo da defunta AD uma formalidade administrativa, precedente de ex-

trema gravidade, destinada a facilitar o trabalho do seu sucessor, o governo PS-PSD».

«Que irá fazer Mário Soares perante tal brutalidade política e ilegal? Irá aproveitar-se dela a pretexto da crise de que se trata de um facto consumado? Irão Mário Soares e os seus parceiros do PSD atacar o grande capital para romper a crise a favor do povo trabalhador?» — interroga-se o sindicato.

A estrutura sindical madeirense apela «à luta dos trabalhadores pelos seus direitos contra o Pacto Social, contra a política de fazer os trabalhadores pagar a maior fatia da crise provocada pelos capitalistas».

Jornada de luta nos CTT

Promoções com justiça e igualdade e o início imediato das negociações dos acordos de empresa (AE) salarial e global estão na origem da convocação de uma jornada de luta dos trabalhadores dos CTT que hoje se realiza em Lisboa e no Porto.

Convocada pelo Secretariado Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações

(SNTCT) e a direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Sector de Telecomunicações dos CTT (SINTEL), esta acção desencadeou-se esta manhã, pelas 9 e 30 horas, nas instalações daquela empresa pública, na Rua de S. José, na capital, estando prevista para as 19 horas a sua realização, no Porto, na Praça Humberto Delgado.

Dirigentes da CIL reúnem-se no sábado

A análise da situação político-sindical e a aplicação das conclusões do IV Congresso da CGTP são os principais pontos da ordem de trabalhos da reunião de dirigentes, delegados e membros das comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa que se realiza, no sábado, na Voz do Operário.

O plenário foi convocado conjuntamente pela União dos Sindicatos de Lisboa e pela coordenadora das CT's da cintura industrial de Lisboa (CIL).

Seminário da OIT

Tem hoje início, na Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho, no Porto, um seminário sobre a ac-

tividade normativa da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Orientada por dois técnicos do Bureau Internacional do Trabalho (BIT), a iniciativa segue-se a uma outra realizada em Lisboa, no âmbito das actividades formativas do serviço de organização e gestão de pessoal do Ministério do Trabalho.

Esta promoveu a formação de uma lista candidata única que se apresenta ao escrutínio de hoje.

Eleições para o Sindicato dos Médicos do Norte

Os médicos que se inscreveram no sindicato até 10 do corrente mês poderão participar, hoje e amanhã, na eleição dos corpos gerentes do Sindicato dos Médicos do Norte.

As mesas de voto funcionam entre as 10 e as 20 horas em

vários hospitais da região, designadamente, nos hospitais centrais do Porto; no de Vila Nova de Gaia; de S. Marcos, em Braga; e, ainda, nos hospitais distritais de Bragança, Vila Real e Viana do Castelo. Recorde-se que o SMN foi criado há um ano,

Trabalhadores da RN exigem rápida conclusão das negociações do AE

Estruturas laborais da Rodoviária Nacional, ontem reunidos em plenário, exigiram ao conselho de gerência da empresa «a rápida conclusão do processo negocial numa base que permita aos trabalhadores recuperarem o poder de compra perdido».

O plenário, que reuniu em Lisboa dirigentes, delegados sindicais e membros das subcomissões de trabalhadores da RN, classificou de «passo positivo» a apresentação de uma proposta negocial pelo conselho de gerência da empresa, considerando-a «fruto da luta dos trabalhadores».

Em comunicado divulgado pela Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU), as estruturas laborais da RN sublinham que, no entanto, a percentagem de aumentos salariais contida na proposta do conselho de gerência é «manifestamente baixa face ao aumento do custo de vida».

O plenário — refere o texto — decidiu «dar plenos poderes à FESTRU para desencadear as formas de luta julgadas necessárias à ultrapassagem de qualquer conflito negocial e à defesa dos legítimos direitos e interesses dos trabalhadores».

Governos africanos em dificuldade para satisfazerem compromissos financeiros

A dívida externa de toda a África é menor do que a do Brasil, mas cada vez mais os governos africanos se encontram na impossibilidade de satisfazer as suas obrigações financeiras internacionais.

O rendimento por habitante diminuiu em 1981 e 1982 e esse continente, que cada vez menos consegue alimentar-se, descobre que acumulou dívidas — avaliadas em 90 mil milhões de dólares (Brasil — 95 mil milhões) — que ultrapassam as suas capacidades de reembolso actuais.

A Zâmbia, depois de ter anunciado que suspendia o reembolso da sua dívida, conseguiu esta semana um balão de oxigénio sob forma do reescalonamento dos seus compromissos, autorizado pelos seus credores reunidos no âmbito do «Clube de Paris». Antes dela, dez outros países africanos tiveram de pedir, nos últimos dois anos, um período de tréguas aos seus credores.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) faz, agora, parte da actualidade económica africana, tal como a seca ou a cotação do café. Desde o princípio do ano, quatro governos tiveram de recorrer aos seus serviços para reequilibrar a sua Balança de Pagamentos, o que eleva para quinze, incluindo a África do Sul, o número de governos africanos actualmente ligados ao FMI.

Pelo menos cinco outros países (Gana, Nigéria, Ilhas Maurícias, Zaire e Tanzânia) estão prestes a negociar uma ajuda do FMI.

Na origem deste desmoronamento, até agora controlado, está a diminuição dos rendimentos de exportação da África em 1982, surgida quando as reservas em divisas estavam esgotadas depois do segundo choque dos preços do petróleo.

Segundo o relatório anual do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) que acaba de reunir a sua Assembleia anual em

Nairobi (Quênia) «os preços da maior parte das exportações de produtos de base (de África) caíram ao nível mais baixo em termos reais desde há trinta anos».

Em 1982, as cotações do cacau e do açúcar acusaram uma queda de 27 e 51 por cento respectivamente. As do café subiram ligeiramente mas a produção diminuiu. A produção mineira sofreu directamente os efeitos da depressão mundial e as cotações do cobre caíram ao seu nível mais baixo desde há trinta anos, indicou o BAD.

Os países africanos produtores de petróleo não foram poupados: tiveram de diminuir a sua produção para defender os preços e as suas receitas entraram em queda livre.

Perspectivas não são brilhantes

As perspectivas neste domínio não são brilhantes. O minis-

tro das Finanças nigeriano, Victor Masi, notava recentemente que não há indicações de uma melhoria significativa do mercado mundial das matérias-primas.

Além disso, a ajuda pública ao desenvolvimento, proveniente dos países desenvolvidos e da OPEP, está a estagnar e os países africanos devem recorrer cada vez mais à banca privada que empreste a taxa de juro próximas dos 15 por cento, contra cerca de 5 por cento para a ajuda pública, e a curto e médio prazo.

Nos países africanos a sul do Saara o serviço da dívida dos seus créditos privados representa agora 64 por cento do total do serviço da dívida, ou seja, uma duplicação em dois anos. Se bem que a dívida externa da África seja «menos do que da América Latina e das Caraíbas», a intervenção dos bancos privados atingiu o máximo.

Helmut Kohl rejeita proposta da Comissão da CEE

O chanceler alemão federal Helmut Kohl rejeitou hoje a proposta da comissão europeia de elevar de 1 para 1,4 por cento a parte do imposto sobre o valor acrescentado, detinada a financiar o orçamento comunitário.

Kohl justificou a sua recusa dizendo que o aumento proposto pela comissão implicaria, para a Alemanha Federal, um encargo extra, anual, em vez de uma

economia que o orçamento para 1984 prevê neste aspecto.

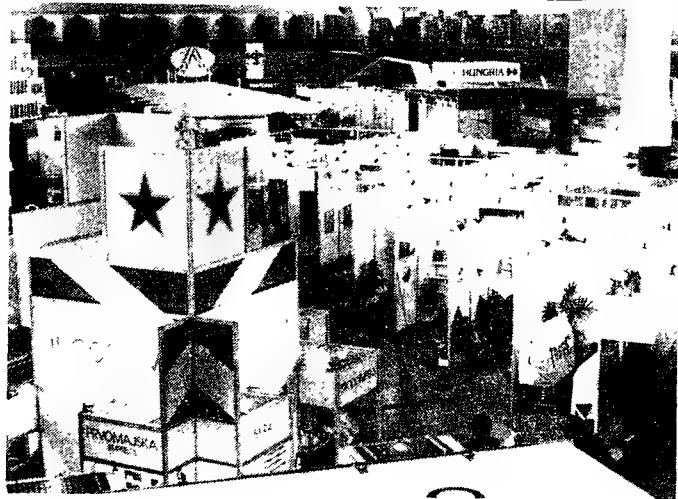
Alguns observadores consideram que esta negativa, manifestada por Kohl no seu discurso inaugural do Congresso Federal da União Democrata-Cristã, da qual é presidente, pode dificultar a entrada de Portugal e Espanha na CEE, da qual a República Federal da Alemanha se tem declarado uma defensora acérrima.

APEC promove debate sobre estabilização económica

A Associação Portuguesa de Economistas vai promover na próxima semana, um debate sobre as políticas de estabilização económica em Portugal, com a participação do antigo ministro das Finanças, Silva Lopes.

O debate, aberto a sócios e não sócios da APEC, vai decor-

rer segunda-feira durante um almoço e na terça-feira num painel, com a participação de Teodora Cardoso, do Banco de Portugal, Miguel Cadilhe, secretário de Estado do Planeamento no Governo de Sá Carneiro e Mário Murteira, ministro das Finanças do quinto Governo provisório e nosso habitual colaborador.



FIL abriu ao público

Especialmente dedicada aos transportes, mas contemplando igualmente todos os sectores habitualmente nela representados, a FIL abriu ontem as suas portas ao público. A 24.ª edição do certame estará patente nos pavilhões da Junqueira até ao dia 5 de Junho.

Cimeira da Comunidade Económica de Estados da África Ocidental

A Comunidade Económica de Estados da África Ocidental (CEDEAO) efectua uma cimeira em Conacri de hoje até 29 de Maio.

Um dos projectos a debater, é o de um tratado de assistência mútua em matéria de defesa, enquanto outras preocupações se situam nos domínios da agricultura, energia, comércio e cultura.

A CEDEAO foi fundada a 28 de Maio de 1975 na cidade de Lagos, Nigéria, por 15 países africanos.

Constituída pela Costa do Marfim, Benim, Gâmbia, Ghana, Guiné-Bissau, Alto Volta, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo, aos quais se juntou Cabo Verde em 16 de Março de 1977, a CEDEAO abrange uma população de cerca de 150 milhões.

O objectivo desta organização é criar uma comunidade onde sejam eliminadas, progressivamente, as barreiras alfandegárias e as restrições à livre circulação de pessoas, serviços e capitais. Pretende lançar, paralelamente, as bases de uma política comum de industrialização e de desenvolvimento integrado.

Para alcançar esses objectivos, definiram-se três grandes áreas de actuação: o sector económico, que agrupa a agricultura, a indústria, a energia, os transportes, as telecomunicações, os recursos naturais e o comércio, o sector monetário e financeiro e o sector social e cultural.

Dentro destes pressupostos, foi decidida em Maio de 1981 a

eliminação de todas as barreiras alfandegárias para os produtos oriundos dos países membros. Nessa mesma data, a comunidade dispunha já de um fundo de cooperação, compensação e desenvolvimento com um capital de 500 milhões de dólares (cerca de 50 milhões de contos).

Este fundo destina-se, entre outros objectivos, a compensar os Estados membros prejudicados pela aplicação das disposições aduaneiras do tratado de Lagos ou pela implantação de empreendimentos comunitários e a apoiar financeiramente projectos de valorização de interesse nacional ou comunitário.

Ainda em 1981, foi assinado em Abidjan, capital da Costa do Marfim, um tratado destinado a proteger da poluição as águas costeiras dos países signatários.

No âmbito deste acordo, que prevê que barcos da Marinha de um país persigam os petroleiros poluidores das águas de outro, criou-se um fundo especial para a execução de um programa de investigação e supervisão nas áreas onde escasseiam informações científicas sobre a poluição marinha.

Entretanto, em 1979, visando a aplicação gradual dos princípios do Tratado de Lagos, foi assinado em Dakar (Senegal), um protocolo relativo ao direito dos cidadãos da comunidade de circular, residir ou estabelecer-se em qualquer dos 16 países membros.

Este direito deverá concretizar-se por etapas ao longo de 15 anos entrando definitiva e plenamente em vigor em 1994.

A festa começa.

Eu posso conduzir quando bebo.

2 bebidas mais tarde.

Eu posso conduzir quando bebo.

Depois de 4 bebidas.

Eu posso conduzir quando bebo.

Após 5 bebidas.

Eu posso conduzir quando bebo.

7 bebidas ao todo.

Eu posso conduzir quando bebo.

Quanto mais se bebe, mais coordenação se perde.

Isto é um facto, claro e simples.

Mas, há pessoas que bebem em excesso e depois julgam-se capazes de controlar um automóvel.

Quando você bebe demasiado não pode controlar um automóvel.

Você não consegue sequer controlar uma caneta...



Aprece a nossa qualidade com moderação.

A "Lei Savary" no parlamento francês

Profissionalização, selecção e sectorização são os objectivos

O Parlamento francês prossegue o debate sobre o projecto de lei de reforma universitária, mais conhecido como «Lei Savary», contestada pelos estudantes.

Dada a maioria de que dispõe no Parlamento, o Partido Socialista Francês, não há dúvidas sobre os resultados do debate, que deverá concluir com a aprovação, ainda esta semana, dos 68 artigos da «Lei Savary», embora sejam, também, previstas algumas emendas ao projecto inicial.

A reforma, que motivou dois meses de greves e manifestações estudantis, a mais recente terça-feira, em Paris, frente à sede do Parlamento, será aplicada, a partir do ano lectivo 1984-85.

A maior oposição à «Lei Savary» é protagonizada pelas Faculdades de Direito, Medicina e Farmácia, que se distinguiram sempre, na história do movimento estudantil francês, pelas posições conservadoras.

Durante o «Maio 68» as Faculdades de Direito, e, menor grau, as de Medicina, foram «baluartes conservadores» contra a revolta estudantil que alastrava nas Faculdades de Letras e Ciências.

Os aspectos mais polémicos da «Reforma Savary» são os três objectivos perseguidos: profissionalização, selecção e sectorização.

A «sectorização» pretende obrigar os estudantes a matricular-se nos centros universitários da zona ou região de residência, acabando com o privilégio das famílias mais abastadas de mandar os filhos estudar nas Universidades mais prestigiadas de Paris, ou, pelo contrário, numa Faculdade de província considerada «menos exigente» do ponto de vista de exames.

O projecto Savary prevê um

processo de selecção, qualificado de «excepcional», a efectuar ao início do segundo ciclo de estudos superiores, quer dizer, após o exame de licenciatura.

Finalmente, a «profissionalização» tem como objectivo adaptar melhor o processo de formação e graduação às necessidades do mercado de emprego, com uma mais estreita colaboração entre as Universidades e o sector empresarial e profissional, mediante estágios e «pré-contratos», de trabalho ou investigação.

A luta contra a «profissionalização» é uma posição tradicional da esquerda francesa, que a considera como uma ameaça contra a independência do ensino superior em relação ao poder económico, privado ou público.

Tradicionalmente, também, os sindicatos, estudantis e outros, opuseram-se ao reforço da «selecção», e vêem nele uma limitação ao direito democrático de todos ao ensino e à cultura, que acaba, quase sempre, por desfavorecer os estudantes saídos das camadas mais populares, já fortemente minoritários no ensino superior: actualmente, há 29 por cento de filhos de operários, empregados e pequenos funcionários entre os estudantes franceses de Letras e Ciências Humanas, 28 por cento nas Faculdades de Ciências Económicas, 27 por cento nas de Direito, 25 por cento nas de Ciências, e, apenas, 19 por cento, nas de Medicina.

Os sectores mais conservadores da Universidade, estudantes e docentes, defendem privilégios adquiridos e interesses corporativos e aspiram ao restabelecimento do «numerus clausus» ou, pelo menos, a uma selecção mais radical no ingresso no en-

sino superior.

As manifestações a que deu lugar o projecto Savary confirmaram o carácter contraditório das reivindicações e dos protestos, e a ausência de uma alternativa clara ao projecto governamental.

Neles predominam as reacções de medo a um futuro considerado incerto, devido às crises económicas que dificultam o acesso ao emprego dos jovens diplomados.

As três manifestações que terça-feira convergiram frente à sede do Parlamento Francês tinham palavras de ordem e objectivos diferentes. A primeira, convocada pela «Coordenadora de Estudantes e Professores» expressava interesses claramente «conservadores», em defesa do actual sistema.

A segunda, organizada pelos sindicatos e grupos esquerdistas, centrava o protesto contra o projecto de «profissionalização». Uma terceira manifestação, dos independentes, condena as manipulações políticas da Universidade e exige uma «reforma séria», de uma instituição cuja «crise» é anterior ao «Maio 68» e tem sido motivo de períodos de agitação, como em 1968 e 1976.

Balanco dos incidentes

As manifestações de terça-feira causaram 131 feridos, segundo informou ontem a Polícia francesa.

Os confrontos entre manifestantes e forças de segurança iniciaram-se, segundo o mesmo informador, ao princípio da tarde e prolongaram-se até à madrugada de ontem.

Os primeiros incidentes teriam sido provocados por um grupo de

cerca de 300 manifestantes, que se negaram a obedecer à ordem de dispersar após uma concentração em que participaram cerca de 15 000 estudantes e professores, frente ao Parlamento de Paris.

Manifestantes, agrupados na margem esquerda do Sena, e polícias, concentrados ao outro lado do rio, travaram os primeiros combates sobre a ponte Alexandre III, com pedras e granadas lacrimogéneas.

Ao princípio da noite, os grupos de manifestantes de extrema-direita, a quem a Polícia francesa atribui a responsabilidade dos incidentes, retiraram-se para o interior do «Quartier Latin» levantando barricadas nas ruas principais.

Foi nesta altura que identificaram, e atacaram, o carro oficial do ministro da Cultura, Jack Lang, que foi obrigado a refugiar-se em casa de um amigo, o pintor Jean Dubuffet, enquanto o motorista era agredido pelos manifestantes.

Os manifestantes invadiram e ocuparam o supermercado «Carrefour», onde resistiram, até à meia-noite, aos assaltos da Polícia para os desalojar.

De novo na rua, os estudantes tentaram ainda incendiar vários carros estacionados na via pública, e a calma não voltou ao Quartier Latin» antes das 2 h 00 de ontem.

Manifestações e confrontos verificaram-se também, pelos mesmos motivos, em várias cidades francesas.

Em Bordéus, um elemento das Companhias Republicanas de Segurança (CRS) foi gravemente ferido, e em Montpellier, no Sul da França, um grupo de 50 estudantes ocupou a Faculdade de Direito.

Senado dos EUA aprovou fundos para o MX

O Senado norte-americano aprovou ontem por 59 votos contra 39, os primeiros 625 milhões de dólares para o fabrico e ensaio de voo do míssil MX.

A Câmara de Representantes tinha aprovado terça-feira a mesma resolução, por 239 votos contra 186, pelo que o Pentágono recebeu «luz verde» para iniciar a primeira fase da produção do supermíssil de dez ogivas nucleares.

Dos 625 milhões de dólares aprovados, cerca de 65 destinam-se aos ensaios do voo do míssil e outros 560 milhões a «investigação e desenvolvimento».

O voto do Senado foi precedido da mesma disputa que caracterizou a polémica em torno do MX desde que foi apresentado o projecto.

O senador democrata Edward Kennedy, que se opõe ao supermíssil disse que provocará uma desnecessária escalada da corrida armamentista e exortou a Câmara, em vão, a rejeitar o projecto «antes que fosse demasiado tarde».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Israel acusa "acordo"

Apesar da total imprevisibilidade dos próximos acontecimentos no Médio Oriente, notícias hoje providas de Telavive parecem indicar que Israel se sente muito tentado a uma acção militar-relâmpago, que estará iminente (talvez por horas) contra as forças sírio-palestinas no vale de Bekaa (Libano). Contudo a guerra israelo-síria que toda a gente espera (e que é a única consequência lógica do acordo que os EUA e Israel impuseram ao Líbano) não parece tão certa e inevitável como a «lógica» (se nestas coisas existe lógica) indica.

Fontes árabes, cujas informações foram recolhidas pela revista «Afrique-Asie» em várias capitais, e fontes soviéticas citadas pela mesma revista que as interrogou em Moscovo, fazem supor que o mais certo que se sabe é que ninguém sabe nada. E fazem supor ainda que há muitas razões para Telavive desencadear a guerra e muitas outras para o não fazer. Perfeitamente elucidativo!

Embora os sírios se preparem afanosamente para a guerra,

ninguém sabe ao certo se Damasco irá ceder às ofertas da Arábia Saudita e às suas chantagens, mais fortes que nunca, neste momento. A guerra contra a Síria, de certo modo, seria muito prejudicial aos interesses de Israel. Por isso, o que parece mais lógico é os israelitas estarem a preparar um «raid» e não propriamente a guerra contra Damasco.

Isto deduz-se do facto de Telavive ter hoje acusado a Síria de violação do «acordo de cessar-fogo», na sequência de um incidente ontem ocorrido. Os israelitas resolveram fazer «voos rotineiros de reconhecimento» sobre Bekaa, e os sírios atacaram um dos aviões com mísseis (segundo Damasco, o avião foi abatido, segundo Telavive, o avião não foi atingido).

Sempre que os israelitas falam em «violações de acordos de cessar-fogo» preparam alguma. Desta vez, será que preparam ou será que fingem preparar, para meter medo à Síria e levar Damasco a ceder à «mediação» da Arábia Saudita?

Certas potências às soluções da ONU

— disse Paulo Jorge no C

O Conselho de Segurança das Nações Unidas prosseguiu ontem o debate sobre a Namíbia, iniciado há dois dias.

Ao intervir terça-feira passada nos trabalhos, o ministro angolano das Relações Exteriores, Paulo Jorge, disse que certas potências têm impedido deliberadamente a implementação das resoluções das Nações Unidas sobre a Namíbia. Paulo Jorge referia-se aos países ocidentais do chamado «Grupo de Contacto».

O ministro afirmou ser verdade que o sistema eleitoral na Namíbia tem ainda de ser determinado, tal como a utilização de algumas tropas da ONU e o cessar-fogo entre a África do Sul e a SWAPO.

Paulo Jorge sublinhou que as tropas cubanas sairão de Angola quando desaparecer a possibili-

dade de invasão armada do país ou de agressão com origem na África do Sul: «Cuba respeitará, sem hesitação, a decisão soberana de Angola sobre a deslocação de tais tropas» — disse o representante de Luanda.

Isidoro Malmierca, ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, disse, por sua vez, que a África do Sul e os Estados Unidos associaram a retirada das tropas cubanas de Angola à independência da Namíbia, mas que isso é uma interferência injustificada nos assuntos internos de Angola.

Malmierca acrescentou que o Conselho de Segurança deve assumir plenamente a sua responsabilidade no cumprimento da Resolução 435, de 1978, e que deve marcar um prazo para o seu cumprimento.

Bernardo Vieira

“Grande traição se não salvarmos”

O presidente da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira, afirmou ontem numa mensagem dirigida a Arap Moi, presidente em exercício da Organização de Unidade Africana, que «seria uma grande traição para a África se não salvármos a OUA».

O líder do PAIGC assinalava assim o «Dia da África» e a passagem do vigésimo aniversário da criação da OUA, com mensagens dirigidas ao presidente do Quênia e da OUA, e ao secretário-geral daquela organização, Edem Kodjo.

Numa comunicação ao país, transmitida pela estação de rádio oficial de Bissau, o dirigente guineense afirmou: «Os vinte anos que hoje comemoramos devem constituir para todos nós um marco de unidade, sem a qual perderemos a força e coesão e os objectivos da carta da OUA serão, por conseguinte, difíceis de atingir.»

Na carta que dirigiu ao secretário-geral da OUA, o presidente

da Guiné-Bissau realça a situação política na África Austral e no Magrebe e diz que «em Adis Abeba a África precisa mais do que nunca da sua unidade».

Nas duas mensagens e na declaração feita ao país, o secretário-geral do PAIGC apela a todos os chefes de Estado africanos para que «compareçam em Adis Abeba (na cimeira da OUA) sob condições prévias e imbuídos da vontade de cimentar a unidade africana, sem a qual não será possível a libertação total do nosso continente».

Brasil

O ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros, Saraiva Guerra, dirigiu hoje ao governo moçambicano um telegrama de congratulação pela agressão sul-africana de segunda-feira passada contra os arredores de Maputo.

Na mensagem, o Brasil declarou a sua solidariedade com o povo e o governo de Moçambique.

Defesa da paz na RDA

Jovens de quatro continentes em grandiosas manifestações

O «Pentecostes» de 1983 foi assinalado na República Democrática Alemã por grandes acontecimentos, importantes, tanto para a juventude, como para o movimento pela paz. Mais de seis milhões de militantes da Juventude Livre Alemã (Frei Deutsche Jugend-FDJ), jovens e trabalhadores da cidade e do campo reuniram-se com 17 delegações de organizações socialistas da Juventude de quatro continentes para protestarem contra planos de guerra ató-

mica de Washington e para exigirem uma paz duradoura e uma vida feliz. No total decorreram por todo o país sete mil reuniões (das quais há a salientar 423 grandes comícios).

Estas manifestações representaram a continuidade de uma longa tradição e revelaram que a juventude da RDA constitui uma força poderosa no seio do movimento pela paz daquele país socialista, bem como do movimento mundial pela paz.

Os participantes na marcha

e comício de Potsdam fizeram um apelo, que reza assim: «Queremos que a Terra seja habitável. O nosso planeta não deve transformar-se em refém dos estrategos da guerra nuclear. O mundo não tem absolutamente nenhuma necessidade de novas armas nucleares, mas sim de progressos tendentes ao desarmamento (...) Apelamos à juventude do mundo inteiro para que lute, juntamente conosco, pela salvaguarda duradoura da paz».

Festa da Juventude ontem na Jugoslávia

A Jugoslávia celebrou ontem a sua tradicional Festa da Juventude, comemorada todos os anos no dia 25 de Maio, em homenagem à data do nascimento do falecido presidente Tito.

Uma marcha de vários milhares de quilómetros iniciou dois

meses antes e que chega a Belgrado no dia 25 de Maio é o momento alto tradicional destas comemorações, velhas de trinta anos. Essa marcha constitui um símbolo da fidelidade da juventude jugoslava à herança de Tito.

A tradição foi estabelecida em 1945, durante as últimas batalhas pela libertação da jugoslávia, nas vésperas da vitória sobre o fascismo, e é também o símbolo da unidade das nações e nacionalidades que constituem a Jugoslávia.

Parque de Campismo do BALEAL 2km de Peniche

O tal Parque onde você é proprietário de PISCINAS, RESTAURANTE, TÊNIS



usa a Síria de violar o de cessar-fogo”

Talvez tenhamos a resposta ainda hoje.

Mediação saudita

A Arábia Saudita iniciou uma missão de mediação entre a Síria e o Líbano com vista ao reatamento do diálogo entre estes dois países — noticiou ontem a ANGOP.

Terça-feira, um emissário do rei Fahd da Arábia Saudita chegou a Damasco onde entregou ao presidente sírio, Hafez Assad, uma mensagem do soberano saudita.

Esta visita ocorreu alguns dias após a efectuada a Riad, capital da Arábia Saudita, pelo ministro sírio da Informação, Ahmad Iskandear Ahmad, que havia sido encarregado de explicar às autoridades sauditas as razões da rejeição síria ao acordo israelo-libanês assinado dia 17.

Segundo a Rádio falangista Voz do Líbano, a mediação saudita entre Beirute e Damasco foi precedida de contactos com a Síria, Líbano e Estados Unidos destinados a saber as possibilidades de diálogo e visa obter garantias para a segurança da

Síria.

Foi noticiado, entretanto, que três dos 230 prisioneiros sírios numa prisão israelita tentaram suicidar-se, ao terem conhecimento do acordo entre Israel e o Líbano.

Entretanto, a Câmara dos Representantes do Congresso norte-americano adoptou por unanimidade, uma resolução de apoio ao acordo israelo-libanês e pediu à Síria e OLP que aceitem retirar as suas forças do Líbano.

“Os Dez” apoiam Gemayel

Os países da CEE reiteraram o seu apoio ao governo do presidente Amine Gemayel que «trabalha para restabelecer a autoridade do Líbano e para a retirada de todas as forças estrangeiras, cuja presença não é desejada» no país, declarou em Bruxelas Hans-Dietrich Genscher, presidente em exercício do Conselho de Ministros da CEE.

O acordo assinado entre Israel e o Líbano para a retirada das tropas israelitas — acrescentou — representa «um passo em direc-

ção à retirada das forças estrangeiras do Líbano».

Idriss

O ex-rei da Líbia, Mohammed Idriss Senussi, morreu ontem no Cairo, anunciou 4.ª feira o jornal egípcio «Al Ahram».

O ex-rei, de 93 anos, vivia no exílio no Egipto desde que foi derrubado pelo coronel Kadhafi em Setembro de 1969.

«Parlamento do Nilo»

Os presidentes sudanês, Gafar Nimeiry e egípcio, Hosni Mubarak, inauguraram solenemente em Cartum o «Parlamento do Nilo», assembleia comum aos dois países, reunida nesta primeira sessão na capital sudanesa.

Constituído por 120 membros — 60 egípcios e 60 sudaneses escolhidos entre os deputados das duas assembleias nacionais e as «individualidades públicas competentes» — o «Parlamento do Nilo» é uma das três instituições criadas pela «Carta de Complementaridade» egípcio-sudanesa, a qual prevê a integração económica dos dois países no prazo de dez anos.

mantêm boicote U para a Namíbia Conselho de Segurança

Lameck Goma, ministro zambiano dos Negócios Estrangeiros, disse haver presentemente um impasse nos esforços para assegurar a independência da Namíbia, acusando também o «marcar passo» do denominado Grupo de Contacto.

O impasse tem sido causado pela insistência norte-americana numa associação entre a independência da Namíbia e a retirada das tropas cubanas de Angola — disse.

Kurt Robert Samuel Von Shirnding, da África do Sul, revelando prodigiosa memória, afirmou que, na óptica do seu país, Pretória continua a administrar legalmente o território do antigo Sudoeste Africano, em conformidade com o espírito da antiga Sociedade das Nações.

Burundi e Congo reconhecem a RASD

O Burundi e o Congo reconheceram oficialmente a República Árabe Sarauí Democrática (RASD) — anunciou um comunicado hoje distribuído em Argel.

Os embaixadores do Burundi e do Congo perante a RASD apresentaram cartas credenciais ao presidente Mohamed Abdelaziz, no dia 22 de Maio, dia do décimo aniversário do desencadear da luta armada pela Frente Polisário.

Com estes dois países africanos eleva-se a 55 o número dos Estados que já reconheceram oficialmente a RASD, proclamada no Sara Ocidental pela Polisário.

As Forças Armadas de Marrocos continuam, no entanto, a ocupar parte do território sarauí.

“Conselheiro” dos EUA morre em El Salvador

A morte de um dos «cinquenta conselheiros» militares norte-americanos em El Salvador foi hoje confirmada pelo ministro salvadorenho da Presidência.

O porta-voz oficial declarou que o major Albert Schaufelberger, de 32 anos, foi morto ontem no interior do seu carro, no recinto da Universidade Centro Americana, nos arredores da capital salvadorenha.

Schaufelberger foi atingido por quatro tiros disparados à queimadura, por desconhecidos que fugiram depois do atentado.

A direita salvadorenha acusou várias vezes a Universidade Centro Americana, que pertence a ordem dos jesuítas, de ser «um ninho de simpatizantes eshuerdistas».

Schaufelberger é o primeiro oficial norte-americano morto em El Salvador, desde que o Pentágono decidiu encarregar um grupo de «conselheiros militares» da supervisão do treino e preparação das Forças Armadas salvadorenhas.

Nicarágua

Dois jornalistas e um médico da República Federal da Alemanha desapareceram ontem, depois de um ataque das forças anti-sandinistas — confirmou hoje o Ministério nicaraguaio dos Negócios Estrangeiros.

Os três alemães, Walter Shultz, Valentin Sheearz e Mariana Siss navegavam pelo rio São João, fronteira entre a Nicarágua e a Costa Rica para realizarem uma reportagem no local onde, há algumas semanas o barco «Bremer» foi afundado com disparos de morteiros efectuados por terroristas chefiados por Eden Pastora.

A embarcação em que se faziam transportar caiu numa emboscada, a 12 quilómetros da localidade de Castillo da Concepción, e foi atingida por tiros de morteiro e bombas de fragmentação.

O Ministério nicaraguaio dos Negócios Estrangeiros dirigiu uma nota oficial ao governo da Costa Rica para protestar contra o atentado e exigir informações sobre o destino dos três cidadãos da RFA desaparecidos.

Democratas-cristãos reunidos em Congresso calmo

RFA

O chefe do governo alemão-federal, Helmut Khol, inaugurou ontem o primeiro congresso federal do seu partido, a União Cristã-Democrata (CDU), após as eleições gerais de 6 de Março.

De acordo com observadores políticos, este congresso «promete ser um caminho de rosas», pois «os espinhos» virão mais tarde, caso falharem as negociações de Genebra entre soviéticos e norte-americanos sobre euromisséis.

Khol, que em dez anos à frente do partido soube dirigi-lo desde os tempos da oposição, apresenta a sua reeleição, garantida por mais dois anos.

Na véspera do Congresso, os liberais exortaram o CDU a não se afastar da «política de centro» a que se comprometeram durante as negociações da coligação.

As palavras do presidente dos liberais, Hans-Dietrich Genscher, são interpretadas como um aviso a Khol para que imponha a disciplina à União Cristã Social Bávara, segundo partido da coligação, cujo presidente, Franz-Josef Strauss, marca com a sua ala conservadora a política externa do país em detrimento do seu

responsável, Genscher.

O desemprego juvenil, contra o qual o governo de Khol tenta lutar, será o tema dominante do Congresso embora, de acordo com a oposição «verde» e social-democrata, às palavras não se seguirão acções concretas.

A grande «prova de fogo» para o chanceler alemão-federal terá lugar, de acordo com os observadores políticos, este Outono, quando começarem, em Colónia, os preparativos para a instalação dos novos «Pershing 2» e «Cruise» norte-americanos, caso não haja acordo em Genebra.

Khol apoia sem restrições o governo do presidente Ronald Reagan neste tema, encontran-

do-se na disposição de estacionar os mísseis na altura devida, não veria com maus olhos — dizem alguns observadores — uma maior flexibilidade de Washington.

A oposição popular aos novos euromisséis neste país onde existem cerca de seis mil ogivas atómicas, depreende-se de todas as sondagens.

O próprio Khol recusa essas críticas e, relativamente à sua participação, no final deste mês na cimeira económica ocidental de Williamsburg (EUA) e à sua posterior viagem, em 4 de Julho, a Moscovo, assegura que fará o possível para conseguir que se chegue a um compromisso satisfatório em Genebra.

Kohl reeleito presidente do CDU

O chanceler Kohl foi, ontem, reconduzido na presidência da CDU, com 95,5 por cento dos votos. Colocado pela primeira vez à frente do partido em 12 de Junho de 1973, fora reeleito em 1975, com 98,4 por cento dos votos dos delegados (o melhor resultado registado, até agora, a este nível) e, em 1981, com 96,4. Nas suas intervenções, os delegados puseram em relevo o papel pessoal desempenhado por Kohl na reconquista do poder pela CDU, em Outubro último, após treze anos passados na oposição, e no êxito alcançado pelo partido e pela coligação nas eleições antecipadas de 6 de Março último.

Greve da Polícia na capital do Peru

A divisão blindada do Exército peruano começou ontem, ao fim da tarde, a patrulhar as ruas da capital do país, Lima, e também o porto vizinho de Callao.

A tropa foi substituir as forças da Polícia, em greve desde a manhã, por melhoria de salários.

Esta madrugada, a situação em Lima apresentava-se estacionária.

A tensão, no entanto, mantém-se, não só na capital, como no conjunto do país.

A rebelião da Polícia teve início no sexto quartel de Lima e estendeu-se depois a toda a corporação, que observou a palavra de greve.

O presidente Fernando Belaunde Terry determinou o estado de emergência por três dias em Lima e Callao na sequência, em linguagem oficial, do «amotinamento de um milhar de polícias». A linguagem oficial do Ministério do Interior é diferente: o ministro disse, em princípio, que os amotinados não passavam de 50 a 60 guardas.

Confirmado em Gdansk

Walesa reunirá com João Paulo II

Lech Walesa e o Papa, esperado na Polónia a 16 de Junho, encontrar-se-ão durante a visita deste último, disse à «AFP» o padre Henryk Jankowski, capelão dos estaleiros navais de Gdansk.

Segundo o padre, Walesa tinha apresentado um pedido nesse sentido no fim da semana passada através da Conferência Episcopal Polaca.

O padre indicou, por outro lado, que uma delegação de cinco mil operários de todos os estaleiros navais de Gdansk e Gdynia se deslocará a 17 de Junho a Varsóvia para assistir à missa a celebrar pelo Papa.

Cinco membros desta delegação, precisou, entregarão ao Papa uma «oferta» que qualificou de «formidável».

«Está tudo preparado», disse o padre, com um ar entendido, sem querer dizer se a «oferta» tinha algo a ver com o «Solidariedade».

Aborto legalizado em Espanha

A legalização parcial do aborto foi ontem aprovada em Espanha, pelo Congresso, segundo um projecto de lei do governo socialista que originou viva polémica entre sectores conservadores e progressistas espanhóis.

A aprovação do projecto não causou surpresa, dado que o

Partido Socialista, único grupo que o apoiou, conta com a maioria absoluta na Câmara.

A proposta de legalização do aborto foi anunciada pelo governo há quatro meses e abarca três casos concretos: malformação do feto, perigo de vida para a mãe e violação.

a a Arap Moi:

o para a África mos a OUA”

Vietname

Um porta-voz do Ministério vietnamita dos Negócios Estrangeiros condenou energicamente o ataque aéreo sul-africano a Moçambique.

Numa declaração divulgada em Hanói, assinala-se que a agressão atenta contra a independência, a soberania e a integridade territorial de Moçambique, violando os princípios do direito internacional.

França

O secretário-geral do Partido Comunista Francês, Georges Marchais, criticou o ataque aéreo sul-africano contra Moçambique.

Numa mensagem que enviou ao presidente Samora Machel, o dirigente comunista francês salientou que as realizações do povo moçambicano e de outros povos da região, «que trilham o caminho da libertação nacional e social», não agradam ao regime sul-africano.

A África do Sul tenta instaurar na África Austral um ambiente de terror — acrescentou Marchais.

Nelson Mandela em perigo de vida

A vida de Nelson Mandela está em perigo — alerta uma carta da sua mulher, publicada hoje em Londres pelo «Times».

Mandela, preso há 20 anos na África do Sul, está desde há um ano numa célula minúscula, com seis outros detidos — diz Winnie Mandela, segundo a qual os presos são obrigados a ficar de pé durante muitas horas, com água até aos tornozelos.

Nelson Mandela está numa prisão da Cidade do Cabo, depois de longos anos ter estado incomunicável na ilha-prisão de Robben.

As autoridades disseram ter feito a mudança para que ficasse melhor, mas a mulher de Mandela diz que a situação do seu marido é agora muito pior.

FUNDADA EM 1840

DEPARTAMENTO DE CARGA

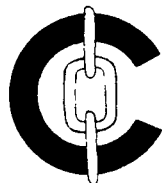
SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM

- Transportes Internacionais TIR
- Carga Aérea
- Carga Marítima
- Serviços Regulares em Camións Completos e Grupos de e para toda a Europa
- Grupos Aéreos para todo o Mundo
- Serviço Marítimo convencional e contêineres

PORTO
Av. Aliados, 221
Telef. 317921
Telex. 22315 ABREU-P

LISBOA
Av. Liberdade, 12-13
Telef. 3681-1, 37-341
Telex. 16426 ABREU-P

Também em CARGA a tradicional qualidade


COOMAPOR, C. R. L.

 COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO
PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo dos Estatutos e da legislação cooperativa, e a pedido da Direcção, convoco todos os cooperadores da COOMAPOR para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 7 de Junho de 1983, logo que termine a Assembleia Geral Extraordinária para Alteração dos Estatutos marcada para esta mesma data, nas instalações do Centro Coordenador do Trabalho Portuário de Lisboa (CCTPL), sitas na Av. Infante D. Henrique em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — ADMISSÃO COMO COOPERADORES DE TRABALHADORES DOS QUADROS PERMANENTES DA COOMAPOR, AO ABRIGO DO § ÚNICO DO ARTIGO 7.º DOS ESTATUTOS;
- 2 — DELIBERAÇÃO SOBRE AS DECISÕES DAS ASSEMBLEIAS GERAIS DE 20 DE MARÇO E 26 DE SETEMBRO DE 1981 ACERCA DA ADMISSÃO DE PESSOAL PARA A COOMAPOR-CONSUMO.

Lisboa, 23 de Maio de 1983.

 O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

João Eurico Teixeira de Sousa

SOCIEDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA, CRL

Cooperativa de Responsabilidade Limitada

 Conservatória do Registo Comercial de Lisboa
Nota de registo

Apresentação n.º 5, em 19 de Outubro de 1982.

Foi efectuado o registo de constituição provisório, por natureza e por dúvidas, sob o n.º 68, a fl. 43 v.º do livro J-1.

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, 19 de Outubro de 1982 — O Conservador, (Assinatura ilegível.)

Foi efectuado o averbamento provisório, por natureza e por dúvidas, sob o n.º 1, à inscrição n.º 68, a fl. 43 v.º do livro J-1.

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, 19 de Outubro de 1982. — O Ajudante, (Assinatura ilegível.)

Apresentação n.º 8, em 29 de Março de 1983.

Foi efectuada a remoção das dúvidas da inscrição n.º 68, a fl. 43 v.º do livro J-1, e seu averbamento n.º 1.

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, 29 de Março de 1983. — O Ajudante, (Assinatura ilegível.)


Caminhos de Ferro Portugueses

OPERÁRIOS ELECTRICISTAS

Os CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P., pretendem admitir Operários Electricistas para exercerem a sua actividade no âmbito do serviço de Telecomunicações.

CONDIÇÕES EXIGIDAS

- Idade até aos 35 anos incompletos
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- 4.ª classe do ensino primário no mínimo, dando-se preferência aos possuidores dos cursos industriais ou cursos de formação profissional da especialidade
- Possuir carteira profissional, especialidades VII e VIII (telecomunicações e electrónica)

OFERECE-SE

- Estabilidade de emprego
- Regalias de transporte em caminho de ferro
- Outras regalias sociais

Os interessados que preencham as condições deverão contactar, até 3/6/83, directamente ou por escrito, o

SERVIÇO DE RECRUTAMENTO, RECLASSIFICAÇÃO
E DE INTEGRAÇÃO
Calçada do Duque, n.º 20
1294 LISBOA CODEX



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5975, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 kV com 462 m, do apoio n.º 12 da linha n.º 1861 ao P.T. N.º 2870-C da Câmara Municipal de Torres Vedras sito em Casal Feljão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Maio de 1983.

O Engenheiro Director,

João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5170-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha aérea a 10 KV com 116 m, do apoio n.º 54 da linha n.º 169 entre os PTs n.º 1820 e 1664, ao PT n.º 5170 em Cachoeiras.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Maio de 1983.

O Engenheiro Director,

João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5783-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de uma linha aérea a 10 KV, com 110 m, do apoio n.º 5 da linha n.º 1272/R-6 para o PT n.º 3872 ao PT n.º 5783 em Encarnação.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 13 de Maio de 1983.

 O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes


MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5220-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 1275/R-11, com 197 m, do poste n.º 4 da linha n.º 1275 ao PT n.º 5220, em Fonte Boa dos Nabos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 13 de Maio de 1983.

 O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes


MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Cartaxo, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5985, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho do Cartaxo, de uma linha aérea a 30 kV, n.º 3000 (1.º Troço), com 3547 m, da S.E. n.º 1927 de Cruz do Campo ao poste n.º 21 (antigo n.º 1).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Maio de 1983.

O Engenheiro Director,

(João Carlos Oudinot Larcher Nunes)



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5974, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 1821/R-2, com 115 metros do poste n.º 7 da linha n.º 1821, ao posto de transformação n.º 2869-C, dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Torres Vedras, em Casas Novas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Maio de 1983

O ENGENHEIRO DIRECTOR

João Carlos Oudinot Larcher Nunes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5786-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Mafra, de uma linha aérea a 10 KV com 128 m, do apoio n.º 68 da linha n.º 1275 entre os PTs n.ºs 2968 e 2933, ao PT n.º 5786 em São Lourenço.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 16 de Maio de 1983.

 O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

Tribunal Judicial da Comarca de Oeiras

ANÚNCIO

— Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo do Tribunal Judicial da comarca de Oeiras, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados ALICE DA CONCEIÇÃO SILVA SILVESTRE e marido JORGE MARQUES SILVESTRE, comerciantes, residentes na Rua dr. Neves Eliseu, n.º 15, em Oeiras, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre

que tenham garantia real, na execução de sentença movida pela Companhia de Seguros Império, E.P., sob o n.º 39/81-B.

Oeiras, 6 de Maio de 1983

O Juiz de Direito, do 2.º Juízo,

(a). Luís Flores Ribeiro.

O Escrivão adjunto,
António Marques Fernandes
«DL» 26/5/83 — 2.ª publicação

exclusivo

Itália

A revolução tecnológica mata velhos hábitos postais

■ Edoardo da Forno

□ I.P.S.

ROMA — A revolução postal operada pela teletransmissão está a modificar os velhos costumes epistolares: o telegrama está agonizante, as saudações de fim de ano são já coisa velha, o selo postal está em extinção e já quase ninguém escreve cartas pelo seu punho.

Em Inglaterra, soaram as trombetas de Jericó para o telegrama quando os próprios utentes, de 63 milhões de mensagens telegráficas expedidas na década de 50, baixaram para 2 milhões em 1982 — com um «deficit» para os serviços de quase 20 milhões de libras esterlinas.

Omar Calabrese, professor de semiologia da Universidade de Bolonha, declarou que, em Itália, o telegrama era já demasiado lento «numa época em que a tendência é para as comunicações (mesmo escritas) em tempo real e com resposta imediata».

Tal como sucedeu em Inglaterra, de 1968 até agora verificou-se em Itália «uma tremenda diminuição», disse Enrico Veschi, director do Ministério dos Correios.

Os italianos passaram de 112 milhões de telegramas por ano

para 25 milhões no último lustro; e desses 25 milhões «só uma ínfima parte era constituída por mensagens urgentes», explicou Veschi.

Acrecentou que, em Itália, quem hoje manda telegramas «são os preguiçosos organizadores de exposições e os funcionários de relações públicas, para expedir convites... E o resultado é que já ninguém se dá à maçada de abrir um telegrama».

Na verdade, escrito num impresso de telex e metido num sobrescrito, o telegrama confunde-se com o recibo do telefone e é metido na caixa do correio juntamente com dezenas de anúncios publicitários.

Depois de meio século de lentas reformas — o primeiro serviço de correios italiano surgiu em 1920 na província nórdica de Bergamo —, toda a estrutura postal se está a adaptar agora aos novos esquemas electrónicos e, ao mesmo tempo, vai transformando os costumes das pessoas.

O professor Calabrese assinou que já ninguém escreve cartas manuscritas: utiliza-se a estenografia. As exigências actuais pedem uma missiva seca, directa e clara, isto é, que tenha o

chamado «efeito dactilográfico».

Embora se conheça o caso de um soldado que expediu uma carta da frente greco-albanesa em 1941 e a recebeu em casa 39 anos depois, os atrasos do correio italiano não foram o principal elemento dissuasor dos utentes.

Segundo a ANVEC (Associação Nacional dos Vendedores por Correspondência), a demora normal de recepção de uma encomenda postal é de cinco dias e a de uma carta de dois dias e meio.

O que sucede é que, nos Estados Unidos, mediante o «E-COM», um dos mais modernos computadores, já se pode transmitir até duas páginas escritas por 30 centimos, poupando 50% dos custos actuais. E o mesmo sucederá brevemente também em Itália.

Os responsáveis dos correios italianos prometeram para 1984 a instalação do sistema «Infotec» — que actualmente funciona apenas entre Roma e Milano, numa distância de 557 quilómetros —, o qual permitirá a transmissão de cartas fotocopiadas pelo telefone.

Além disso, existe em Itália um sistema de mensagens particulares que, com rapidez e eficiência, concorrem com o serviço

oficial e oferecem ainda uma variada gama de vantagens adicionais.

Os bilhetes postais também passaram de moda e, de 6 mil milhões de unidades distribuídas por ano, diminuíram para 300 milhões. Com eles, parecem ter-se extinguido também as mensagens de boas-festas que, há coisa de dez anos, eram o pesadelo de qualquer serviço de correios do mundo.

O escritor italiano Pietro Ci-matti afirmou que, «sem ser apocalíptico, é lícito prever que a revolução tecnológica por fim à época dos escritos autógrafos».

E, juntamente com as cartas, sucumbiram também os selos, por causa da franquia automática, que, por exemplo em França, já cataloga, pesa, endereça e tarifa uma carta em breve fracção de segundos.

A despersonalização do correio e a evolução da automatização e da telemática, segundo o professor Calabrese, afastaram as pessoas dos sistemas tradicionais de comunicação. «Existe uma sensação de aridez que se adapta apenas às mensagens comerciais mas nada tem a ver com as missivas particulares», concluiu o perito.



Ecologistas italianos compram praias para as salvar da contaminação

■ Roberto Turno

□ I.P.S.

ROMA — Os defensores italianos do meio ambiente decidiram lançar uma batalha ecológica sem precedentes, pelo menos no seu país: comprar 200 km. de praias para as salvar da degradação ambiental que afecta os cerca de oito mil quilómetros de costas na península.

A iniciativa, anunciada pelo fundo mundial para a natureza (WWF) servir-se-á, pela primeira vez, das modernas técnicas de comunicações de massa e graças a contribuições «externas» conta obter, até Setembro, os 650 mil dólares considerados necessários para a compra das praias.

Juntamente com a WWF-Itália (fundada em 1966, com 33 mil sócios) figurarão na primeira fila duas empresas, o grupo «Rizzoli-Corriere della Sera» e a «American Express», que nunca tiveram nada a ver com a ecologia, mas que pensam vir a obter uma considerável melhoria da sua imagem através desta campanha.

O grupo «Rizzoli» oferecerá espaços publicitários gratuitos (num montante equivalente a 500 mil dólares) nas suas publicações (18 ao todo, entre diários e semanários) durante os meses de Verão, que o «WWF» utilizará para sensibilizar a opinião pública para o problema da degradação do ambiente das costas do país e para pedir contribuições.

A «American Express», por seu turno, assegurou já uma pequena verba por cada operação realizada durante os meses de Verão, com os seus cartões de crédito, verba essa que será no mínimo de 35 mil dólares.

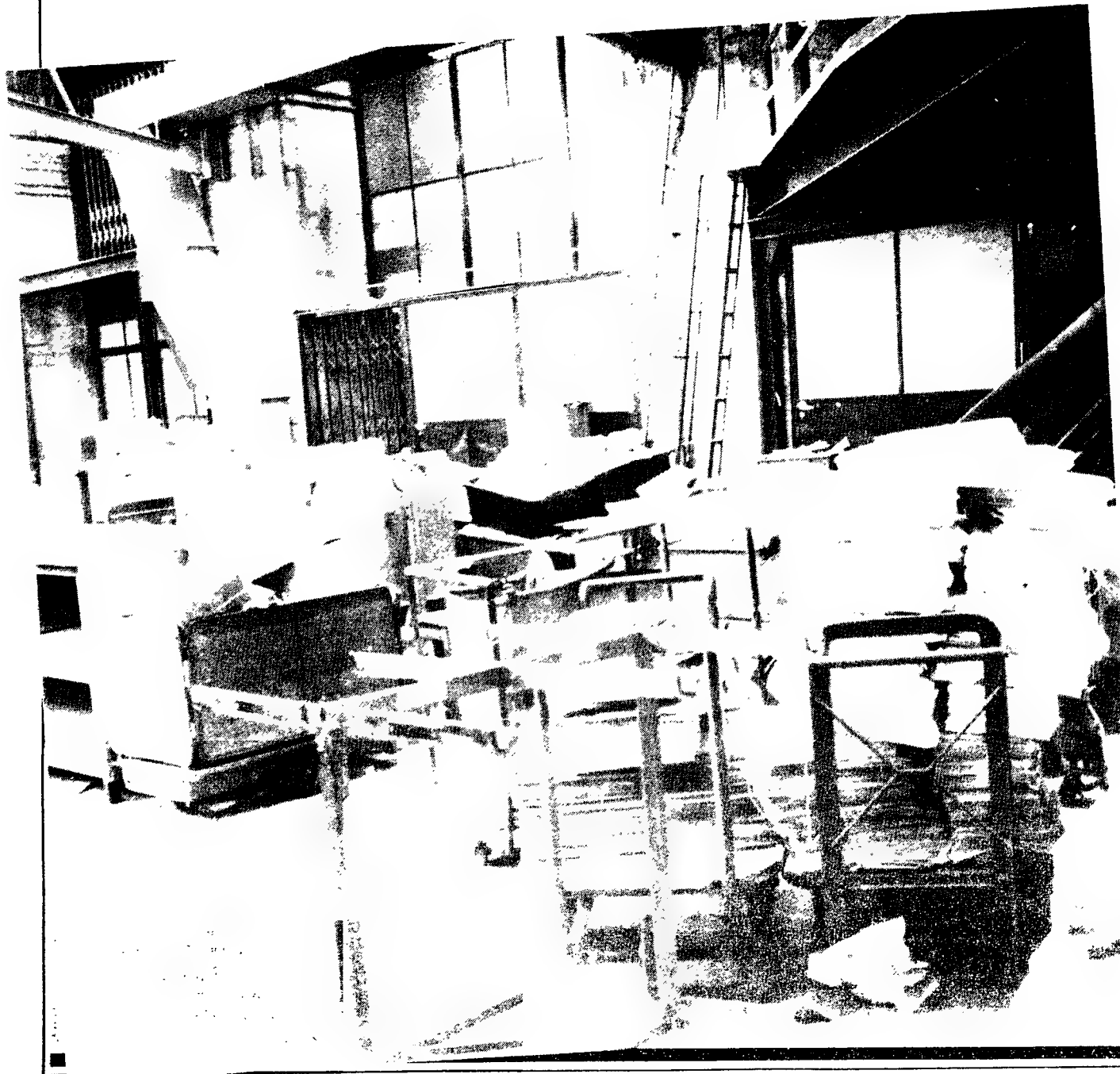
Especulações municipais (vilas, albergues, centros turísticos), contaminação incontrolada das águas e do solo, destruição das diversas e, amiúde, raríssimas espécies animais e vegetais, são as componentes do cenário no qual o «WWF» e os outros grupos ecologistas operam em Itália. Em 1971 foram «detectadas» em 644 localidades costeiras (380 habitantes por quilómetro quadrado) 174.454 unidades industriais com um milhão e 243 mil trabalhadores (35 por cento pertencentes ao sector petrolífero). Em 1976 existiam no país 37 refinarias (26 das quais na zona costeira) enquanto a indústria petroquímica possuía 29 estabelecimentos (17 na zona costeira).

«O conjunto de leis em vigor, que à primeira vista poderiam parecer suficientes para proteger os espaços naturais, não oferecem, na realidade, nenhuma garantia séria», afirmou Fulco Pratesi, presidente do «WWF-Itália». Para ele, «o único meio seguro de protecção é a compra, guarda e administração das áreas a proteger».

«Adoptemos um metro quadrado de costa e mar», é a frase do slogan publicitário destinado a atrair a atenção da opinião pública, a qual é convidada a adquirir (por aproximadamente seis dólares o metro quadrado) um certificado simbólico de propriedade, de troços de costa tendo em vista a sua conservação e uma utilização pública controlada, salvando-a assim definitivamente dos especuladores.

«Procuraremos, além do mais, reforçar a actividade do tribunal internacional das águas, criado em 1969 na Holanda para alertar para os gravíssimos problemas da contaminação», afirma o «WWF», recordando que de 3 a 8 de Outubro próximo, o tribunal reunir-se-á pela primeira vez em Amsterdão para pronunciar as primeiras sentenças.

A iniciativa dos ecologistas, como não poderia deixar de ser, desencadeou já alguns comentários. Em primeiro, se é certo que depois do desporto, da cultura e do lazer, a publicidade descobriu a ecologia, não é menos certo que para os «verdes» italianos abre-se, talvez, uma nova era na luta para conservar.



DESPORTO



Mais de meia centena de concorrentes numa clássica sempre renovada

Com 57 concorrentes inscritos e contando este ano pela primeira vez para o Campeonato da Europa de Rallyes, com o coeficiente 1, principia esta tarde em Ofir a Volta Galp a Portugal, que entra assim na sua 32.^a edição. Disputa-se num percurso de mais de 1500 quilómetros divididos em três etapas, com 25 provas especiais de classificação, duas delas — Longomel e Carril — incluídas pela primeira vez. O conjunto destas classificativas totaliza 448,1 quilómetros. A mais extensa — Mões-Viseu — tem 34,7 km e a mais curta (Pereira) apenas 4 km.

Da lista de concorrentes, quantitativamente bem superior ao que poderia esperar-se num período de crise e com um calendário bastante sobrecarregado, destacam-se os principais pilotos de primeiro plano, nomes como Joaquim Santos, José Pedro Borges, Manuel Gomes Pereira, Rui Souto, Francisco Romãozinho, Joaquim Moutinho, Jorge Ortigão e outros que têm animado as competições nacionais nas últimas temporadas.

Infelizmente a prova não atraiu os pilotos estrangeiros. Apenas dois se inscreveram. Isso deve-se, por um lado, ao baixo coeficiente, ao facto de contar pela primeira vez para o Europeu e também, por exigir aos concorrentes europeus uma longa deslocação. Por outro lado, o Clube 100 à Hora, organizador da prova, não dispõe de meios financeiros que lhe permitam garantir um certo número de pilotos estrangeiros para enriquecer a lista de concorrentes, nem tal se justificaria.

Duas ausências importantes são as de António Rodrigues, que já venceu esta época uma prova com o seu Opel Ascona 400 e de Santinho Mendes, ex-campeão nacional e vencedor da Volta do ano passado, num Datsun 160 J.

A nível de carros há pouco a assinalar. Abundam os Escort RS, tanto nas mãos de dois favoritos como Joaquim Santos e José Pedro Borges como de outros. São máquinas em final de carreira, que cumprem o seu papel no contexto desportivo que caracteriza o automobilismo português mas já não correspondem às necessidades dos pilotos.

Os mais interessantes acabam por ser o Renault 5 Turbo e

os Citroën Visa Chrono de Francisco Romãozinho e Rufino Fontes. Competição interessante pode resultar também da legião de Visas GT inscritos.

A Prova

A Volta Galp a Portugal terá início às 16 horas no Ofir. Os concorrentes cumprirão uma etapa de 296 km, disputando a primeira prova de classificação em S. Paio da Pousada e logo depois o circuito Lençóis Sampederro. Seguem-se mais cinco classificativas em Pereira, Fafe e S. Paio da Pousada, com duas passagens. A etapa termina em Ofir às 00.10.

Na sexta-feira, às 9 horas, começa a segunda etapa, num total de 531 km, entre Ofir e Guarda. Integra seis provas especiais de classificação, em Baião, Gralheira, Mões-1, Mões-2, Nave-1 e Nave-2. Haverá uma neutralização em Viseu, terminando a etapa às 22.05.

A terceira e última etapa inicia-se às 8.30 na Guarda. É a mais extensa, com 701,5 km, e comporta doze provas especiais de classificação e o circuito de Abrantes.

Serão disputadas, com duas passagens, as classificativas de Rio de Mel, Arganil-1, Cadafaz, Circuito de Abrantes, Longomel-1, Carril-1, Longomel-2, Carril-2 e Frazão.

Como habitualmente, Pedro de Almeida é o director da prova, tendo como adjuntos António José Mocho e Armando Costa. É uma equipa jovem mas experiente que garante à partida todas as condições para que a Volta Galp a Portugal justifique plenamente a sua inclusão no Campeonato da Europa de Rallyes.



Gomes Pereira. A época começou para ele com uma excessiva dose de pouca sorte. A Volta pode ser a grande oportunidade

Os concorrentes

A lista de concorrentes apresenta-se ao nível das melhores edições de uma prova que tradicionalmente nunca teve uma participação numerosa.

Estão inscritos: 1 — Joaquim Santos (Ford Escort RS 1800); 2 — José Pedro Borges (Ford Escort RS 1800); 3 — Manuel Gomes Pereira (Renault 5 Turbo); 4 — Rui Souto (Ford Escort RS 1800); 5 — Francisco Romãozinho (Citroën Visa Chrono); 6 — Joaquim Moutinho (Renault 5 Turbo); 7 — Jorge Ortigão (Toyota Starlet 1300); 8 — Rufino Fontes (Citroën Visa

Chrono); 9 — Rui Lages (Vauhall Chevette); 10 — Ni Amorim (Ford Escort RS 1800); 11 — Inverno Amaral (Citroën Visa Trophée); 12 — Carlos Peres (Opel Kadett GTE); 14 — Carlos Alves (Ford Escort RS 2000); 15 — Osvaldo Teixeira (Opel Kadett GTE); 16 — Manuel Costa (VW Golf GTI); 17 — Ramiro Fernandes (Fiat Ritmo 125 TC); 18 — Nolo Cordeiro (Toyota Starlet 1300); 19 — António Segurado (Ford Escort RS 2000); 20 — Holger Helle (Opel Ascona 2000); 21 — Joaquim Bessa (Ford Escort RS 2000); 22 — José Faya Marinho (Ford Escort RS 2000); 23 —

(Ford Escort RS 2000); 28 — José Luís Nascimento (Ford Escort RS 2000); 29 — Pedro Picão (Ford Escort RS 2000); 30 — Nikolaus Sturken (Ford Escort RS 2000); 31 — Alfredo Amaral (Ford Escort RS 2000); 32 — Viana Ferreira (Opel Kadett GTE); 33 — Carlos Barreto (Opel Kadett GTE); 34 — Manuel Cardoso (Opel Ascona 2000); 35 — Armando Veiga (Nissan Bluebird); 36 — Joaquim Guedes (Toyota Starlet 1300); 37 — Alvaro Parente (Toyota Starlet 1300); 38 — Santos Pereira (Toyota Starlet 1300); 39 — Raymond Cout (Alpine Renault A

troën Visa GT); 45 — Nuno Madeira (Citroën Visa GT); 46 — José Venâncio (Citroën Visa GT); 47 — Alcino Ferreira (Citroën Visa GT); 48 — Dié Canário (Citroën Visa II Super X); 49 — José Bento (Citroën Visa GT); 50 — Luís Gomez (Citroën Visa GT); 51 — Hélder Abrantes (Citroën Visa GT); 52 — Rudolfo Fonseca (Citroën Visa GT); 53 — António Bento (Citroën Visa II Super X); 54 — Luís Andersen (Citroën Visa II Super X); 55 — Eduardo Correia (Toyota Starlet 1300); 56 — João Magalhães (Toyota Starlet 1300); 57 — António Ferreira (Mini 1275 GT); 58 — João Borges (Fiat 127).

Automobilismo em Vila Real

Vila Real será, este ano, novamente, palco de corridas de automóveis e karts — foi anunciado em conferência de imprensa pelo Clube Automóvel de Vila Real.

O coordenador da Comissão Administrativa do CAVT, Armando da Conceição, lamentou, contudo, não poderem ser integradas no calendário deste ano, as habituais provas de motos, «já que houve um atraso na inscrição da mesma na FIM, por parte da FP de Motociclismo».

A prova de karts disputa-se nos dias 3 e 4 de Junho, nas categorias de «internacional 100», «capacete verde» e «capacete branco».

O trajecto do circuito para esta prova é de mil metros. A de automóveis, a contar para o Cam-

peonato Nacional de Velocidade, disputa-se nos dias 16 e 17 de Junho e conta, ainda, com o Troféu Starlet, MG Starlet e MG Metro.

O trajecto do circuito para estas provas é de 6975 metros. Segundo Armando da Conceição, o CAVR gastará, este ano, com os dois circuitos, entre quatro e cinco mil contos.

O Campeonato Nacional de Velocidade de Motos, que, na época passada, se realizou conjuntamente com o Campeonato do Mundo de Fórmula I e II, não se disputará, desta vez, embora esteja apazada para 6 e 7 de Julho de 1984.

«Houve um atraso na inscrição na Federação Internacional de Motociclismo (FIM), por parte da

FP da modalidade, o que impediu que Vila Real veja, este ano, as apetecidas provas de motos», afirmou Armando da Conceição.

A data limite imposta pela FIM era 2 de Março, e a FPM fez-lo a 13 de Abril, sendo, assim, esta prova arredada do calendário internacional.

Segundo Victor Hugo, vice-presidente da FPM, «houve uma vontade por parte da FIM, já que os seus directores são espanhóis, substituindo Vila Real por Montjuich (Barcelona), cuja prova não fazia parte do calendário».

O CAVR, que conta, novamente, com o apoio da edilidade local, terá que pagar este ano cerca de 800 contos em policiamento.



Joaquim Santos, um favorito à partida



44^a SEMANA



OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS...
(The gods must be crazy)

UMA COMÉDIA **SENSACIONAL**

Não acons. a men. 13 anos

AGORA NO *estudio*

Ele tornou aquela pacata vizinhança num verdadeiro matadouro!

O JARDINEIRO ASSASSINO



THE LOVE BUTCHER

ERIK STERN · KAY NEER · BORIN SHERWOOD

realização: MIKEL ANGEL e DON JONES

ROXY 2.^a SEMANA VITÓRIA FILMES

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

VENHAM DIVERTIR-SE CONNOSCO...

A VIDA É UMA FESTA...!
(Tout Feu Tout Flamme)

...E É MESMO, NA COMPANHIA DO ESPANTOSO

Yves Montand

ISABELLE ADJANI · LAURENT HUTTON



na nova e inesquecível comédia do realizador que só faz êxitos

JEAN-PAUL RAPPENEAU

Produção de PHILIPPE DUSSART · Música MICHEL BERGER com a participação de ALAIN SOUCHON e JEAN-LUC BIDEAU

Mais uma selecção especial do

6.^a SEMANA **STAR**

Mais uma selecção especial do

UMA SUPER-PRODUÇÃO FORA DE SÉRIE

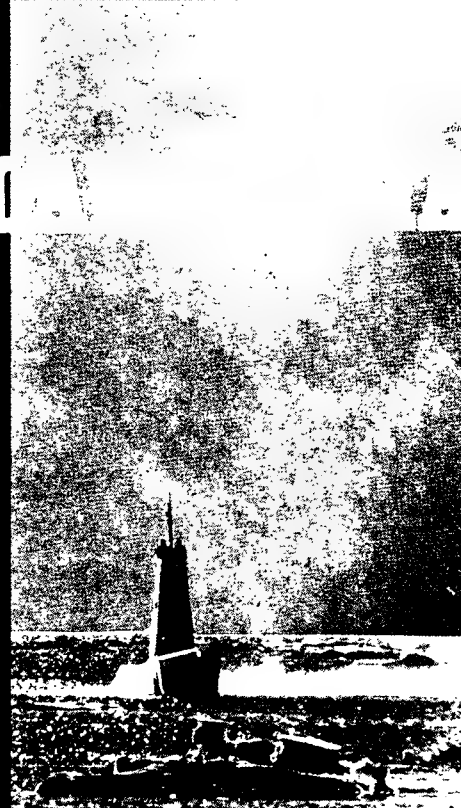
Custo: 17 milhões de dólares

AMEAÇA PIA
(VIRUS)

DOIS ANOS DE FILMAGENS EM CINCO CONTINENTES!

EMPOLGANTE! ESMAGADOR!

UM GRANDE EXCLUSIVO DA MUNDIAL FILMES



UM ELENCO DE GRANDE CATEGORIA

GLENN FORD · ROBERT VAUGHN · OLIVIA HUSSEY · CHUCK CONNORS · GEORGE KENNEDY



HOJE - GRANDE ESTREIA
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

IMPERIO

UMA HISTÓRIA AO MESMO TEMPO TRANQUILA, TERRÍVEL E DIVERTIDA... O MEU FILME MAIS ROMÂNTICO

Ingmar Bergman

FANNY & ALEXANDRE



INGMAR BERGMAN

PERNILLA ALLWIN · BERTIL GÖVE · HARRIET ANDERSSON · GUNNAR BJÖRNSTRAND · ERLAND JOSEPHSON

Fotografia de SVEN NYKVIST · Produção de JÖRN DÖNNER · Música de DANIEL BELLI

Uma produção SWEDISH FILM INSTITUTE

FILMES CASTELLO LOPES

UM ACONTECIMENTO!

FILME DE QUALIDADE

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

LONDRES

A PARTIR DE AMANHÃ. SESSÕES ÀS 14.30, 18 e 21.30

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANUNCIO

Pela Primeira Secção do 13.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm editos de TRINTA DIAS, notificando o Réu Arnaldo Mendes, actualmente em parte incerta e cuja última residência conhecida foi em Lisboa, na Rua da Bombarda n.º 58-A, de que nos autos de Contrato Individual de Trabalho com processo sumário, em que é Autor António José Honorário de Almeida Ribeiro, se encontra designado o dia 14 de Outubro de 1983, pelas 14 horas, para audiência de julgamento.

Mais fica notificado, de que é obrigatória a sua comparecência pessoal em Juízo, nos termos do artigo 89.º do Código de Processo de Trabalho e que tem o prazo de CINCO DIAS, findos que sejam os dos editos, os quais se contarão a partir da segunda e última publicação do presente anúncio, para efectuar o preparo para julgamento, no montante de 1.996\$00 em estampilhas fiscais, a entregar na Secção de Processos, nos termos dos artigos 68.º e 70.º do Código das Custas Judiciais do Trabalho, sob pena da cominação prevista no artigo 75.º do mesmo Código.

Lisboa, 11 de Maio de 1983

O Juiz de Direito,
(Artur Manuel Ventura de Carvalho)
O Escrivão de Direito,
(Gaspar e Silva)

-DL- — 26.5.83 2.ª Publicação

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada caminha sempre pelo seu lado o segredo

circula e vive

crónica de touros

Touros de morte

(Numa montra da Avenida)

Era manhã cedo, na Avenida. (Na capital, quando se diz Avenida já se sabe que é a da Liberdade, mesmo quando não havia). A Avenida dizem ter perdido o carácter, de lugar do passeio da cidade, preservado mesmo depois de deixarem de chamar-lhe assim, Passeio Público, de deitarem abaixo o gradeamento formoso. Apagou-se a música dos realejos, puxados devagar por um burro, ou por um cão conformado, resisto a lembrar coisas que não sei se apenas imagino, se terão chegado a existir. Cegos tocando acordeão, esses sim, pelo menos sobrou um, metido agora no túnel do metropolitano, com cadeado na caixa das esmolos, tocando até Beethoven, o final da Nona, o Hino à Alegria, indiferente à debandada dos vendilhões, que vem aí a polícia. Mas isso não acontece manhã tão cedo, só na hora em que o movimento se faz mais espesso, quando a música torna mais proveitoso o gesto maquinal da caridade suburbana. E cá em cima restam os bancos, os velhos bancos da Avenida, neles continua gratuito o direito ao idílio suave de estar só, os olhos quantas vezes distantes, sem verem quem passa, sem perguntarem porque passa. Não era preciso perguntar onde ia, esse cheiro de canastras lavadas, gingando vazias na

cabeça das varinas: ia a caminho da Ribeira madrugadora, onde os peixes chegando do mar, as hortaliças da terra saíam, a gente que acaba a noite misturando-se com a que começa o dia.

Quando o dia começa, a Avenida guarda ainda hoje um resto de intimidade, de rostos que se reconhecem sem cumprimento, na cumplicidade do repararmos que existem árvores, sem o egoísmo prévio de lhe buscarmos a sombra. É a hora em que, lá no cimo da Avenida, na montra grande do «Diário de Notícias», vêm expor, ao amanhecer dos transeuntes com tempo para paragem, o jornal acabado de sair. E, ao lado, colocam também o da manhã de há cinquenta anos. E o da manhã de há cem anos. Olhamos, com a saudade disfarçada no gesto comum da curiosidade, aquelas páginas que o tempo fez amarelas; e é como se por uns instantes tudo voltasse para trás, como se na Avenida fossem as mesmas as árvores, e o céu, e o verde dos bancos, e os velhos sentados e tristes, diferente só o que o jornal trás escrito em cada novo dia.

Diferente, até quando podia ser igual. Como numa recente manhã, quando parei na montra do «Notícias», e se me puseram os olhos na primeira página de há meio século, deram com um título: «Touros

de Morte para fins de assistência». Por baixo, o texto rezava assim:

O «Diário do Governo» deve publicar hoje o seguinte decreto:

«Considerando que as corridas com touros de morte contam em Portugal grande número de adeptos, que todos os anos, nas épocas próprias, buscam em Espanha satisfação às suas predilecções por este género de espectáculos;

Considerando que os criadores de touros têm também feito sentir junto do Governo a necessidade das corridas com touros de morte como estímulo ao aumento da criação e selecção da raça taurina;

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 108.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º É o ministro do Interior autorizado a nomear uma comissão encarregada de proceder a estudos e apresentar, no prazo de seis meses, a contar da publicação deste decreto-lei, um relatório sobre corridas com touros de morte.

Art.º 2.º Poderá o ministro do Interior autorizar, para fins de assistência, duas corridas com touros de morte nos dias 30 de Abril e 7 de Maio do corrente.

§ Único. Ao governador civil de Lisboa compete assegurar que a receita líquida das duas corridas a que se refere o corpo deste artigo seja destinada a fins de assistência.

Art.º 3.º Este decreto entra imediatamente em vigor.»

Entrava tão imediatamente em vigor, o decreto, que o jornal anunciava, logo por baixo da notícia, que «o sr. ministro do Interior assiste amanhã à corrida de touros no Campo Pequeno»; o que significava que o dr. Albino dos Reis ia ser testemunha da aplicação duma lei que, corridos cinquenta anos, iria continuar perfeitamente exequível, apropriada, bem a podiam hoje publicar tal e qual, bastava actualizar as datas, não sei se modificar algum acento por causa do acordo ortográfico.

Mas isso, o adoptar essa solução reencontrada, seria fácil se houvesse, como agora se diz, vontade política de encerrar uma questão que, do hábito de não ser resolvida, se vai tornando académica. Académica no sentido de que é para ser conversada, mais nada. Aliás, sobre a questão dos touros de morte em Portugal, já toda a gente conversou ou ouviu conversar, com detalhe variável, desde o debate em tertúlia, à alusão breve ao balcão da pastelaria, que é agora o local alternativo para o

SOLILÓQUIO

almoço dos que não podem entrar nas lides do velho bife com picadores (vulgo com ovo a cavalo). É pois uma questão de tal modo conversada, que dispensa o chover no molhado, os argumentos que já não pegam, o do Salazar não, que morreu, mas os da oposição do cardeal e dos arcebispos, e o da brandura de costumes do bom povo português, no caso representada pelas sociedades protectoras dos animais, sociedades respeitáveis apesar da teimosia de excluírem, do âmbito das suas legítimas preocupações, a variante dos racionais.

Ora bem: se esses argumentos já não pegam; se em Portugal temos touros, e os toureiros se podem mandar vir, desses que sejam capazes de os matar em beleza; se do bom povo português ninguém será obrigado a assistir a corridas a sério; se é suposto que nesse dito bom povo existem os bastantes para, de sua livre vontade, encherem a praça nos tais festejos, mesmo que não contratem, duma vez só, como fizeram há cinquenta anos, matadores do quilate de Marcial Lalanda, Nicanor Villalta, Domingo Ortega e Mariano Bienvenida, mesmo que não antecipem, como sucedeu então, o horário da matinee do teatro; se já dispomos dum decreto escrito, tão actual que não se fica por autorizar duas corridas, também ordena essa instituição nacional

que é uma comissão, nomeada para apresentar um relatório no prazo de seis meses; se apesar disso tudo, as corridas a sério, em Portugal, não constam do programa de nenhum partido político, nem são referidas nas conversações do doutor Mário Soares com o professor Mota Pinto para o programa e formação do governo, por alguma razão será, ignorada mas forte.

Volto a arriscar o meu palpite: a razão será que os fulanos do mundo taurino português, por mais que se reclamem de aficionados puros, por muito que digam que é preciso, que é indispensável, que é «extremamente importante» haver touros de morte em Portugal, o que na verdade desejam é que não lhes tragam complicações, exigências de touros-touros, dificuldades no negócio de vender gato por lebre, afinal de contas o melhor será ficar tudo como está. Sem negar, é claro, a seriedade da corrida integral, lá estão eles caídos na feira de Badajoz. Mas achando que em Portugal talvez seja prematura a sua implantação: antes de fazer diligências, campanhas, reivindicações, abaixo-assinados, até greves de zelo, será preciso usar da maior prudência, o povo português ainda não está suficientemente preparado.

Mas onde é que eu já ouvi isto?

UNIMAVE

Centro Macrobiótico —Vegetariano, C.R.L.

Rua Mouzinho da Silveira, 25

1200 LISBOA

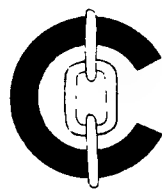
CONVOCATÓRIA

Nos termos estatutários e do Regulamento Eleitoral (artigos 1.º e 3.º), convoca-se a Assembleia Eleitoral, para a realização de Eleições para a Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, no próximo dia 27 de Julho de 1983, na sede da Cooperativa, Rua Mouzinho da Silveira, número 25 em Lisboa.

Informações que se tornem necessárias prestar sobre a realização do acto eleitoral, serão divulgadas por meio de «comunicados» afixados na sede da Cooperativa e suas dependências.

Lisboa, 24 de Maio de 1983.

O Presidente da Assembleia Geral
(Dr. Osvaldo dos Santos Ribeiro Freitas)



COOMAPOR, C.R.L.

COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO
PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo dos Estatutos e em conformidade com a legislação cooperativa em vigor, convoco todos os cooperadores da COOMAPOR para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 07 de Junho de 1983, pelas 17.00 horas, nas instalações do Centro Coordenador do Trabalho Portuário (CCTPL), sitas na Av. Infante D. Henrique em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO: ALTERAÇÃO DOS ESTATUTOS

Se à hora acima indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá em segunda convocação uma hora depois com qualquer número de cooperadores presentes.

NOTA: No verso desta convocatória segue para todos os cooperadores a proposta de alteração dos Estatutos apresentada pela Direcção.

Lisboa, 23 de Maio de 1983.

O Presidente da Mesa da A. Geral
(João Eurico Teixeira de Sousa)

A CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D — 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infância 16, 55-C — 1300 LISBOA



- A CRIANÇA, OS NÚMEROS E O PROFESSOR
- DIAPORAMAS NA SALA DE AULA
- PROBLEMAS DO ENSINO: «ORIENTAÇÃO VOCACIONAL»
- TÓPICOS PARA UMA ABORDAGEM DIDÁCTICA DAS «FOLHAS CAÍDAS»

À venda em todo o país

O Vagabundo dos Limbos

Ribera (desenho)

Godard (texto) **18**



comunicação social

UNESCO

Mil e 600 milhões para projectos de comunicação

A UNESCO destinou este ano mais de 1600 milhões de dólares para projectos de comunicação — anunciou em Paris o director-geral daquela Organização das Nações Unidas.

Amadou M'bow afirmou na sessão de abertura da reunião do Conselho Executivo da UNESCO que aquela verba serviu para financiar 40 projectos, tendo destacado «o plano mundial de satélite para difusão e intercâmbio de informações». Dirigindo-se aos delegados dos 159 países membros, o director-geral da UNESCO considerou que aquele plano consta da formação de um consórcio que se converterá no organismo «responsável pelo intercâmbio regular de notícias e programas por satélite no mundo inteiro».

O plano, que está a ser estudado pelo Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (PIDC), prevê a formação de um consórcio entre os sindicatos de rádio de África, Ásia e dos Países Árabes com a União Europeia de Radiodifusão.

A agência Latino-Americana de Serviços Especiais de Informação (ALASEI) e a Agência da Imprensa Cana (do Caribe) são outros dos projectos financiados pela UNESCO referidos por Amadou M'bow.

O director-geral da Organização da ONU para a Educação, Ciência e Cultura acrescentou que um milhão de dólares em depósitos facilitados pela Alemanha Federal irá permitir à Agência Cana incrementar o fluxo informativo entre as ilhas do Caribe.

M'bow anunciou ainda a entrada em funcionamento da Alasei, de expressão espanhola, em 10 de Outubro, com sede na Cidade do México.

A Alasei foi formada na sequência da Conferência da UNESCO na Costa Rica, em 1976, e tem como finalidade desenvolver o intercâmbio de artigos e reportagens de temas de interesse para a América Latina.

TV canadiana: assinantes pedem sexo

Os assinantes da cadeia de Televisão paga, canadiana, intitulada «Primeira Escolha», reclamam mais programas eróticos, «mais sexo», segundo afirmaram responsáveis desta rede privada recentemente implantada no país.

«Recebemos todas as semanas entre quarenta e cinquenta cartas exigindo mais sexo» — revelou Linda Corbell, a encarregada das cartas e das queixas dos clientes.

«Quanto mais ousado, melhor» — acrescentou. Na segunda-feira passada, «Primeira Escolha» difundiu uma selecção do Festival New York de Pornografia («hard core»), selecção que tratava essencialmente, sob a forma de desenhos animados e curtas-metragens, das relações sexuais em grupo e da bestialidade.

Linda Corbell mais não pôde do que concluir que este sexo de «Primeira Escolha» tinha sido do agrado de todos, uma vez que nenhum cliente se queixou.

O vice-presidente da cadeia, Bill Kincaid, afirma que na realidade os clientes se queixam dos programas televisivos do «Playboy», considerados demasiado monótonos.

«Apenas — disse — tragáveis por crianças de 14 anos.»

Ainda a OUA: OIJ apoia luta dos africanos

A Organização Internacional dos Jornalistas (OIJ), por motivo do 20.º aniversário da fundação da OUA, declarou apoiar a luta de todos os povos africanos pela liberdade e pelo progresso social.

Num comunicado distribuído em Praga, a OIJ sublinha que «a tarefa de todos os jornalistas progressistas consiste na revelação da essência do racismo e do «apartheid» e na demonstração dos seus laços com as forças mais reaccionárias do imperialismo e da agressão».

Aquela Organização, lê-se no documento, dá grande apreço aos esforços da Organização da Unidade Africana (OUA) que visam consolidar a solidariedade e desenvolver a cooperação entre os Estados africanos nos domínios político, económico, militar, cultural e técnico-científico.

«A OIJ continuará a apoiar a justa luta dos povos africanos pela paz, pelo progresso social e pela independência nacional» — assinala a declaração.

continua

INE
INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

OS AGENTES ESTÃO CREDENCIADOS.

OS DADOS FORNECIDOS
ESTÃO A COBERTO DO

SEGREDO ESTATÍSTICO.

NOVO INQUÉRITO AO EMPREGO

NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Portugal: vice-campeão em "molhar o trombone"

O álcool. O álcool é uma das coisas piores que há na vida. Certa ocasião, um homem que abominava o álcool apareceu-lhe o deus do mal (conhecido na gíria por «diabo») o qual lhe disse:

— Vou matar-te.

O homem chorou-se. Que era novo, que era bondoso, porque torna, porque deixa. Então o deus do mal reconsiderou:

— Está bem. Poupo-te a vida com uma condição: ou apanhas uma grossura ou bates na tua mãe e matas a tua irmã.

Ponha-se cada qual no lugar dele. Claro, foi de caixão à cova. Depois, sob o império do vinho, matou a mana e bateu na madre. Já podem ver.

Telejornal, abster-se da vinhaça (assim o fosse da mentira) prestou informações alarmantes. Por exemplo: sendo o quarto produtor mundial, Portugal é o segundo consumidor de vinho. Cada cidadão emborça uma média de 130 litros de vinho por ano, enquanto o consumo de leite não passa de uns miseráveis 30 litros ao ano — e comparem agora com os 360 litros da Finlândia.

Com tamanho consumo, pode imaginar-se como deve ser perigoso, neste país, ser mãe ou irmã. No entanto, para agravar a situação, a RTP intensifica a publicidade ao álcool. Do mesmo álcool que ocupa o terceiro lugar entre as causas da morte em Portugal, logo a seguir ao cancro e às cardiovasculares — sendo no entanto verdade que, nas cardiovasculares, o **telejornal** compete com a aguardente.

A publicidade ao álcool pela televisão faz-se a vários níveis. Nos blocos destinados a isso, mas também nas corridas de automóveis (onde estamos rodeados de violência por todos os lados) nos campos de futebol e nas fitas de ficção, desculpem, olha que disparate, eu queria dizer nos filmes de ficção. **Dallas**, então, é um festival uísquico do princípio ao fim. Todos lhe chegam...

Até nas **origens** sonsinhas, o álcool é a principal personagem. O Francisco anda conservado em uísque. O Gaspar molha o trombone a todo o momento. O Luís avança-lhe que é um caso sério. Até a Sara cor-de-rosa, quando a Júlia lhe propõe um

chá, responde que mais lhe apetecia uma bebida alcoólica.

Aliás, aquilo pelas **Origens** roça o primarismo da efabulação. No mesmo episódio, no de ontem, a Sara diz que não sabe quem é o pai e logo a seguir o Luís **esclarece** que é pai mas não sabe de quem. Branco é...

É natural, pois que nestas fraquezas de enredo ande muita inexperiência — ou uma gotinha de álcool a mais.

A própria Televisão creio bem que terá de se internar num centro de desintoxicação. Aquilo por ali anda demasiado uísque — e ainda por cima americano, de péssima qualidade, ao pé daquilo o nosso de Sacavém é um néctar de gaita-de-foles...

Não me refiro só ao telejornal, mas ao geral. Reparem nisto: ontem estava marcada uma fita, pois era **noite de cinema**. Os telespectadores deviam ter ficado balhelhas, pois entre as primeiras partes do filme e as últimas, não havia nenhuma relação, para além da presença do Moore e do Curtis. Não havia... nem podia haver, pelo simples facto de que não se tratava de uma história só, mas de duas

bem diferentes. Eram dois episódios de uma série — **os persuasores**, lembram-se? — causadora de muita idiotia por esse mundo de Cristo...

Ninguém na RTP deu pelo facto. Impressionante! De modo que, de duas uma: ou a desorganização é total ou os responsáveis não visionaram aquela porcaria ou estavam todos a curtir uma de sessenta graus...

A verdade é que o grande consumo de bebidas alcoólicas pode justificar, aos olhos dos portugueses, uma data de coisas.

Reparem só nesta: o dr. Mota Pinto foge a qualquer pergunta dos jornalistas, convencido, como também está, que o segredo é a alma do seu negócio, ou o negócio da sua alma, não sei bem. Manifesta apenas uma intenção piedosa: a formação do governo «**terá de ser feita com rapidez**»...

Os telespectadores ouvem e por certo hão-de ficar em grande dúvida. Terão eles ouvido bem ou não estarão todos já com um grãozinho na asa? Sim, manos, depois de tudo o que se tem passado, falar-se em **rapidez** chega a ser uma piada de mau gosto.

Claro que ouvi mal. Quem me mandou a mim esvaziar uma de zimbro que me mandaram da serra da Estrela? Porque não me fico apenas pela aguiinha do Luso?

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P. PAGAMENTO. •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 175-1* (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telef. 53 82 20

6.ª e SÁB. às 21.30
DOM. às 16

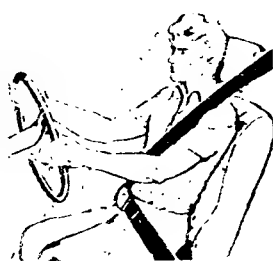
3.º mês

ANASTAS

de JUAN BENET
Enc. de FERNANDO GUSMÃO
COM
ANTÓNIO ASSUNÇÃO
...UM MAGNÍFICO GRUPO
DE ACTORES... UM BELO
CENÁRIO... UM EXCELENTE
ESPECTÁCULO!
JOSE MANUEL DA NOBREZA
O SETE

GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE

Tel. 275 21 75



Use sempre
o cinto
de segurança

Hoje



Mariana Rey Colaço numa cena da telenovela portuguesa «Origens»

Das 13.30 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 **Tempo dos Mais Novos** — «Os Contos de Andersen».

18.55 **Autovisão**

19.30 **Telejornal**

20.30 **Telenovela** — «Origens».

21.05 **Concurso Notas & Notas**

22.30 **1.ª Página**

23.45 **Último Jornal**



17.25 «**Aconteceu em Paris...**» — intérpretes: Wayne Rogers, Gayle Hunnicutt, e Jack Lenoir. Realizador: Frank D. Gilroy.

19.20 **Eurovisão** — futebol, transmissão directa da finalíssima da Taça de Inglaterra, entre o Manchester United e o Brighton.

21.20 «**Sara Dane**» — 2.º episódio. Intérpretes: Juliet Jordan, Harold Hopkins, Iona Rogers, Paul Sonkkula e Barry Quin. Realizador: Rod Hardy.

22.10 **Jornal da Noite**

22.30 **Telenovela**

Na RTP-2 exhibe-se, esta noite, o 2.º episódio da série «Sara Dane»

Amanhã



08.00: Bom Dia Portugal. 09.50: Desenhos Animados. 10.10: Gente e Ideias. 10.35: «A Duquesa da Rua do Duque». 11.30: RTP/Brasil. 12.00: «Baila Comigo». 13.00: Jornal da Tarde. das 13.30 às 17.30: Ciclo Preparatório TV. 18.17: Tempo dos Mais Novos. 18.55: Tur/83. 19.30: Telejornal. 20.30: «Origens». 21.00: Viva o Gordo. 21.30: «A Balada de Hill Street». 22.40: Último Jornal.

09.30: Teletexto. 17.32: TV/2 Notícias. 17.50: «Marinheiro de Água Doce». 19.30: Desenhos Animados. 20.00: Viagem Através do Homem. 20.30: Clube de Imprensa. 21.30: Caminhos do Eterno. 22.00: Jornal da Noite. 22.20: «Cabocla».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Concurso Notas & Notas
(21.05)



Futebol. Finalíssima da Taça de Inglaterra
(19.20)

...e sugere para hoje...



Origens

Teresa e o seu amigo Xavier conseguem retirar Filipa da prisão. Ofélia e Julieta conversam sobre o livro de magia negra que tinha desaparecido e sobre os passos que ouvem de noite. Teresa telefona a Luís e conta-lhe o que se passou com Filipa. Sara informa todos os empregados do hotel das **origens** e todos tentam fazê-la prometer que lhes garanta o emprego.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 275 21 75

PRÉMIO CINEMA CONTEMPORÂNEO -CANNES 81



NEVE

Seleção oficial Cannes 1981

um filme de

Juliet Berto e Jean-Henri Roger

com

Juliet Berto - Jean-François Stevenin
Robert Liensol

Distribuição

FILMEFILMES

2.ª SEMANA NO **quarteto**

M/16 ANOS

UMA GRANDE EPOPEIA DO OESTE!

ATÉ COM A ESQUERDA ELE ERA
DEMAIADO RÁPIDO PARA FA-
ZER AMIGOS!



DUELO NO ARIZONA

CAMERON MITCHELL • CARL MOHNER • KETTY CARVER

Realização de SERGE BERGON EASTMANCOLOR

MUNDIAL FILMES

HOJE ÀS 21.30

POLITEAMA

roteiro cultural

Música

Narciso Yepes, um dos maiores intérpretes de guitarra contemporâneos (bem se pode dizer que ele e Andrés Segovia são quem redescobriu verdadeiramente aquele instrumento) dá hoje um concerto, às 18.30, na Gulbenkian. O concerto será uma espécie de ilustração da história da guitarra, com peças que vão desde transcrições do rei Afonso «O Sábio» a obras de Giuliani, Montsalvatge, Castelnuovo-Tedesco, Tarrega e Ginastera.

Na Sé Catedral de Faro, hoje e amanhã, às 21.30, os solistas do Festival Bach da Madeira realizam dois concertos em que interpretarão obras de Bach, Haendel e Telemann.

Os concertos do Congresso de Guitarra prosseguem amanhã, às 18.30, no São Luiz, com João Lopes Silva a interpretar obras de compositores contemporâneos portugueses.

O pianista Alexis Weissenberg realiza amanhã, na Gulbenkian, às 21.30, um concerto cujo programa é inteiramente preenchido com obras de Chopin.

Ópera

No São Carlos, às 21 horas, estreia hoje a ópera «Luís

Miller», de Verdi, numa encenação de Paolo Trevisi, com cenários de Nicolas Benois e direcção musical de Franco Ferraris. Intérpretes: Mara Zampieri, Beniamino Prior, Giorgio Zancanaro e Dimitar Petkov. «Luís Miller» é uma das três óperas de Verdi inspiradas em Schiller.

Cinema

Dois filmes de Manoel de Oliveira no programa do AR.CO: hoje, «Benilde, ou a Virgem Mãe», inspirada na conhecida obra de José Régio, e amanhã e no sábado, «Amor de Perdição». Sessões às 21.45.

O ABC Cine-Clube de Lisboa, em colaboração com a revista «Mulheres», vai realizar amanhã, às 19 horas, no Estúdio 444, uma sessão com o filme «Velhos são trapos», integrado no ciclo «As Mulheres no Cinema», realização de Monique Ruttler.

Teatro

A Companhia do Centro Cultural de Évora apresentará na Casa do Alentejo, em Lisboa, no dia 28 de Maio corrente, pelas 21 e 30, um espectáculo com a peça de Prosper Mérimée «O Céu e o Inferno».

A peça que cumpre neste momento uma longa digressão pelos bairros limítrofes e freguesias rurais de Évora —



Terence Tarsnane expõe na Galeria de S. Mamede óleos mágico-realistas

que interrompe nesse dia — é apresentada no âmbito dos festejos da semana «O Alentejo em Lisboa», que decorre nas instalações da Casa do Alentejo.

A encenação é de Fernando Mora Ramos, a cenografia e figurinos de José Carlos Faria e a interpretação está a cargo dos actores Alexandre Passos, Ana Maria e José Russo.

Associação do Nordeste Transmontano

A Associação do Nordeste Transmontano leva a efeito no próximo sábado, dia 28, às 15

horas, na Calçada da Estrela, 99, 1.º, esq., uma festa comemorativa dos cinco anos da sua existência.

O programa compreende a inauguração das obras de beneficência da sede, uma exposição de fotografias e uma exibição de videotapes sobre a actividade da ANT em Trás-os-Montes.

Música, diversões e a realização de um leilão tradicional transmontano fazem também parte do programa.

Entre os muitos sócios e amigos, estará presente o sócio n.º 1 e fundador da Associação do Nordeste Transmontano, marechal Francisco da Costa Gomes.

Exposições

Óleos de Terence Tarsnane estão patentes ao público na galeria de S. Mamede, em Lisboa. Tarsnane, pintor inglês radicado na Holanda há alguns anos, já é conhecido em Portugal através de uma exposição realizada em 1974 na galeria onde expõe agora.

Conferências

Integrada nas comemorações do Dia Internacional dos Museus, vai realizar-se no próximo dia 27, pelas 21.30, no Museu Condes Castro Guimarães, em Cascais, uma conferência dada pelo dr. Luís Manuel Teixeira e subordinada ao tema «Retábulo da Igreja Matriz de Cascais».

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO DO ACADÉMICO DE COIMBRA

Avisam-se os concorrentes à empreitada da construção da obra em causa que, devido a imprevistos, a entrega das propostas não terá lugar até 17 horas de 15 de Junho p.f., conforme foi noticiado oportunamente, sendo esta data alterada para «30 dias após a publicação do ANÚNCIO no «Diário da República» e a abertura das mesmas pelas 15 horas do dia imediato.

Pe'la DIRECÇÃO

Na NAZARÉ o **Diário de Lisboa** vende-se na TABACARIA BATISTA

rádio

Antena Um

16.00 Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito — a cada profissão... sua prevenção; 19.00: Informação e música; 20.00: «Mata-vos Uns aos Outros», original de Jorge Reis; 20.15: O espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite — Antena 1 no Casino Estoril; 23.30: Último jornal Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Tratos e retratos; 17.40: Música portuguesa; 18.05: Cultorando; 19.30: Música de todos os quadrantes; 20.10: Música sinfónica; 21.00: Ópera comentada; 01.00: Fecho Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (2.83, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Mensagens bíblicas — diálogo; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: Uma noite com... Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos; 02.00: Uma noite com... Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Grande círculo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando Noticiários intercalares a todas as horas

Rede Sul de FM

14.00 Duas vezes seis; 21.00 Quando o telefone toca; 21.30 Pentagrama

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 747

HORIZONTAIS:

- 1 Negativa Pronome reflexo. Pontas aguçadas.
- 2 Rio da Argóida. Consuma.
- 3 Alternativa (inv). Nesse lugar Ilha da Polinésia.
- 4 Tempo do verbo ir Autondade ca-freal (pl)
- 5 Abreviatura de diclorodifenilnoloretano, substância insecticida Cagado.
- 6 Preposição e artigo Miradouros
- 7 Encaracolado Ferro (s.q.)
- 8 Vossa Alteza. O mesmo que uma (ant e pop) Acrescentando uma consoante é telegrafia sem fios Pátria de Abrão
- 9 Época Distrito da ex-india Portuguesa. Antiga Agência Telegráfica de Imprensa
- 10 Atar Sobre
- 11 Nome de frutos. Cursos de água naturais e abundantes.

VERTICAIS:

- 1 Ilha de Itália, no golfo de Nápoles Cirio.
- 2 Prefixo de privação Veneraram.
- 3 Ilha da Polinésia. Ferro temperado
- 4 Preposição. Ruim Clima
- 5 Fundo da agulha Azeda.
- 6 Poise no mar (o avião).
- 7 Praça forte na extremidade meridional da Espanha.
- 8 Utensílio doméstico. Nome do Deus-peixe a quem os Caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país Espera Resposta
- 9 Costumes. Agarrei
- 10 Fruto da azeitona Morto
- 11 Pronome possessivo Sensatas

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9598

HORIZONTAIS:

- 1 Meio almude. Cidade francesa do departamento de Vaucluse
- 2 Desmonte. Fútil.
- 3 Cidade de França. Mete em atoleiro.
- 4 Hippopotamo da África Oriental. Ilha também chamada Cândia.
- 5 Antepassado. Rata (inv).
- 6 Ilha chilena da Polinésia.
- 7 Tornada um pouco doida.
- 8 Aldeia de Itália Nome de qualquer guisado ou ensopado.
- 9 Prefixo de privação. Acreditei.
- 10 Aroma. Cidade de Inglaterra.
- 11 Desvairadas. Escudeiro.

VERTICAIS:

- 1 Cidade do Paraguai. Consta.
- 2 Autorização. Cinquenta e um em romano.
- 3 Irritáveis Sufixo que designa estado.
- 4 Cerimónia praticada pelos chineses depois da morte dos pais Inspiração.
- 5 Preposição e artigo (pl) Escultor francês autor de «O Beijo».
- 6 Artilharia anti-aérea. Bário (s.q.)
- 7 Vila e concelho do distrito de Aveiro Em as
- 8 Teimar.
- 9 Nitrogénio Medida agrária dos Romanos.
- 10 Descascara. Rebanho de gado mudo
- 11 Corda de rebocar. Intenso

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 746

HORIZONTAIS:

- 1 NEM TUDO Tm.
- 2 Arreiga QUE
- 3 Mas Bambu
- 4 Im Gera Iró
- 5 Corisco.
- 6 Mito Tai
- 7 Reboa Cor.
- 8 Ardina.
- 9 Cremas. Cl
- 10 Aas Raia
- 11 Zil Gastão.

VERTICAIS:

- 1 Namib RELUZ
- 2 Eram Ce
- 3 Mrs Bacal
- 4 E. Gomorra
- 5 Tiberiades.
- 6 Ugart Im
- 7 Dámaso Nara
- 8 Casas
- 9 Quioto It
- 10 Tu Ar. Caa
- 11 Meloal OIRO

Provérbio: NEM TUDO QUE RELUZ É OIRO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9597

HORIZONTAIS:

- 1 Perguntar
- 2 Apar Soo.
- 3 Ti. Uivo Efe
- 4 Ac. Trameres
- 5 Iola. Lp. In
- 6 Asa Chalada
- 7 Narrou Faam
- 8 Ade. Escopro
- 11 Sao Sol. Oau.

VERTICAIS:

- 1 Pataias Não
- 2 Epicos Fada
- 3 Ra Lagares
- 4 Gruta. Rir
- 5 Ir Camões
- 6 Navalho Uso.
- 7 Trompas Cl.
- 8 Efo.
- 9 Roeria. Rapo
- 10 Ofende. Ará.
- 11 Uses Acamou

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO
Banco Fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	72\$45	78\$45
ALEMANHA FED (marco)	39\$55	40\$65
AUSTRIA (xelim)	5\$50	5\$70
BELGICA (franco)	1\$802	2\$002
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$160
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	79\$65	81\$65
(notas de 5 a 1000)	80\$15	82\$15
DINAMARCA (coroa)	11\$10	11\$50
ESPAÑA (peseta)	\$675	\$795
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	98\$55	100\$55
(notas de 5 a 1000)	99\$05	100\$05
FINLÂNDIA (marka)	18\$05	18\$65
FRANÇA (franco)	13\$15	13\$85
HOLANDA (florim)	35\$25	35\$25
INGLATERRA (libra)	155\$30	159\$30
IRLÂNDIA (libra)	125\$60	129\$60
ITALIA (lira)	\$061	\$071
JAPÃO (iene)	\$380	\$415
NORUEGA (coroa)	13\$80	14\$30
SUECIA (coroa)	15\$10	15\$70
SUIÇA (franco)	47\$30	48\$40
VENEZUELA (bolivar)	7\$50	8\$50

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.45, 21 e 23

- 18 a.

O TOURO ENRAIVECIDO

c/ Robert de Niro

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15

Int. m. 13 anos

VICTOR VICTORIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

ASSALTO À ESCOLA DE KUNG FU

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

- N. ac. men. 13 a.

DO FUNDO DO CORAÇÃO

18.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

EU ZOMBO, TU ZOMBAS, ELA ZOMBAI

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

2001 ODISSEIA NO ESPAÇO

N. Acons. m/13 anos

2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

O GRANDE RESTAURANTE

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

SEGREDOS PROIBIDOS

Às 24

O FUGITIVO DA ILHA DO DIABO

CITY CINE 49999

R. Tomas Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O ÚLTIMO METRO

Às 23.45

A PELE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

N. ac. men. 18 anos

MISSING

Às 24

CAÇA AO HOMEM

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30

OS CINCO MESTRES DO SHAOLIN

c/ David Chaing, Ti Lung e Alexandre Fu Sheng

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.

MOMENTOS ÍNTIMOS

3.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O DESAFIO DO DESTINO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

44.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

O DIVÓRCIO

Um filme de Pierre Baraouh

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15 e 18.30 - M. 16 a.

O GRANDE FILÃO

Às 21.30 - Int. men. 18 a.

AMEAÇA PLANETÁRIA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A NOITE DE VERENNES

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30 e 19

- M. 16 a.

O GRANDE FILÃO

Estreia às 21.30 - M. 12 a.

DUELO NO ARIZONA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 18.15 e 21.30

- M. 12 a.

O REGRESSO DA TURMA DOS

MALANDROS

Às 24

O MONSTRO ESTÁ VIVO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES

2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- M. 12 a.

O CASO DANTON

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 13 anos

FÚRIA EM HONG-KONG

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O IRRESISTÍVEL AVENTUREIRO



Uma cena do filme «A cidade branca».
Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16, 18, 20 e 22

- Int. men. 18 a.

BILÃO

Às 24

VIDA MODERNA

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15

- Int. men. 13 a.

PERIGO IMINENTE

Às 23.30

TOMMY

SALA 3

Às 14, 16, 18, 20 e 22

- M. 16 a.

NEIGE

(NEVE)

Às 24

O HOMEM DA MARATONA

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23

- M. 18 a.

CIDADE BRANCA

às 23.30

VIAGEM À ITÁLIA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30

- M. 12 a.

O PADRE E AS NUDISTAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.

BOBY

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15

- N. ac. men. 13 a.

GANDHI

9.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

VICTOR VICTORIA

16.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45

- Int. men. 13 anos

THE GRADUATE

(A PRIMEIRA NOITE)

4.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

UM DRAMA BURGUES

2.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19, 21, 23 e 23.45

- N. ac. men. 13 a.

TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA

Às 11.15

A FLAUTA DOS 6 STROUMPPFS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

A VIDA É UMA FESTA!

6.ª Semana

TERMINAL 271573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA

6.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

MORTE AO SOL

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 13 a.

AS GRADES DO INFERNO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

- N. ac. men. 13 anos

O MEU PRIMO É UM ESCÂNDALO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Morte ao Sol», às 21.30 (13 anos)

ALFA-2 - «Scanners», às 21.30 (18 anos)

ALFA-3 - «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)

2000 - «O Primeiro Pecado Mortal», às 21.30 (18 anos)

QUINTETO - «Justiça de Guerra», às 21.30 (13 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - «A Espada e o Feitiço», às 21.30 (18 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA - «De-sengano», às 21.30 (18 anos)

CAPITÓLIO - «Star Virgem», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLIMPIA - «O Calor das Calvoiras», sessões permanentes (18 anos)

ZODIACO - «Os Boins Verdes», às 21.30 (13 anos)

RESTELO - «As Noites Quentes de Caligula», às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - «Forte Apache, the Bronx», às 21.30 (18 anos)

ROYAL - «O Vingador da Noite», às 21.30 (18 anos)

PROMOTORA - «Roma Violenta», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Nós, as Mulheres, Somos Assim», às 21.30 (18 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Dina e Django», às 21.15 (18 anos)

OELRAS - Oelras-Cine - «Encontro com Extraterrestre», às 21.15 (13 anos)

PAREDE - Royal-Cine - «Se Tu não Existisses», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «O Rei da Montanha», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «Os Malditos», às 21.15 (18 anos)

CASCAIS - Impala - «Hotel Paraíso», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - «Ator, a Águia Invenível», às 21.30 (12 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «A Última Perseguição», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Fim-de-Semana Sangrento», às 21.30 (18 anos)

ALMADA - Incrível - «Raiva Silenciosa», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - Academia - «Filme de Amor e Anarquia», às 21.15 (18 anos)

TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Amor Ameaçado», às 21.15 (13 anos)

SETUBAL - Júpiter - «A Bomba na Marinha», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «Bobby», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - «O Dia da Cobra», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Cine-Estúdio - «A Piscina», às 21.30 (18 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Os Traidores», às 21.30 (18 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Quarto de Hotel», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «A Violação de uma Adolescente», às 21.30 (13 anos)

Porto

OLIMPIA - «Ator, o Implacável», às 21.30 (12 anos)</



PORTO
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

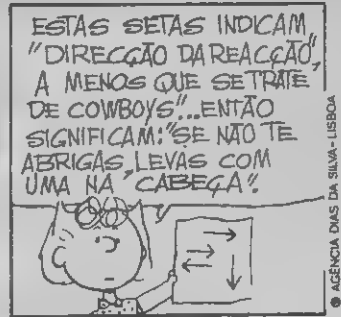
Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

HOJE, A MINHA REDACÇÃO
É SOBRE OS SÍMBOLOS
QUÍMICOS.



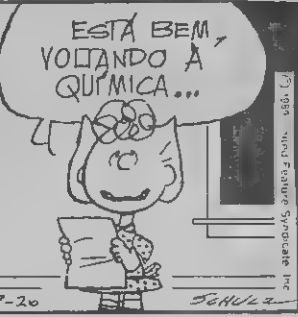
ESTAS SETAS INDICAM
"DIRECÇÃO DA REACÇÃO",
A MENOS QUE SE TRATE
DE COWBOYS... ENTÃO
SIGNIFICAM: "SE NÃO TE
ABRIGAS, LEVAS COM
UMA NA "CABEÇA".



HAHAHAHA!



ESTÁ BEM,
VOLTANDO À
QUÍMICA...



MARES DE HOJE	
PREIA-MAR BAIXA-MAR	
3.38 3,9 m 8.16 1,0 m	
15.58 4,0 m 21.36 0,9 m	
Dia 27	
4.19 3,8 m 9.50 1,0 m	
16.37 3,9 m 22.12 1,0 m	
TEMPERATURAS DO AR	
ÀS 6 HORAS	
VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	9°
PORTO	14°
PENHAS DOURADAS	-
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	14°
LISBOA	16°
ÉVORA	15°
BEJA	15°
SAGRES	15°
FARO	17°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	15°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado; vento fraco ou moderado de Nordeste; acentuado arrefecimento nocturno.

Ouro «jogado» em empréstimo

Até ao fecho desta nossa edição os serviços de Imprensa do banco central não dispunham de qualquer informação oficial sobre o assunto, aguardando-se a todo o momento que venha a surgir um esclarecimento público.

Apontando igualmente para a preparação de mais um empréstimo contra ouro, Álvaro Cunhal afirmava, ontem, à saída de um encontro com Eanes, que havia «numerosos indícios de que estaria em preparação uma manobra» que o PCP repudiava desde já. Segundo disse, tal manobra consistia em «esperar passivamente a aproximação de um momento de iminente dificuldade de tesouraria para pagamentos externos; justificar então um vultoso empréstimo externo em condições extremamente gravosas nos planos económico e social, militar e nacional e continuar nessa base a política de desastre nacional dos governos «AD».

Também esta manhã corria em certos meios que o empréstimo de 400 milhões de dólares obtidos no início do mês junto do Banco para os pagamentos internacionais teria sido contraído a um prazo extremamente curto, encontrando-se neste momento o seu vencimento a apenas duas ou três semanas. Tal facto levaria provavelmente à perda das 34 toneladas de ouro que lhe serviriam de garantia por não haver meios para cumprir o compromisso assumido e ser escassas as possibilidades de renegociar os prazos. A confirmar-se a contração de tal empréstimo a tão curto prazo, isso representaria «um erro grave que nos virá a custar caro», afirmavam esta manhã ao «DL» fonte próxima do Banco de Portugal.

Uma outra questão extremamente grave que se levanta à volta dos grandes empréstimos anteriormente negociados em nome da República, parece ser a da eventual inclusão nos contratos por que eles se regem da chamada cláusula da «garantia negativa». Segundo a mesma fonte, alguns desses empréstimos teriam uma cláusula secreta que obrigaria à hipoteca do ouro correspondente, caso posteriormente o Estado português viesse a negociar empréstimos em que oferecesse o seu ouro como garantia.

Nestes casos de «garantia negativa», explicaram-nos «os empréstimos de ouro correspondentes a empréstimos do BPI não são normalmente tidos em conta. A acumulação de casos dessa natureza poderia porém ensombrar de tal modo a imagem de Portugal no exterior, que alguns dos consórcios que nos têm financiado viessem a exigir também garantias em ouro, sobre empréstimos já concedidos.

Recorde-se que as reservas do Banco de Portugal cobrem actualmente 70% da nossa dívida externa que já ultrapassa os 13 mil milhões de dólares.



Sandra Maria e os seus três «inesperados» irmãos

Nascidos na Maternidade Alfredo da Costa

Trigémeos da Lourinhã em «trânsito» pelo Bairro Alto

Três gémeos (duas meninas e um rapaz) nasceram no passado dia 16 na Maternidade Alfredo da Costa e, desde ontem à tarde, estão de passagem na casa de uma tia-avó, na Travessa dos Fiéis de Deus, aqui bem junto ao nosso jornal. E escrevemos que estão de passagem porque o seu destino próximo será a Lourinhã, terra de seus pais, camponeses, de escassas possibilidades económicas, e já com uma filha, a pequenita Sandra Maria, de três anos.

A mãe, Anabela Maria Félix, de 22 anos, teve de ser sujeita a uma cesariana e veio para a

Maternidade Alfredo da Costa a conselho do seu médico assistente. Quanto ao pai é Henrique Martins Félix, de 32 anos. Em ambos os ramos da família já existem tradições de nascimentos colectivos. A avó materna de Anabela teve trigémeos e uma tia de Henrique um casal de gémeos.

Neste momento os bebés ainda não têm berços e para Anabela seria uma «benção do céu» se alguém se lembrasse de lhes enviar ainda que usados. Neste momento outra das suas preocupações é a de escolher os nomes para os filhos, pois não o quer fazer sem o conselho do marido que está lá na terra.

Concertos com os «Bluesbreakers»...

John Mayall actua em Lisboa e Porto

John Mayall, figura lendária dos «blues» brancos, acompanhado por alguns dos não menos conhecidos «Bluesbreakers», actuará hoje à noite no Pavilhão de «Os Belenenses» em Lisboa, e amanhã no Pavilhão do Infante de Sagres, no Porto. Desde já, uma particularidade a destacar: Mick Taylor, guitarrista que fez parte dos Rolling Stones e discípulo de Mayall, também integrará os «Bluesbreakers».

Todos os sobreviventes da década de sessenta os conhecem. Ele, John Mayall, e eles, «Bluesbreakers», são os responsáveis pela onda de «blues» branco que nessa década inundou a Europa. Com músicos de grande qualidade (John Mc Vie, Bernie Watson, Pete Ward, Martin Hart, Roger Dean, Hugh Flint, Eric Clapton



John Mayall
O Papa do «Blues» branco...

são alguns dos nomes que passaram pelo «Bluesbreakers»), Mayall manteve-se fiel ao longo dos anos à rota que escolheu: utilizar e popularizar na Europa uma forma de expressão musical essencialmente negra e ligada a determinadas situações socio-económicas.

John Mayall atingiu o seu objectivo. Hoje, o músico britânico prepara-se uma vez mais para pôr a Europa no «bom caminho». A viver nos Estados Unidos, Mayall decidiu preparar uma grande digressão ao Velho Continente, acompanhado pelo guitarrista Mick Taylor e por dois ex-«Bluesbreakers»: o baixista Steve Thompson e o baterista Collin Allen. Nesta sua digressão, Portugal não foi esquecido. É caso para dizer: «Que bom!»

Poderão não chegar ao fim de Junho...

Transportes do Barreiro vão além do dia 1

Um vereador da Câmara Municipal do Barreiro desmentiu rumores que correm na vila sobre a paralisação dos Serviços de Transportes Municipalizados a partir de 1 de Junho.

Eduardo Guerreirinho, responsável pelo pelouro dos transportes, adiantou que, no entanto, existem «muitas dúvidas sobre se a Câmara poderá suportar o funcionamento daqueles serviços até finais de Junho, se não houver outras formas de financiamento».

A responsabilidade pela actual situação no Serviço de Transportes Municipalizados do Barreiro «cabe ao Governo» — acrescentou.

Eduardo Guerreirinho sublinhou a necessidade de «clarificação» do funcionamento dos transportes no Barreiro e que a sua demora levará à paralisação.

«Até quando vamos aguentar esta situação é um dado que escapa. Sem alternativas de financiamento, a curto prazo será o colapso» — afirmou.

Eduardo Guerreirinho disse à ANOP que a Câmara do Barreiro voltou a poder vender os passes intermodais, mas que se prevê uma quebra nas vendas dos «selos» para Junho da ordem dos 60 a 75 por cento em relação ao que era habitual.

A quebra foi atribuída pelo vereador a falta de informação à Carris (que distribui os selos do passe pelos vários operadores) do desbloqueamento da interdição à venda pela Câmara do Barreiro.

A edilidade foi interdita em 19 de Abril, pelo secretário de Estado dos Transportes, de vender os passes intermodais por não pagar à CP a percentagem que lhe cabia dessas receitas, o que a Câmara atribui à necessidade dessas verbas para fazer face aos custos de exploração dos transportes municipalizados a preços sociais sem quaisquer indemnizações compensatórias por parte do Governo.

Eduardo Guerreirinho disse que na sequência de diligências da Câmara junto do ministro e do secretário de Estado dos Transportes, a edilidade realizou um acordo com a CP que levou ao desbloqueamento da interdição da venda dos passes intermodais.

O vereador acrescentou que o secretário de Estado determinou à Direcção-Geral dos Transportes Terrestres que realize um estudo sobre a divisão das indemnizações compensatórias pelos operadores que integram os passes intermodais (Rodoviária, CP, Metro, Transtejo, Carris e Serviços Municipalizados de Transportes do Barreiro).

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º Prémio — 55 374 — 54 mil contos
- 2.º Prémio — 74 868 — 18 mil contos
- 3.º Prémio — 45 638 — 6 mil contos

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — COIMBRA — SETUBAL — FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

55.373 — 287.106\$00
55.375 — 287.106\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

630; 3.479; 5.518; 6.722; 9.007; 9.403; 10.210; 12.143; 14.922; 19.117; 20.735; 24.184; 21.103; 28.806; 29.920; 30.866; 34.523; 37.789; 37.892; 38.476; 40.668; 42.151; 46.056; 47.101; 49.438; 49.641; 53.498; 53.530; 56.002; 57.414; 59.693; 60.153; 60.675; 62.245; 68.048; 70.248; 70.451; 70.461; 71.091; 74.255; 75.371; 76.437;

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18.000\$00 — 057; 357; 481; 505; 536; 898; 773 e 971
18.000\$00 — 374; 638 e 968
12.000\$00 — 01 e 39
4.200\$00 — 4 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000\$00 (CENTENAS)

45.601 a 45.700; 55.301 a 55.400 e 74.801 a 74.900

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 28/11/83

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

Dia 27 de Maio de 1963: faz amanhã vinte anos que morreu Aquilino Ribeiro. Lembrando essa data, e como homenagem ao grande escritor, «Ler/ Escrever» insere na sua edição de hoje «O Esconjuro», folhetim que o autor de «Terras do Demo» publicou nos primeiros números do «Diário de Lisboa».

A homenagem, por consequência, é também para o nosso jornal, que sempre soube oferecer as suas páginas àqueles escritores que honram a nossa literatura.

Como apresentação da obra, transcrevemos as palavras que, então, escreveu Joaquim Manso: «O 'Esconjuro', modelo de prosa cintilante cheia de colorido e de vigor, encerra inúmeros quadros em que um invulgar espírito de observação se faz sentir.

Publicando em folhetins o belo trabalho do consagrado autor das 'Terras do Demo', o 'Diário de Lisboa' oferece aos seus leitores o ensejo de se deliciarem com a leitura duma verdadeira preciosidade literária.»

E pronto: inicie-se agora a leitura de «O Esconjuro».

ROMPENDO pelo milharal fóra, d'estes milharaes já adeantados, verde-apopieticos e barbaçudos de pendão mais soberbo que lanças erguidas, Aurelio foi surpreender o sr. Abade, ao fundo da fazenda, a refrescar de borrifador em punho os albores que tinham sede. Ali perto, a agua caía da bica de pau n'uma doce toada de cantilena, e ele, com mais zelo que de hissope a enxotar os espiritos malignos, ia e vinha, aspergindo á direita e á esquerda sobre as couves tronchas, já orelhudas, — o seu consólio dos dias de magro, cosidas com bacalhau, depois de lhes gear o Dezembro.

A ponta vermelha do tabaqueiro a esvoaçar do bolso, casso ruço de bater, sócos reforçados por esteiras de ferro, afavel com estranhos e resmungão com os proximos, ali estava o padre Inocencio, grande trunfo politico e pregador de nomeada. A igreja era montesinha, mas congrua, passal de carão e de regadio, responsorios e folares, que de lautos alambravam na ucha, tornavam-na a mais cobijada da mitra.

O abade foi efusivo, mais que de razão, a acolhel-o; e, largando logo, ao subirem o carreiro, aqui e ali, menos ao desenfado que para rebater com rasgo a confusão de ser colhido d'aquela geito, aqui e ali dobrava-se a cortar com o sacho a leituga balofa, a macela teimosa, que, mais daninhas que os pecados, acudiam ao refeitorio farto do quintal. Ao alto, de-

baixo da latada que cobria de frescôr um patim de largo lanço, roçado dos passos, e a duas varas de terra, onde se espojavam galinhas, puxou de «fortes»:

— Vae um?

— Muito agradecido, os medicos proibiram-me o tabaco.

— No meu tempo — tornou ele, detendo-se com o acender o fosforo dentro da cava das mãos ambas, habito de quem anda pelos caminhos — no meu tempo não havia possibilidade de fumar no Seminario. D. Antonio — *requiescat in pace* — era inimigo jurado dos fumadores. O cigarro

é um alambique de ociosidade e de devaneio — dizia ele — *ergo* de pecado». E chegou a expulsar alguns seminaristas que traziam amarela a póipa dós dedos. Era um dragão!... Agora, não sei...

— Agora ha menos rigor com os fumadores — respondeu Aurelio. — O vice-reitor fuma, os monitores fumam... o proprio bispo gosta de queimar o seu charuto, mas muito em particular. Metade do que se pratica no Seminario, o sr. Abade está cheio de o saber, decorre debaixo de capa.

Passou um breve silencio entre eles, durante o qual se



Aquilino Ribeiro

(Desenho de Artur Bual)

ouviu chocalhar a agua de rega que limava no batatal, acima de cujo verde quasi negro, sem transparencia, fiôres umas que outras brancas d'uma pureza de neve, brancas molhadas de rôxo, se elevavam mais ligeiras que borboletas.

O abade seguia em baixo a manobra do abegão, arremengado até ao joelho, chapéu de palha canteira com debrum azul a toda a hora, a governar a agua, á frente d'ela, a qual, como um rebanho de rezes novas, se espalhava a todos os pontos indocil e jovial. E, vendo-o pressuroso á direita e á esquerda, gritou-lhe:

— Abriste muito ao boeiro, homem! Com agua a monte, escalvas a terra toda.

O criado rosnou uma resposta breve que se perdeu e o Abade ficou a queixar-se para Aurelio dos moços da lavoura, que não valiam a manutenção e exigiam

uma soldada de capitão-mor. Depois, saltando de assunto, dando á voz um tom lento de interesse, proferiu:

— Isso ha de ser de pouca monta... Com a ajuda de Nossa Senhora e os ares d'estas serras, quando vier o tempo da caça, pode pegar da espingarda e estafar um bando de perdizes.

— Assim o espero — respondeu o teologo. — Os medicos mostram-se optimistas, contanto que eu me abstenha de todo o esforço, mesmo ler. A lesão exige um espirito inerte diante no mundo e das coisas, dizem, e o mais difficil é precisamente isto, estancar dentro de nós a corrente do pensamento que nos leva. Mas vou, vou tentar reduzir-me a vegetal.

— Ora, á sr.^a D. Francisquinha não faltam posses, e Aurelio é uma criança. Que se ordenasse já, não podia receber ordens de presbitero!...

— Sim, é verdade. Teria de esperar dois anos.

Afagado da sombra, que a aragem dos outeiros tonificava, contente das novidades que os seus olhos viam pular ao sol forte de julho, o Abade aprouve-se a evocar os velhos tempos do Seminario, quando se aprendia a logica pelo Genueuse e a metafisica pelo Stagirita.

— O padre Roseira ainda é vivo?

— É, mas muito velhinho. Quando saíamos a passear pela estarda do Relogio de Sol, viamo-lo ás vezes na quinta. Tão diafano, quasi uma sombra, muito dobrado para a terra, sem erguer nunca a cabeça, vinha-me sempre á ideia que andava a soletrar o *memento homo qui pulvis es...*

— Lá nisso era ele um artista!... Pois tenho pena, foi o meu mes-

Continua na pág. 2

Aquilino Ribeiro no «Diário de Lisboa», consultando a colecção do jornal na companhia de seu filho Anibal.



O ESCONJURO

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

Continuação da pág. 1

tre de latinidade. Há que mundos! Mas olhe, ainda me não esqueci das despertativas que nos tamborilava na cabeça com os nós dos dedos sempre que emperrávamos nas declinações. Era um humanista temível. O João de Mórals, sequeiro do Padre Manuel Alvares do tempo dos afonsinhos, era duro de roer; mas quando entrava era para nunca mais, enroscava-se à memória como a hera a uma parede e dali só com a cova. Sabíamos a arte toda, da etimologia à prosódia, de cór e salteada. Então da nomenclatura poética não lhe falo. O Padre Roseira, que versejou em latim, exigia que trouxesse-mos tudo na ponta da língua. A que pontos, eu lhe digo... Horácio não tinha verso hipercataletico, ou adonio que não soubesse desdobrar, nem em Virgílio havia cesura que eu não matasse à legua. Há que mundos! Eu lhe digo, hoje ainda sei a gramática como o padrenosso... o mais arrevezado, até esses pronomes de má morte...

E o sr. Abade, em prova, desfiou leoninamente uma esdruxula declinação.

— Chama-se a isso uma memória de bronze.

— Qual?! Chama-se isto receptividade aos cascudos do padre Roseira. Do resto, ontologia, teodiceia, dogma, esqueci tudo. Só me lembra que há sete propriedades no indivíduo: *Forma, figura, locus, tempus, stirps, patria, nomen, Haec ea in sepiem, quae non habet inus et alter*. E viva o velho! No seminário, lá nisso a vaidade me seja leve, era um barra. No bom e no mau; ainda hoje seria capaz de recitar os casos todos de certas palavras barbaças, ou de baixa latinidade, formadas por agutinação, e que são mais extensas que leguas. Sabe?

— Julgo que sei. Não há aprendiz de latim que não marre com essas estravagâncias.

— É verdade, isso é a giria do latim, latão como lhe chamam. O

padre Roseira não nos ensinava estas coisas, mas ouvi-lhe eu dizer que era um bom exercício glotico, por isso as não reprovava. Trauteávamo-las e entretínhamo-nos a compôr ou a embaçar os novatos com frases bilígues como aquela *Uvas Atenas portas*. Algumas eram bem equivocadas. Hoje, já se não ocupam com essas frioleiras?

— Ocupam, pois, não ocupam! A Igreja está construída sobre pedra — *super hanc petram* — tudo em volta, a começar pelo ensino eclesiástico, petrificou.

O sr. abade não compreendeu ou não quis compreender, e arimado ao grato corrimão da lembrança, foi rememorando:

— O latim servia-nos até de pretexto para mexer em coisas menos discretas. Aos caloiros obrigávamo-los a declinar Tertuliano, e outras palavras, percebe? que envolvem em certos casos um sentido afrontoso para quem as pronuncia, atendendo à decomposição etimológica que se lhes supõe.

— Sim, hoje como ontem, essas coisas são saboreadas, ditas e reditas. É a valvula do instinto contrafeito.

— No meu tempo — tornou o abade, apanhando o fio subtil, quase subterrâneo, que deixara Aurelio — os grandes, como denominavam aos teólogos e aos barbados, no sábado à noite achavam sempre geito de se pirar por uma porta que da cerca abria para a rua do Castelo. A essas excursões sobrepticas, chamávamos nós «ir a Sodoma». Até uma vez houve escândalo em casa duma Micas, muito falada ao tempo, por se envolverem em desordem, devido a diferenças ao jogo, um terceiranista e um furriel. Malharam ambos com as costas na cadeia e quem valeu ao seminarista foram os bons padrinhos e ter já ordens de diacono. Já morreu... Mataram-no na força da idade com um tiro de bacamarte à boca das urnas, numa eleição que os progressistas disputavam aos regenerado-

res no concelho da Pesequeira.

— Tal porta já não existe — declarou Aurelio. — O Seminário, agora, é cispado como um tumulo, e, que não fôsse, essa viagem nocturna seria comprometedora e arriscada.

O seminário tem espíões pela cidade, depois o paisano, hoje em dia, divorciou-se do clérigo... não fragua com ele... considera alcouces e tavolagens como feudo só seu. O eclesiástico, com o advento da democracia, nem o direito tem de debôchar-se.

II

— Pois é um mal. Mais valia pagar o tributo à natureza naturalmente que manter uma contenção que desata às vezes estupidamente.

— Nos últimos anos pouco tem havido que falar. Frequente ainda a predileção caracterizada de certos professores e monitores pelos alunos de boa presença. Involuntariamente, traem-se por uma delicadeza, uma condescendência ao capricho dos mocinhos que no século se reservam para as mulheres.

— O bispo é bom rapaz?

— É... Um pouco cachaço a mais e cabeça a menos.

— Mais vale assim que esse tal D. António que era o anti-Cristo dos párcos! Chegou a ter suspensos dez... por pecadilhos — e o senhor abade temperou seu gosto à brandura com topeadas seguidas da cabeça.

Entretidos com doce linguareirice, tão grata à gente eclesiástica, ali quedaram. Vieram os rebanhos do pasto matutino, e o moço da lavoira esgotou a presa da água do batatal, tecendo no chão de terra preta um sendal de crepes e de ouro. Uma galinha ensinava aos pintainhos a governar a vida, picando no chão o verme descuidoso e indicando-lhes o grãosinho perdido. Atrás dela, mal equilibrados sobre as

pernas trémulas, a ninhada era como bolas de lã a correr. Uns seguiam já interesseiros, mesmo debaixo do seu bico, outros atravavam-se em disputa sobre um cibato, alguns ainda perdiam-se absortos a olhar e a piar. E, longe, um corria exaustinado, não atinando com o gosmado gógó da pita mãe. Ela então voltava-se irosa, ia à cata do perdido e, tornando à manada, lá ia com sacolões bruscos do pescoço, picada à direita, picada à esquerda, crocitando, a ensinar aos pintainhos o que é a vida e o mundo.

Pelos espaços além, a folha estendia-se, baça de seiva nas abas do povo, com esbranquecimentos de areal no campo imenso de ceira, de um verde mate nas moitas e pinhais e daí a fugir pelo pousio, coutos de urze e penhascos, de um tom cada vez mais ferrete de asfalto. Sobre tudo, a aguada amarela de um sol rechinante, de uma braveza quieta. E nos horizontes confins, a grande cordilheira assentava, grave, escurecida, com a gigantesca nuvem de fumo dos mundos em fogo.

Desafeito, pela reclusão às livres perspectivas, os olhos de Aurelio feriam-se do deslumbramento do céu e da crueza da luz que sobre os centeais se polvilhava de laminações de cobre. Ao mesmo tempo sentia dissiparse o negrume que enchia de tão longe sua alma doente, como se a suave limpidez do céu e da terra estivesse a dealbar-lha, em ondas e ondas, lançadas por mão que tem o segredo dos bálsamos e do amor. E o passado, de que não retirava uma parcela de consolação, varria-se-lhe do entendimento, deixava de ter em si a noção molesta da presença e de dolorosa continuidade.

O sr. abade chamou-o de divagar por longe com dizer:

— Mal foi que a doença o obrigasse a suspender a carreira mas antes disso — porque eu estou certo do seu restabelecimento — que ser expulso por espírito perigoso como colegas meus deram a entender na festa do Corpus-Christi, em Barreiras.

O seminarista sorriu, um sorriso brando, sem malícia.

— Não; este ano decorreu serenamente. Quando «para lá» voltei foi com o propósito de sacrificar de todo a inteligência.

— Fez bem. O Aurélio ganhou fama de entendimento rebelde, armado com todos os silogismos da heresia, soube-me dizer mr. Pedrosa, quando a rôgo da senhora sua mãe me fui informar da conta em que devia ser tido o libelo que lhe ergueram. Ao passo que faziam honra às suas faculdades privilegiadas, tinham medo do senhor. No seu quarto foram encontrados livros perigosos...

— *La Recherche de la Verité*, de Malebranche. No entanto este filósofo é um cristão espiritualista. Não o entendem... mas queimam-no.

— O senhor formulará um conceito heterodoxo das epístolas de S. Paulo e do Evangelho de S. João...

— Limitei-me a fazer interpretação exegética de um e de outro. Procurei até apagar as disparidades flagrantes que há.

— Mas disse que Jesus Cristo, segundo S. João, não era o Redentor?

— Não, o que disse foi que a



Retrato de Aquilino, de Rui Filipe, pertencente à Sociedade Portuguesa de Escritores.

divinização de Jesus, mal esboçada em S. João e nos outros evangelistas, se fixara, apenas, em S. Paulo.

— O que, sob o ponto de vista da fé, é discutível. Mas, adiante. O seu professor de dogma queixou-se, também, que ao falar em infalibilidade pontifícia o senhor taxasse esse facto de inspiração divina como único na história das religiões.

— Se bem me lembra, aconteceu-me dizer que a incompatibilidade entre a cultura moderna e o catolicismo existirá enquanto perdurar esse dogma. Mencionei um facto.

— Falou ainda em teorias novas, atonismo, mecanismo, sistemas que a teologia pulverizou bem pulverizados.

— Fiz uma resenha didáctica dos inimigos com quem tem a renhir a apologética, julguei que seria meritório ilucidar...

— Nem sempre... Agora, deixe-me que lhe diga, andou mal em terragear em ceira alheia. S. Tomás tem ciência de sobra para um espírito ávido de saber. S. Tomás tem resposta para tudo.

Aurélio, de olhos no chão, deixou correr um sorriso, muito levemente scéptico de intelectual. A vista ao largo, os polegares a dançar, um atrás do outro, numa roda sem fim, o sr. abade cismava. Na sua frente larga, de camponez espiritualizado, Aurélio teve a impressão de uma lápide branca que se povoa de caracteres.

Franzindo-se e desfranizando-se, nela se traía um chamar de ideias, não distituídas de senso, nem gratuitas que o presbiterado nas serras, incompatível com os jogos do entendimento, tinha relegado ao plano das coisas desnecessárias. O cérebro anquilosara, mas sentia-se ali o pregador que decorava um sermão para nunca mais o esquecer e não folheara debalde os livros da ordenação. Plebeisado, meio lavrador, meio cura, o espiritual jazia nele sob montanhas de cuidados materiais e chamá-lo a campo era remover montanhas. Mas lá estava. A sua mente moldara-se à ciência escolástica, mas a impressão ficara bem gravada.

Muito espaçadas, como a medo, o abade murmurou estas palavras em tom quase paternal, depois de breve cisma:

— Uma carreira tão linda... requeriam-no já para professor... amanhã seria cônego... depois, sabe-se lá o que não tinha a esperar na hierarquia eclesiástica, que é longa?... Andou mal, Auré-

lio, em faltar a sua curiosidade de saber na filosofia dos ateus. Hoje o nosso campo e o deles está tão delimitado e, ousado dizer, fechado, que é inútil pensar em mandar uma seta de um para o outro. Vivemos à parte... quem quiser ser daqui não saia daqui, quem quiser ser de lá escusa de cá vir.

— O senhor abade acaba de tocar um ponto fundamental, que é o abismo cavado entre a religião e o espírito dos tempos modernos. Ninguém luta com o catolicismo armado na sua couraça... ninguém, e por isto, porque dentro há um cadáver. Eles constroem seus sistemas, seus corpos de doutrina, sem olhar



Quadro de Abel Manta: «Tertúlia do Prof. Pulido Valente».

e indivíduo, ou de ideias para ideias.

Aurélio ia cometer a cobardia de se rectificar, quando à cancelinha do quintal, a poucos passos, apareceram uns paroquianos. Eram quatro homens no traje de trapio, descalços, em mangas de camisa, pelos jeitos vindos de largar a tralensana. Tanto mais que, com o sol a escaldar céu e terra, era aquela a hora morta para a faina dos campos. À frente marchava o Manuel Rilha-Pedras, alto, ossudo, perfil de raposo morto a despelar, pendurado pelas orelhas a um galho de pinheiro. As mãos desciam-lhe até abaixo dos joelhos e pareciam pás de erguer o grão nas eiras. Era um dos proprietários da freguesia e desempenhava, uns anos por outros, as funções de repartidor das águas e membro da junta de paróquia.

III

A par vinha o Zé da Leocádia, dono do boi padreador e malhante das suas duzentas pousadas de trigo, para mais que não para menos; trazia uma carapuça na cabeça, e de pequeno que era, à beira do Rilha-Pedras, lembrava as sociedades, nas novelas, do gigante e do anão. Atrás, mais marianhos, avançavam o Joaquim Çaracoto, mordomo de todas as festas, tocador disputado de viola e que pagara com uns meses de cadeia o roubo de um adereço de ouro a Nossa Senhora da Boa Fortuna, e o Augusto da Eira, que trazia muito pão à quarta, muito dinheiro a juros e muita vaca ao ganho e era homem de aceitação.

Amistosamente, que eram seus eleitores, o senhor abade tornou-lhes a salvação; e logo o Manuel Rilha-Pedras, erguendo sob o chapéu de palha o focinho canino se pôs a inventariar o quintal:

um nadinha de seus cuidados e vá de seu mole até o rio. Olhe à sua direita, olhe à sua esquerda para os trigais e depois me dirá se não é para cortar a alma!

— Mas que têm?

— Que têm? Estão debulhadinhos até o sabugo. Há leiras em que a espiga está mais chocha que depois de malhada. E sabe o que é? Os pássaros, a praga do passaredo, que Deus confundiu.

— São primeiramente os pardais — declarou o Çaracoto. — Este ano andam às rabanadas; quando; quando voam até cobrem o Sol.

— Inçaram na Primavera, como não há memória. São quadrilhas e quadrilhas de galifotes. Caem num campo e pilham-no, enquanto o diabo esfrega o olho.

— Nunca se viu flagelo assim — confirmou o Augusto da Eira. — Nem têm medo de espantalhos, nem do fogo das espingardas. Pois sentem-se-lhes zurrado!

— Não são só os pardais — disse de lá o da Leocádia, que tinha uma voz tão grossa e cava que era milagre num corpo tão atarracado, parecendo até chalaça de Nosso Senhor — é a milheira, é o cartaxo, é o tejasno, é o cherrubião, que larga das ceiras com um papo, o danado, que nem bernal de pobre depois de dar volta às portas.

— São esses todos, não haja dúvida — corroborou o Rilha-Pedras — não falando nos gaios, nos tordos e nos melros que estuporaram as cerejas, e as rolas que catam os centelos maduros.

— Se a praga não levanta — prosseguiu o Çaracoto — nem vale a pena malhar. Melhor é fazer logo o pallheiro...

— Mas donde virá tanta bicharada? — atalhou o Augusto da Eira — já me lembrei que fosse o passaredo desses mundos de Cristo, que andam em guerra, que largassem com o estrondo dos tiros.

— Os pardais não têm asa que lhes permita longas migrações

Os rapazes andaram de noite com lumieiras acesas pelos buracos das casas e, se alguns morreram lá dentro com o fumo, os mais fugiram para a folha.

— E assim são legião? — perguntou Aurélio, com ar de incrédulo.

— Quere que lhe conte — tornou o Rilha-Pedras — na segunda-feira, eu para o mercado da vila, ali coisa do nascer do Sol, levantou-se do cerrado da Ana Pinta uma tão grande nuvem deles, nas ventas da burra, que o demónio se espantou e vi-me aflito para o segurar. Ouviu já vomecê os rodízios de um moínho a andar? Assim era o barulho que fizeram a levantar.

— Dêem-lhe fogo — disse o abade.

— Olha fogo! Os excomungados até parece que engolem o chumbo...

— É o que lhe afiançamos, nem praga de gafanhotos!

— Qual gafanhotos? Ao vê-los

— Assim será. Que querem vocês que eu lhes faça?

— Diga-me, a cruz não tem saído muitas vezes pelos campos, a pedir a misericórdia de Deus Nosso Senhor? — pronunciou o Rilha-Pedras, estendendo o pescoço como ganso que dá a bicada.

— Sim. Ad petendam pluviam... contra as lagartas...

— E contra os pássaros não pode ser? Olhe que os pássaros são flagelo tão grande como as lagartas.

— É. Em vista dos auges — disse o Zé da Leocádia — o que há a fazer é sair a esses campos de cruz alçada.

O abade quedou calado, de olhos em vago. Decorreu um breve silêncio e ouviu-se da janela a voz da sr.^a Dona Ritinha, a mana do abade, que dizia:

— Pois não há de sair de cruz alçada? Os padres não são para outra coisa...

ser. Tenho o tempo todo preso, amanhã sachada... depois...

— O mano não é que vai sachar — objectou a Dona Ritinha.

— Pois não, mas os trabalhadores querem ver dono.

Ora, não há-de andar o dia todo a guardá-los! O voto fá-lo de manhã, enquanto se abre uma mão e se fecha.

— Sim, vale mais ao cedo que ao tarde. Já nós não acordaríamos a tempo — rosnou o Rilha-Pedras.

— Está bem de ver. Amanhã, não deixem passar mais um dia.

O sr. abade calou-se cominado por Dona Ritinha, que exorbitava do seu papel de dona de casa, até ser a regente de suas funções de sacerdote.

E, conhecendo-lhe o ânimo timorato, foi Aurélio que respondeu:

— A liturgia prevê o esconjuro das aves, é certo, mas fosse eu pároco e lhes juro, à fé de quem sou, que não ia. As aves são

excomungam-se os pardais.

— Não serão precisas grandes passadas — disse o Rilha-Pedras, já ele lhes tornava as costas, depois de acenar a Aurélio. — Basta que o sr. abade suba ao Oiteiro da Força, donde se descubram as terras de ceira e de lá bote as suas rezas. Ali, está na conta.

— Entendido. Ide com Deus — disse ele ainda em tom seco de despedida.

Na salinha que lhe servia de segunda sacristia, toda cheia de alfaias eclesiásticas, o sr. abade disse para Aurélio:

— Este Rilha-Pedras é o maior safado que a rosa do sol alumia. Matou a sogra empurrando-a do patamar da escada. Ergueu a casa, espolando uns e outros e com a onzena. Pois é o mais devocioneiro de todos os meus fregueses. Quer saber porque quer a procissão no Oiteiro da Força? Porque em torno ficam as suas melhores propriedades. Apanham ainda os pingos do hissope... mais virtude!

— E o senhor abade crê — disse Aurélio — que os pardais sejam tão densos que se recomende o esconjuro para largar as cearas?

— Talvez.

— Por amor de Deus. O camponês precisa de um inimigo, de algum que, real ou supostamente, o roube. Esta necessidade — tenho-o apurado — é nele substancial. É uma pobre gente que à força de pobre se derrancou.

— Nisso tem o senhor razão — disse o abade — mas não vale a pena abrir os olhos a alarves deste calibre. — Deixemos o assunto e vamos à janta.

— Bem haja; retiro-me — declarou Aurélio, um pouco fatigado do debate que tivera. — A dieta a que estou adstrito, com ferros, emulsões, mil drogas, impossibilitam-me de fazer honra à sua mesa. Por decoro, mesmo não posso jantar fora...

— Não insisto. Poderíamos sobre a tarde, ir por essas cearas fora verificar o que os homens dizem, mas tenho o sermão do Baptista a compor. Mas, olhe venha amanhã comigo espantar os pardais. Venha...

— O senhor abade é cheio de delicadeza — respondeu Aurélio, sorrindo. — As constituições do bispado obrigam qualquer cleirigo de ordens sacras ou menores a acompanhar estas procissões votivas com habito eclesiástico e sobrepeliz.

— Pois sim, mas isso era no tempo em que o meirinho era oficial do bispo. Além de que o senhor se pode considerar dispensado pela doença...

— É verdade; não me lembrava.

— Bom sinal. Venha... — Irei, a menos que não acorde.

E, despedindo-se, foi dali melancólico, enfadado, mais da inanidade do esforço de andar no mundo que do próprio esforço, muito rente às paredes, como sombra a buscar a sombra contra a soalheira rija do meio-dia.

Quando Aurélio enfileirou na procissão, à saída das casas, o rogal por nós da ladainha de todos os santos, desfaldava-se muito puro na atmosfera quieta do amanhecer.

Numa solfa gosmada, perro do cigano em jejum, o sacerdote invocava em seguida S. Miguel, o primeiro na ordem dos espíritos benignos e o coro respondia num smorço demorado, como ladeira de cristal estendida até ao céu para o anjo baixar à terra.

À frente a cruz de prata com guiseiras, ladeada de lanternas vermelhas, logo após a cruz de latão moirisco, em cuja pança se alavam querubins macissos, de um ar muito mortuário, entre lanternas verdes; o sacristão de opa com a caldeirinha, o sr. abade de

— Está bem, ao nascer do sol,

Continua na pág. 4



Aquilino com o presidente Bernardino Machado no dia do seu casamento com a senhora D. Jerónimo Machado.

Os homens riram, ele rosnou mal humorado:

— Vai, vai ocupar-te do jantar.

— Fosse eu padre — tornou ela com acento galhofeiro — e não precisava que mo dissessem duas vezes. Que duvidas que tanto passaredo não seja obra de Satanás! Se ele anda à solta...

— Andará, anda — disse o Çaracoto. — A sua missão é fazer a guerra aos homens.

— Anda à solta — apoiou ela.

— Nunca se viram assim exemplos. Para as bandas do Crasto um rapaz não ficou com um braço no ar por bater na mãe?

— Também já o ouvi contar — referiu o Zé da Leocádia.

— E no concelho de Penela a terra não abriu greta e não engoliu um homem que andava a sachar ao domingo?

— Estava a Antoninha tendeira a contá-lo. — Mas parece que não andava a sachar, mas a roubar os marcos de noite...

— Fosse o que fosse, está o mundo podre de pecados. Ele os homens não querem crer que há um Deus que castiga sem palha nem pedra... Enquanto não baixa o fogo do céu não abrem os olhos.

O discurso da Dona Ritinha, provocou uma longa pausa que, afinal, o Rilha-Pedras se atreveu primeiro a quebrar:

— Pois, se não lhe custasse, o senhor abade fazia o obséquio de sair de cruz alçada...

— Não me custa — respondeu ele — mas não sei quando possa

ir pelos ares, nem os borborinhos do Démo.

— Destroem tudo, tudo o que com tanto suor andamos pela roda do ano a governar.

— Praga assim, nem há memória!

— Se se não atalha, levam o grãozinho todo — e o Rilha-Pedras abria os braços num gesto desesperado.

— Ceifem mais cedo — aconselhou o abade.

— Não pode ser. Não está ainda bem maduro. Se umas manchocas estão alampenhadas de Sol, outras estão ainda sobre o verde... E primeiro se hão-de de cortar os centelos.

— pronunciou o abade. — Se cá andam, cá nasceram e cá foram criados. Mas vocês não se choquem, o pardal sempre comeu dos trigos e nem por isso o grão falta às pousadas.

— E o sr. abade a falar ao Toledo!... Vá por esses campos abaixo...

— Estranho, estranho o que vós dizeis — tornou o abade. — Sendo o pardal caseiro como é e andando assim em dilúvios, devia sentir-se aqui na fazenda. Pois ainda não dei fé que tenham devastado, e lá ao fundo, vêem vocês, há uma manga de trigo!

— Enxotaram-nos do povo — explicou o Augusto da Eira. —

Aquilino Ribeiro no seu gabinete de trabalho.

— Ricas batatas, sim, senhor. Santo António as guarde da moléstia. O milho lá vai... está grosso, para dar... mas quere-se arralado.

— O ano vai bom por toda a parte — murmurou o senhor abade.

— Vai e não vai. A terrinha deu o alento todo... o tempo tem corrido a matar, mas a estragação tem sido muita. O senhor abade não tem passeado por essa folha fora?

— Não; há mais de três semanas que não ponho o pé fora dos caminhos ou deste quintal. As obrigações têm sido muitas...

— Pois peço-lhe que se tire





Aquilino Ribeiro com a esposa e o seu filho Aquilino (1963).

Continuação da pag 3

tricornes a nadar num roquete, muito alvo, o dedo espetado no ripanço à altura das litânias, o povo em chusma, os homens à frente, as mulheres no couce, pertencem o aparato, que, armado do nome de Deus, faziam avançada sobre os pardais.

Estava a nascer o sol, este sol dos dias grandes, que mal pulando do lado de lá dos montes, se derrama em amarelidão sobre a terra, como um ovo gigantesco que se esborraça. Banhado dos seus raios, já o galo do campanário, emproado a Este na firmeza do bom tempo, parecia tocar-se da plumagem galante, de um galo verdadeiro. A luz doirada corria já na cumieira das casas, azeitava ao de leve o caminho poido de S. João, e batendo de chapa, nas copas do arvoredado, à cauda do cemitério, esflocava-se como estendoidos imensos de brocados sacerdotais. Brunido do orvalho, o verde esmaltado dos milhos, reluzia em baixo pela várzea fora, como campo de lenços esmerilhados. A todo o lés catando o céu, as andorinhas sarabandeavam e ligeiras, imponderáveis, sobre os clamores processionais, eram como as faúlhas cuspidas das labaredas rubras de um incêndio.

O sr. abade, mal Aurélio alinhou à sua banda, ao tempo que de boca aberta, clamava, com um aceno amical, de cabeça saudou. E, depois de o medir de alto a baixo, no traje à secular, a que só o cabeção traía o pensamento de não parecer eclesiástico, assim que o coro retomou, o adágio estendeu-lhe a mão:

— Dormiu bem?
— Sofrivelmente. Os passarinhos, apareceram-me em pesadelo a pedir perdão ao Senhor de ter necessidade de comer — respondeu Aurélio com acento risonho.

— Deixe lá, Deus fez a criação, mas não a regula. Ao homem de se defender, S. Rafael...el...el...!

— E a Providência?
— A Providência divina não exclui os cuidados humanos. Deus, lá dizem os tomistas, é o motor imóvel acima dos actos das criaturas. Omnes sancti angeli et arcangeli...ii...ii-ii!

— Rogai por nós! — respondia o coro, refrangendo em assuada metálica na circunsvalação dos morros soalheiros.

— Santo Joannes Baptista!...Vai estar um dia criador...Se o tempo se aguenta, de aqui por quinze dias malha-se. Mas duvido; ontem rinhou o cavalinho

que é sinal certo de mudança de temperatura. Sancte Joseph!... — Rogai por nós!...

Fora do caminho emparedado dos quintais, a campina descobriu-se, descendo para o rio, em socacos, ora verdes, ora loiros, consoante renovações ou messe. E nela, como marchetados, as cerejeiras, muito negras, e os souts cobertos de passanaria de ouro a esmeralda destacavam. No couito, à outra banda, a Primavera acabava de passar, ainda deixando na onda, do verde como lumes, mexintins, as lágrimas amarelas do tojo e de um ou de outro sargaço, e estas florinhas esponjosas, sem nome, de um roxo de chaga descomposto e que se erguem ao cabo de altas e finas tiges e são um milagre de graça e de leveza. A digitalis, nas encostas de uma parede singela, suspendia ainda firmes seus dedais emborçados, cor-de-rosa; nas rampas, à macela floria, mas já mais pisada do sol que dos caminhantes; as lombas, a distância, pareciam vestidas de um burel gasto. Polvilhavam-se os giestais de flocos de espuma com o desabrochar da vagem e as orgueiras de uma poalha de sangue coagulado; muitos negros, da seiva, sobre os morros, os pinheiros eram como filas de monges negros, a rezar, sem devoção. O estio quase esquecido, de Maio, mal rogado da canícula, lá ia levado, gaiteiro e fanfarrão.

O voto breve deixou o caminho velho, de longo curso, pelo atalho das matas, cheio de sombras e desta circunspeção misteriosa que revessam as solidões. Gaios palraram no folheto; ergueram voo; e, pesadões, cabeçudos, com saíotes de cor incerta e asas lembrando a chita dos pobres, riscaram o ar amedrontados. Ao fundo de uma vereda, tilitante, ajoujada de cargas e mantas garridas, passou uma rédea de almocreves. Os homens pararam e de chapéu na mão, deixaram embrenhar Deus no desvão dos bosques.

Entre os pinhais, a ladainha levantava um eco solene, como cântico em catedral. Os troncos projectando-se à distância, riscavam de linhas negras, e fitas caprichosas a planície sem fim, toda clara.



E nela se ia reflectir a penumbra mística, dar-lhe a suave me-

lancolia de uma lauda de antifonário, que vozes humanas não soubessem cantar. Aos lados, os corutos dos pinheiros, acesos ao sol como tochas; ao alto, um céu, mal enrugado de nuvens brancas como um pálio de seda branca com largas águas, o voto assumia uma pompa triunfal.

— Sancte Thaddae!...

— Rogai por nós!...

— Sancte Mathiae!...

— Rogai por nós!...

Sobre o tropel moroso dos fiéis o céu refrangia de uma assuada, ora de bronze, ora de pratas chocando-se. A invocação lançada pelo sacerdote e seguida pelos homens rolava numa cadência mazorreira, grossa destas vozes afeitas a reger os bois e a rezar sobre o acefate o lento padre nosso; já o coro entoado pela garganta das mulheres, cristalina nas raparigas, dolente com o embalar dos berços, trepava na sucessão de um alegre, explendia numa síncope de alta melodia, no céu alto, para recair sobre a terra manso, mavioso, como rosas vermelhas esfloradas, pondo a vibrar os horizontes, de um eco mais colorido que o arco-íris. Recolhida dentro das matas, parecia que uma grande alma escutava. A imobilidade dos troncos, dos penhascos barbaçudos por entre as árvores, era de contenção. Não se via o mundo, mas o céu que é de Deus e a floresta que é misteriosa e profunda como o seio do próprio Deus. O voto seguia à orla do infinito.

Andando, uma nesga de ceara, cheia de vibrações de luz, abriu-se nas matas. Foi um topar de terra. Os olhos olharam e, sobre a trémula ondulação das espigas ao vento fagueiro, leram o seu problema da existência. De um galho, um casal de rolas bateu asas, rufou espavorido; empoleirado numa giesta, um cartaxo matutino parecia velar; era ao alcance de uma pedra, e ele ali permaneceu impávido, indiferente, sobre a vergõeia que balouçava, monologando consigo, em sua voz sarcástica, talvez da bicha de sete cabeças que ia passando.

No rosário das rogativas aos santos inocentes, sucederam-se S. João e S. Paulo. Àqueles nomes, por uma associação de fundador a precursor, Aurélio lembrou-se do Baptista e disse para o abade:

— Então preparou o sermão?

— Preparei... quer dizer, adaptei. A oratória que se ocupou do Baptista é uma ceara que não tem fim. Serzi deste e daquele, porque não só não acalento fumos de originalidade, mas não pagaria a pena. Tinha lá uma espécie de panegírico que mais de uma vez me serviu nas festividades da aldeia. Um pouco *Flossanctorum*... A vila é mais exigente. É preciso contar... Sancte Silvester!... é preciso contar com outras orelhas... o juiz... advogados, a burocracia toda da comarca que, quando não é zoila, é pretenciosa. Além disso, seria uma falta irreparável omitir a razão política que de tudo se serve para deprimir ou elevar.

— O sr. abade dá a figura bíblica tal qual?

— Tal qual; o humilde que dava vozes no deserto, vestido com a

samarra de uma cabra e comendo mel silvestre; o mensageiro forte, muro de bronze e flecha ardente, segundo os termos de Jeremias, ante os crimes do Tetrarca.

— Bem se vê que o estudou a fundo...

— Não, a exegese está feita...

— De acordo, mas o Baptista é destas figuras que, à simples reflexão, quebram o caixilho em que a hermenêutica o fechou. O precursor?!... bastará isso?

— Basta... e que não bastasse, ao orador sagrado é defesa qualquer interpretação racionalista. Patriota feroz, chefe de quadrilha, revolucionário a monte, tenho ouvido tudo isso. Ao meu sentido de submissão, apraz-me mais a natureza do predestinado, tocado da chama da lei nova, que uma encarnação de judeu insurrecto, com as virtudes todas da revolta. No terreno das audácias, chega que se diga dele o que ontem encontrei sob o nome autorizado do jesuíta Manuel de Naxera. Diz assim. *mutatis mutandis: que es sobre todos illustre, que aun la misma mano de Dios no parece le dá aplauso, sino a la mano de Dios credito*. Percebeu? Sancte Martine!...

— Não podemos renovar — prosseguiu o abade — acima do nosso humor de novo está o perigo da disciplina teológica de que os Pontífices são os inflexíveis vigilantes. Quando eu for cardeal, lhe darei o meu voto para o senhor ser Papa e permitir aos párocos e pregadores quebrar as cadeias do dogmatismo que nos prendem.

Aurélio tornou-lhe a graça, em responder:

— Quem me dera ser Papa... mas livre das prisões do Vaticano...

— Que faria?

— Que faria?... Talvez restaurasse o reino de Deus sobre a Terra.

— Com que orientação, senhor reformador?

— Na de uma religião campo aberto a toda a verdade científica, tribunal armado em defesa dos que sofrem.

— Pai da vida, seria a morte do cristianismo! O senhor ficava enterrado nos escombros.

— Deixá-lo, acabaria em beleza. Que fim extraordinário ser sepultado sob as pompas eclesiásticas de vinte séculos!

— Sancte Antoni!...

— Rogai por nós!

O senhor abade não respondeu, de olhos no ripanço, como a soletrar o nome dos bemaventurados. Na orla já das matas, a procissão torneou num arco de círculo, mansamente coleando, a onda móvel e variegada das mulheres a tocar os portadores de alfaia, atentos à obrigação. Uns olhos suaves de rapariga encontraram os de Aurélio, e para ele esse olhar foi mais intenso que um banho de aurora ao sair de uma prisão escura. Já em campo descoberto, os Cristos desamortalhando-se da penumbra aérea em que flutuavam, animaram-se sob os raios do sol, parece que iam soltar os braços para tornar a viver. Rostos alumiados, roupas de burel a declararem-se lá das ovelhas, a vida a viver, dissipou-se a catadura penitencial. Ao fundo, à medida que assomavam nos visos do outeiro, o vale alteava-se em sua alegre praia-mar de verde e amarelo. Deus lá estaria, mas encoberto, porque é de sua assombrosa magnitude o esconder-se. Sua face só, de mostrar-se, pulverisaria em pó impalpável a tão imensa pequenez do homem. Mas ele consente que o mesquinho ame, aborreça, se exalte, viva... era, pois, viver! Aurélio voltou-se a buscar outra vez os olhos doces da rapariga; o senhor abade, a ponta do roquete por sobre a calva contra os raios já morden-

tes do sol, risonho também, dizia-lhe:

— As suas ideias, aqui lho declaro muito à puridade, tornadas públicas, não só lhe vedavam o acesso ao seminário, como lhe mereciam as honras da fogueira, anos atrás. E, no entanto, aqui lho vaticino, o senhor há-de ser um sacerdote exemplar, uma das colunas fortes da Igreja. Mas vá rogando a Nossa Senhora que estanque tão ruins pensamentos no seu cérebro, Sancte Bernarde!...

Aurélio, cujos olhos se tinham banhado na luz dos outros olhos, sacudiu os ombros no jeito de quem sem pena alija a carga que leva.

Já perto do teso ouviu-se entre a invocação e o coro, para as moitas, cantar o marantéo. E a sua voz amarela, inquebrantável, com um acento de força, parecia a de um sofista, proclamando sobre as decisões de um concílio:

— Só Deus é real... real!

À distância de tiro, duas popas ergueram de uns escarapeteiros, salvaram o cerro, a asa padejando, saraivando o ar de sua cor pedrez. E o peto real, a que pelos guinchos e voo aos galões chamam o cavalinho, passou às upas, a sua farda vistosa, um verde pelote do tempo da Madresilva, a reluzir.

A todo o fundo, avistava-se já uma nesga da ribeira, tão alta e transbordante que, em torno dela, sobre as terras de vessada, o ruço pousio, os fenos empenachados de lílãs, se difundia a brancura ao lume de água. Lume sobre que o Sol chispava, um Sol heróico, vibrante, aceso de bravura, que dir-se-ia alguma coisa de animal, de raivoso, a violar a **casta soror acqua**.

A cada passo, ladeira acima, mais e mais o côncavo do vale se desdobrava. A luz dos longes tornava os rostos, os cobres e as

Na Sociedade Portu



BEIRO

opas mais esplendentes. Mais alta, também, a alma milenária clamava:

— Rogai por nós!...
— Sancte Franciscus!...

Um cabeça, de seixos mais luzentes e quebradiços que esquirolas de vidro, erguia ali a corcova mal encoirada de uma rabugem de mato. Era o Oiteiro da Forca. Três pedrões ao meio, removidos para ali de certo, mas não lavrados, brancos como um monte de caveiras, pretendiam ter amparado os suportes da potência.

VI

As chuvas e o passo dos rebanhos tinham descarnado o mórro, e toda a sua carcassa de quartzo com veios, palhetas, calhaus soltos, calhaus ainda presos ao aivéolo, lembrava um ossário meio mastigado da terra, meio desempoeirado do vento. No chão, poalhado do farelo branco da pedra, apagara-se o trilho por onde teriam cambaleado as pernas dos justicados.

A primavera não acendia ali o lume de uma flôr, nem se detinha ali o pegureiro a tanger a flauta. Mas, a todo o âmbito, os horizontes disparavam-se num arco prodigioso, por sobre matas e cearas, casais, aldeias com panos caiados a luzir e com erdi-nhas, como pombas brancas empoleiradas, nas serranias. E devia ser um calice de fel para os condenados aquele desdobre embriagante da extensão, no cerrar último dos olhos. Era um mundo a dizer-lhe adeus.

Dali em fora, até à serra da Lapa, muito côrva na sua espinha de cavalo a dobrar, a natu-

portuguesa de Escritores (1963).



Aquilino Ribeiro

reza desafogava-se em todas as gamas colorida e satisfeita na folha frutegante, fugidia e misteriosa por coutos e matas, exalando uma sensação de esforço quase de dôr, no revoltear das cordilheiras e encabritado de alguns mórros. Sobre o céu era de uma profundidade que dava vertigem erguer os olhos.

No primeiro trato da curva imensa, a vista deslumbrava da rica teia que se antepunha. Perto, nas abas do povo, o verde azulado das hortas entretecia-se com o louro, muito fulvo, dos linhos. Logo após o verde esmalhado do milharal e o verde eino dos batatais ia esmorecendo até atingir a ceara com o centeal esguedelhado, quase branco, e os trigos compactos, de um amarelo de limão a sazonar. A fugir sempre a fugir numa tremulina branda, a ceara contornava as moitas de carvalhos, de um tom mate empoeirado de cinzas, os pinhais muito negros, com laivos de cobre, deixados pela babugem das lagartas, os souts em flôr, deslumbrante chuva de estrelas sobre umbelas de esmeralda e sempre a fugir, descia para o rio, galgava a outra banda e lá ia a todo o lés do horizonte até mergulhar-se na linha vaga, atrás da qual as serras, escorregando ondulosas, umas às espaldas das outras, pareciam imensidades doloridas em viagem.

A procissão formára em arco de círculo em torno do senhor abade. As últimas notas do coro a Santa Anastacia derramaram-se em matizada cristalina pela terra extática. E, em contra do que se esperava, nem um só pássaro ergueu vôo, dentre as quadrilhas inumeráveis que saqueavam as messes. O senhor abade empunhou então o hissope e, durante a

pausa ritual, ouviu-se no lago dormente de uma moita um melro cantar. Cantou uma vez, tornou a cantar afoito e jubiloso. E pareceu a Aurélio ouvir uma voz irónica e benigna que dizia:

— Ora os mariolas! Ora os mariolas!

O sr. abade aspergiu a água lustral aos quatros ventos contra todos os seres malfazejos e todos os génios das sombras. E, debruçando-se para o Manual na página dos exorcismos do beato arcebispo Santo Ambrósio, em voz choutada, recitou o esconjuro contra aves vel alia animalia. Mentalmente, os olhos na lauda a vermelho e preto, Aurélio foi traduzindo:

Eu vos exorciso vermes funestos, ratos, aves, gafanhotos e outros animais daninhos, em nome Deus Padre Onipotente, de Jesus Cristo, seu filho, e do Espírito Santo, emanado de um e de outro, para que, sem tardar, desavoreis, destes campos; nem mais um instante fiquéis neles; transiteis a lugar onde não possais fazer dano. Em nome de Deus Onipotente e de toda a Côrte Celeste e da Santa Igreja, excumungados sejais; para oínde quer que vades que vos deveis uns aos outros, descrecendo dia a dia até que de vós não sejam encontrados mais restos que os que forem necessários à salvação e uso humano. Que se digne ouvir-nos. Aquele que há de vir julgar os vivos e os mortos e o mundo todo pelo fogo. Amen. Oremus...

Depois de breve prece o sacerdote brandiu novamente o hissope à direita e à esquerda, ao alto, até abranger o oval da terra, a mais remota, onde germinasse o grão das arcas. E no silêncio, que decorreu, de expectativa, não se ouviu aza ruplar;

mas no bosquedo, ali perto, o melro; mais longe a rôla continuavam cantando. Os bandos gatunos de pardais e de milheiras quedavam impavidos onde lhes pedia seu belo querer. Avançando no devocionário, o sr. abade ordenou a pater-noster. E sobre oração, cochichada por muitas bôcas, dois corvos passaram a todo o lés do mórro crocitando:

— Carrasco! carrasco!

O grito mordaz, deitado de alto, era assim mesmo, a chamar o executor das altas obras, que porventura ainda tinham ali visto a cavalo sobre os enforcados, ou a injuriar o padre, ou o Deus de que era mensageiro. E, lá foram sobranceiros aos souts em flôr: — carrasco! carrasco! — a pedir cadáver ou a blasfemar.

Outra aza não cortou o azul do céu: E, terminadas as rezas, o Rilha-Pedras fez o reparo em voz furiosa:

— não levantam, os ladrões! Já não há virtude na religião!

Mal humorado, o senhor abade redarguiu-lhe:

— Vai assobiar-lhes ao rabo

A procissão voltou a ordenar-se e depois de retomar a ladainha dos santos, pontífices, doutores, levitas, virgens e viúvas, rompeu novamente em marcha. Mais forte, o sol dourava tudo, sentia-se a sua luz divina a empolar o grão das feiras e a enfiar os agros. A terra tinha um ar hipnótico, como varada na posse de um goso genital.

Os olhos suaves falaram aos olhos de Aurélio mais uma vez, e embalado nas vozes eternas, mais altas que os mandamentos das religiões e dos homens, caminhou para casa a passo leve, seguro de si, a despir o cabeçaço de seminarista que o asfixiava.

FIM

A poesia como água clara

Luis de Miranda Rocha

«A poesia é, de todas as águas claras, a que menos se demora no reflexo das suas pontes. Poesia, vida futura no interior do homem requalificado.» — RENÉ CHAR

É clássica a metáfora dos rios. De algum modo é a essa metáfora que aqui se recorre. Que se trata da metáfora dos rios, podemos vê-lo não somente na ocorrência das águas: também na ocorrência das pontes. A metáfora das pontes não é indispensável à metáfora dos rios. Mas, certamente, não é dos rios que aqui se trata, e sim das águas, das águas claras, de uma dessas águas claras, a poesia.

A poesia é uma água clara. Porquê? A uma questão assim formulada poder-se-ia responder que é uma água clara porque não poderia ser uma água escura, porque tem de ser justamente o contrário duma água escura. Uma noção imperativa, de teor moral. A poesia tem de ser uma água clara. Por definição. Mas a água clara que a poesia é (porque tem de ser) tem mais que se lhe diga. Antes de mais, a claridade não é uma qualidade vulgar, ou, pelo menos, não é uma qualidade secundária ou acessória. É uma qualidade duplamente activa: exerce-se num determinado âmbito onde cabem e mesmo se confundem as suas fontes geradoras e produtivas e os objectos organicamente independentes destas fontes.

Neste caso, tratando-se de águas, e não havendo indicações em contrário (que nos sugiram, por exemplo, que é de águas estagnadas que se trata — e «pontes», metáfora associada à metáfora dos rios aí está para excluir tal possibilidade), são águas além de claras, correntes. E veremos que são, no caso da poesia, correntes num grau — de velocidade — pode-se dizer que extremo. Porque esta água clara que a poesia é — é «a que menos se demora no reflexo das suas pontes».

Não se diz que esta água clara não se demora, mas apenas que é a que menos se demora. Demora-se, portanto, pouco —, mas demora-se, reflectindo as suas pontes. Estas pontes, de que metáfora se trata? Estas pontes são metáfora de quê?

Pontes, para os rios, são passagens, suspensas no ar, de uma margem para outra. As pontes não têm uma ligação directa com os rios, mas somente com as suas margens. Mas têm-nas as margens. Podemos lembrar-nos de Brecht, de quem se leu, algures, que é hábito falar-se da violência da água dos rios que correm, e já não, ou não tanto, das violências das margens que os (as) comprimem. Ora, as pontes como que anulam esta compressão, fixando a violência com que ela se exerce. Elas são, para além do próprio e das suas águas, comprimidas, oprimidas e violentadas, o único elemento de ligação entre as margens. Mais do que um elemento, são um elo. São, portanto, para o rio, para as suas águas, um factor de agravamento da compressão (da opressão) e da violência que elas sofrem. Acresce um pormenor: o das sombras. De algum modo as pontes projectam a sua sombra sobre os rios, sobre as águas dos rios. Nada de muito importante, no caso da poesia, porém. Esta água clara desloca-se demasiado depressa. Independentemente das sombras, nem no reflexo das suas pontes se demora.

Pode agora perguntar-se que é isso das pontes da poesia. Deve talvez pensar-se de novo, contraste que há entre as águas, fixas, semoventes, que correm e passam, e as pontes que, fixas e imóveis, estão. Se há um diferendo, um conflito, uma questão entre as águas e as pontes (as suas pontes), aí é o partido das águas que devemos tomar. Se não por mais, pelo menos pelo que, para elas, as pontes representam. É com as águas que mais se identificam a vida, a existência, os valores. A metáfora do rio, dos rios, para tudo isso, é ainda o que mais perdura e impositivamente prevalece. O que as pontes representam do real, e do seu aprisionamento, é inconciliável com os rios e o que neles potencialmente se metaforiza de rebeldia e insubmissão. Digamos ainda que esta rebeldia e esta submissão é do lado da natureza que se situam. Contra elas, contra a natureza, as pontes aparecem como artificios estranhos, resultantes do engenho humano e da sua inventividade, mas caracterizadamente mecânicos. As pontes iludem a incapacidade (humana, digamos) para enfrentar e dominar frontalmente. Mas não são as águas claras, por um lado, e as pontes, por outro. São as águas claras e as «suas» pontes. Águas claras e pontes, as suas pontes, constituem, noutro plano de percepção, uma única metáfora.

As águas, as águas claras, uma delas, a poesia. A segunda parte do aforismo de Char propõe uma definição lapidária de poesia. Agora não se trata de águas, claras, pontes. Mas trata-se ainda a poesia. E está a única noção que declaradamente se mantém do primeiro para o segundo enunciado.

Poesia é, antes de mais, «vida futura»; depois, «no interior do homem requalificado». Duas noções emergem talvez com mais urgência: a de vida, e a de homem. Não são noções simples, mas duplas, para não dizermos complexas: a vida é

Continua na pág 6

O último auto da Inquisição

John C. Plood

Nesse ano de 1815, Braccara era uma cidade medieval. A antiga muralha dava volta ao labirinto das casas, escurecendo

ainda mais as ruas estreitas e sujas onde se agitava uma numerosa população de artesãos e comerciantes, que constituíam um corpo laborioso, ao lado do qual formava contraste a negra legião de sacerdotes cujas classes diversas — cônegos, diáconos, seminaristas, bispos — formavam uma entidade autónoma, perpetuando a tradição religiosa que, desde tempos imemoriais, convertera a obscura localidade arrasada por sucessivas ondas bárbaras, que haviam destruído o esplendor da Augusta Braccara romana, numa nova Roma portuguesa. A decadência da era napoleónica, hostil à Igreja e depredadora das riquezas autóctones, bem como a crise do magistério eclesiástico que não suportara a concorrência com a universitária Coimbra, a Lusa Atenas, não se repercutira ainda de forma visível na vida urbana, pólo de atracção para as populações de toda a província cuja religiosidade se sublimava no santuário da cidade em peregrinações quase semanais, estimuladas pelas dificuldades económicas, pelas fomes, pela mobilização dos concelhos rurais em prol da tradição, constituindo-se assim o germe das futuras fronteiras antiliberais que iriam dilacerar a província e motivar a intervenção estrangeira.

Uma rápida perspectiva da cidade, no entanto, dar-nos-ia uma impressão alegre e garrida, com o olhar tentando prender-se nos telhados góticos, nas varan-

das floridas, nos portais de pedra elegantemente trabalhada por anónimos mestres renascentistas, nas flâmulas com as cores das igrejas, das irmandades e das famílias nobres, transmitindo uma sugestão, aparente embora, de poder e de opulência; e talvez nem dêssemos pela existência, nas imediações do ancestral solar dos Biscainhos, de um conjunto lúgubre de habitações estendendo-se até à porta dos Remédios — a menos frequentada das entradas da cidade, devido à sua população especial.

E sob o abrigo do estreito corredor da porta muralhada e de arruinados alpendres, que esprendem as sus bancas andrajosas criaturas, de raças mescladas pela promiscuidade das gerações, cujos gritos estridentes anunciam aos viandantes miraculosos produtos: poções herbais para febres de todo o tipo, unguentos contra maleitas dêmicas, chás alquímicos, xaropes estimulantes da vida e dos sentidos. O desprevenido galego, ou algum membro do corpo expedicionário britânico em gozo de licença, ou ainda o devoto a cumprir penitência na romaria das festas semestrais, que por ali entrassem, julgar-se-iam atravessando a própria entrada dos infernos ao cruzarem a sucessão inacreditável dos rostos deformados pela doença e pela idade, com as cabeleiras sujas, da espessura da estopa, a despontarem dos intrincados nós de turbantes quase sem cor do uso imemorial. Braços esqueléticos, terminando em ossudas garras com unhas afiadas como lâminas, agarrar-lhes-iam os ombros, chamando a atenção para as virtudes de determinado pro-

duto com mais eloquência do que a linguagem praticamente incompreensível daqueles seres de origem indefinida, transplantes para ali de alguma fábula oriental; e não admira que o negócio prosperasse, pois quem não hesitaria em despendar alguns soldos para se libertar daqueles vorazes Cerberos?

Mas, por muita pressa que o terror suscitasse aos passantes, a nenhum dos que ali esteve nesse ano já longínquo escapou um aberrante fenómeno da natureza: uma rapariga, negra como um tição, e com os olhos de um azul profundíssimo em harmonia com o dourado mel dos cabelos. A que exótica tribo africana pertenceria? Que prodígios teriam influenciado a sua hereditariedade? — eis as perguntas que terão ficado sem resposta em muitos lábios.

A explicação é bem mais terrível do que tudo o que se poderá imaginar. Mais do que um estrangeiro que, atraído pelo fenómeno, dela se aproximou, terá momentaneamente perdido a fala. O corpo, se bem que mantendo os traços de uma excepcional beleza, compunha-se de placas de pele enegrecida aglutinadas por uma transpiração incessante dos tecidos porosos. Da primitiva composição, só os olhos e os cabelos se mantinham: tudo o resto fora alterado por efeito de um cataclismo físico cujas causas poucos conheciam.

Um pouco mais adiante do «Lugar da Negra», um velho, de lábios torcidos pelo vício, sentado numa pedra, sustentava-se da venda do terrível segredo.

— Senhor, meu senhor, sussurrava ele, com uma gargalhada

escarninha, ao emudecido espectador.

E rematava:

— Um real pela história dessa mulher!

Aproximemo-nos dele. Estica o pescoço engelhado e, entreabrindo a boca onde os dentes parecem espinhas de peixe, desfia a ansiosa narrativa.

— Em vésperas de chegada dos Franceses, o Rei, na esperança irracional de deter o fulminante avanço, decidiu oferecer um sacrifício supremo à divindade. Conseguido o concurso da Inquisição, preparou-se um dos mais sumptuosos autos-de-fé de que há memória em pleno Rossio de Lisboa, ainda parcialmente em obras depois da destruição pelo terramoto. As vítimas eram cristãos-novos e alguns pedreiros-livres, apressadamente arrebanhados numa noite de devassa por casas e botequins denunciados. À frente do cortejo seguia uma jovem de rosto encoberto mas deixando adivinhar uma beleza singular. O suplicio processou-se como habitualmente. Quando as fogueiras ardião, porém, uma chuva violenta de granizo abateu-se sobre a praça: e, como não parasse, religiosos e autoridades juntaram-se à população na debandada, a que o rebate dos si-

Casa dos Tormentos, Lisboa, 1821.

nos, anunciando a presença francesa na charneca de Loures, aumentara o pavor. Quando a guarda-avançada de Junot desembocou no terreiro deparou-se o espectáculo macabro de alguns catafalcos fumegantes, alguns dos quais se agitavam figuras semi queimadas, que o granizo salvara da morte infamante. Uma dessas figuras era a jovem encoberta, que os físicos da expedição francesa conseguiram salvar. E eis a revelação suprema!

Aqui, o mendigo extorquia um novo real, que o ouvinte, enfeitado pelo desfecho, já não conseguia poupar. Aclarando a garganta com um gole de aguardente, o miserável concluía:

— Apurada a identidade da infeliz, a notícia foi levada a Junot cujos cabelos se eriçaram de agonia: o crapuloso Rei, incapaz de defender os seus súbditos pela coragem do combate, acabara de oferecer a sua filha mais nova às garras do Todo-Poderoso! Felizmente, só duas pessoas estavam a par desse facto. Junot mandou executá-las e, após certificar-se de que a infeliz infanta ficara privada da razão, colocou-a num asilo de religiosas. Com a extinção das Ordens, após o triunfo da facção liberal, a infanta, irreconhecível devido às placas negras das queimaduras, vagueou pelo país, vivendo da mendicância, até que a irmandade dos curan-

deiros a tomou sob a sua conta e lhe deu emprego, no lugar em que acabásteis de a ver.

Apressemos o passo. Deixemos para trás a visão infernal e, libertos do emaranhado das ruas obscuras, desemboquemos no largo da Sé onde poderemos aproveitar para elevar o espírito acima dessas misérias da história passada.

NOTA — Um aspecto curioso da obra de John C. Plood — totalmente ignorada entre nós — é o interesse pela Península, possivelmente derivado da influência de William Beckford, de cujo «Vathek» neste conto se encontram alguns ecos; não cremos, porém, que alguma vez tenha visitado Portugal, socorrendo-se para a descrição de Braga de guias de viagem da época e de mapas disponíveis nos alfarrabistas londrinos ou em bibliotecas públicas, de que foi frequentador assíduo. Trata-se, por isso, de uma descrição excessivamente fantasista, a que se deve somar a total inverossimilhança histórica dos acontecimentos narrados: mas de bom grado se absolverão essas faltas quando confrontadas com a imaginação delirante, a que o toque perverso do leitor de Bram Stoker e de Lauferámon dão curiosas inflexões. Este texto foi publicado pela primeira vez na edição do Correio do Minho (Braga) de 20/3/83. De John C. Plood, além de «O Demiurgo» (incluído em «O convidado de Dracula e outras histórias»), foram já publicados (em português) «Dois apólogos teológicos» (Diário de Lisboa) e «O desejo» (o Diário).

A POESIA COMO ÁGUA CLARA

Continuação da pág. 5

futura, o homem é requalificado. Entre uma e outra, entretanto, uma terceira noção se propõe: a de «interior».

O que aqui se nos sugere como «vida futura» aponta para um ilimite temporal, uma desmarcação pelo menos nacional (se não conceptual) do tempo como categoria de que depende a vida como real ou como valor que sobre o real incessantemente se suspende e paira. A noção de vida futura implica a noção de vida presente e o que nesse ilimite se inscreve é o que não se consente ou não cabe na noção de vida presente: de que aqui não se fala, mas apenas se sugere, no máximo: um domínio de privações e carências, no real, na realidade sempre aquém do real, no pouco e precário que são as vivências disso. Diz-se isso — o real, a realidade — pode-se dizer: o quotidiano, as relações do homem com o mundo, dificuldades, afectadas no desejo e na impotência ou incapacidade que as assinalam e lançam numa dimensão futurante da liberdade. E nesta dimensão que o ideal poético (ou da poesia) se situa, ou é a ter esta dimensão que a poesia (ou o ideal poético) aspira.

Um pouco diferentemente do que geralmente ocorre no humanismo fácil de certa poesia onde sem grande advertência se fala do amanhã como um tempo mais favorável e aberto do que o hoje difícil e fechado, a noção de poesia de que se trata aqui é a de «vida futura» e não de futuro da vida. O valor da vida não se subordina, pois, a nenhum dado prévio: é um absoluto investido no tempo a vir e a haver. Um compromisso total, um inteiro empenho não sujeito a contingências precárias por que o presente se caracterize. O ser revê-se melhor nesta projecção indefinida, neste salto imponderável para o desconhecido, neste avanço cego para o ilimite. É nestes domínios que o seu desejo incorre, e não no das privações e carências concretas e presentes que mais de perto se lhe impõem.

Mais ou menos do que potencial e possível de fazer, de ser feito, o futuro é virtual e far-se-á, seja qual for o interesse com que aí se invista. A vida futura paira um pouco acima e além do

sujeito que a há-de viver e é este sujeito que terá de deslocar-se para ela, mais do que a ela se impõe algum apelo atractivo do sujeito e mobilizador da sua capacidade de aproximar-se e posicionar-se no seu seio, no seu centro. Dessa capacidade, mais, dessa latente (potencial, virtual) tendência ou propensão. Porque, se a vida futura é uma vaga vasta referencial que paira acima e além do imediato, do visível, do atingível, ela é também qualquer coisa que já aqui se diz situar-se, ou ter de vir a situar-se também num plano interno, aquém disso e aqui — «no interior», «no interior do homem», «no interior do homem requalificado».

O aparente enigma que agora subsiste é este — o do «homem requalificado», ou nem tanto, apenas o da «requalificação» do homem.

Se a poesia é (para Char) um estado específico (superior) da relação do homem com o mundo, uma expressão supremamente apurada da situação em que essas relações se encontram quando existe uma reciprocidade relativa entre o homem e o mundo; se a vida é um valor acima de qualquer contingência mercantilista ou de qualquer tentativa no sentido de o depreciar ou subestimar, e não implica apenas o humano mas ainda o natural, um vasto envolvimento a que o humano não pode furtar-se, sob pena de que a sua força diminua; se o homem é um valor exigido e exigente nesse complexo de relações e de forças — da requalificação de que aqui se trata não pode fazer-se mais do que um entendimento: aquele segundo o qual o homem requalificado é o que emergindo do mundo da necessidade, do reino das carências e das privações em que a sua imagem se deforma se distorce, está apto a revelar-se num mundo de liberdade e habilitado a afirmar a necessidade absoluta dessa liberdade e do seu mundo como condição, de que a sua existência tenha sentido e esse sentido prevaleça sobre absurdos e contrafactos que caracterizam as relações humanas com referências ou valores fundamentais como o real, a vida, a existência, a natureza, a história.

Sobre fogo e luz

Discorra-se acerca da mecânica estonteante dos gestos. Das mãos, animais predadores. Dos lábios, limiar de todos os silêncios. Dos dedos, detectores de sol na treva.

Estereofonia. Dum lado a fábula; do outro o grito. A gramática fatal das frases perduráveis ou o medo a rebentar com as colunas. Vertebrais os nomes dos ossos que sustentam a lancinante dor.

Ninguém peça ao caçador da história que não colecione cabeças, amuletos, vísceras. É assim que a mágoa se desconstrói, palavra derradeira e híbrida deste léxico sibilino.

Que outro sentido? Que objecto celeste a fender o espaço? Que distância. Resposta a duas vozes: não se morre só por amar o fogo. Arde-se com a rapidez da luz.

JOSÉ JORGE LETRIA

(Do livro «O desencantador de serpentes», menção honrosa do júri de autores portugueses da APE, 1982, poesia)

O DESAFIO DE NATHALIE SARRAUTE

Recriar a infância

J. Piatier

NO seu novo livro, Nathalie Sarraute reserva-nos uma famosa surpresa. Pela primeira vez fala-nos directamente de si. Fim das vozes anónimas entrecruzando frases anodinas ou estereotipadas, enquanto que noutra cena, essa fictícia, se projectam, fantasticamente aumentadas, os ínfimos movimentos de avanço ou de recuo, de serenidade ou de pânico, de triunfo ou de humilhação que essas frases fazem nascer no mais secreto das consciências. Em **Enfance** ela está ali, em pessoa, respondendo ao seu nome, ao seu nome de criança, Tachok, a que diminutivo de um diminutivo que o pai lhe dava com ternura, Tachotchek, e intrepidamente evoca as suas recordações de infância.

Porquê intrepidamente? Sentiria ela pesar um interdito na exploração deste filão, numa alcova em que a biografia floresce em toda a parte? Mas sim, ela sente que faz uma transgressão, pelo menos perante si própria, da forma de arte que fez sua, elaborando-a, afinando-a, radicalizando-a de obra em obra? O quê? Abandonaria os seus queridos tropismos? Não é totalmente isso que se passa... Ela utiliza diferentemente uma matéria — ou uma maneira — com a qual só aparentemente rompe. Dir-se-ia que ao personalizá-la, a alarga, a generaliza. Ela fará da infância o tempo privilegiado dessa vida afectiva, no estado puro e efervescente, que sempre procurou apanhar, e da evoca-

ção das imagens que dela guarda, um único e gigantesco tropismo.

O livro oscila constantemente entre uma experiência particular e a experiência, comum a todos, de uma idade em que os medos, as alegrias, os desesperos, os momentos sombrios e as horas claras não param de se contradizer. Esta sucessão perpetua entre luz e sombra, entre o próprio e o geral, dá a esta obra, uma das mais comovedoras que Nathalie Sarraute já escreveu, a sua subtilidade e a sua sedução.

Um prólogo maravilhoso logo de nos previne de tudo isto. O livro junta-se aí — forma e sentido — como nos acordes que se colocam no início de uma obra musical para lhe fixar a tonalidade. Este prólogo compõe-se de duas partes muito diferentes. Na primeira, Nathalie Sarraute discute com o seu duplo. Este não a abandonará enquanto durarem as buscas em si mesma, porque ela dá-nos Memórias dialogadas. Ele vigia-a, repreende-a se a sua expressão deforma «**esses pedacinhos de algo que ainda está vivo**», e que palpitam nela. Acrescenta aqui ou além uma explicação, um comentário. No início, tenta dissuadi-la do seu projecto mas pelo contrário convence-a. A transgressão sempre foi nela o motor da criação. Depois, bruscamente, sem transição, a primeira cena emerge do passado. Estamos no hall de um hotel suíço. A criança, deve ter então cinco ou seis anos, pegou na tesoura da governanta. Quem cortar o encosto de um canapé de uma linda seda de ramagens. «**Não faças is-**

so!» dizem-lhe em alemão. O interdito galvaniza a tensão, a tesoura mergulha. «**Olho para o que sai... algo de mole, de acinzentado escapa-se pelo corte...**»

Embora o cinzento domine os primeiros anos de Nathalie Sarraute, essa notação de cor, associada à de uma consistência, diz menos respeito a uma certa infância do que à infância em geral e aos traços que ela deixa na memória. O mole, o cinzento serão, de resto, retomados no final para explicar a súbita paragem da investigação. Nathalie vai entrar no liceu Fénelon. «**Quando olho para aquilo que se me oferece agora, vejo um enorme espaço muito sobre-carregado, muito iluminado... Não podia esforçar-me por fazer surgir alguns momentos, alguns movimentos que ainda me parecem intactos, bastante fortes para se libertar dessa camada protectora que os conserva, dessas espessuras esbranquiçadas, moles, abafadas que se desfazem, que desaparecem com a infância.**»

A recordação vai representar aqui o papel desses combates metafóricos, dessas cenas imaginárias de violência, de tortura, de opressão, que surgiam, nas obras precedentes, sobre a banalidade das relações humanas, a fim de revelar os seus aspectos suspeitos.

Essas ampliações fantásticas desaparecem quase completamente. O autor descreve, pelo contrário, com a maior precisão e simplicidade possíveis pedaços de vida que podiam pertencer a toda a gente: uma operação às

amígdalas, invenções engraçadas ou esquisitas para fugir a antipatias, a chegada do sonho embalado por canções, passeios

num Luxemburgo deslumbrante, os brinquedos preferidos, os primeiros deveres, as primeiras leituras, a atracção por uma

velha senhora que não é precisamente uma avó mas que tomará o seu lugar.

Em contrapartida é a essa memória e só a ela que pertencem a feridas causadas por frases cortantes e duras: «**Abandonaram-te. Esta não é a tua casa. Não se detesta uma criança.**»

O que continua pouco claro são os efeitos, a repercussão, o significado dessas acções ténues. Vejamos, por exemplo, a adoração pela mãe ausente. Essa adoração traduzir-se-ia na obstinação da rapariguinha em não engolir os alimentos que não fossem «**tão líquidos como uma sopa**». A observação herói-cômica dessa senha materna permite à criança fortalecer a imagem da mãe nesse território que a recusa.

Uma delicadeza mozartiana

Contrariamente ao seu costume, que a leva, por preocupação do universal, a multiplicar os «eu», os «tu», os «eles» em que se dissolvem até se confundirem estas personagens que Nathalie Sarraute detesta porque cercam, isolam, opõem, ela dá nome a todos os actores que participam nessa cerimónia mágica da lembrança, quando a sua função não basta para as definir. Ao lado da mãe, do pai, sempre assim designados porque são figuras míticas, sagradas, haverá um Kolia, segundo marido da mãe, e, sobretudo, uma Vera, se-



Nathalie Sarraute (Desenho de Bérénice Cleeve)

Continua na pág. 8

Temperamentos

Eduardo Paz Barroso

«Sei ainda que me acreditas». Comentei, sem deixar de pensar no absurdo das minhas brigas com quem é mais teimoso do que eu. Pequeno sepulcro de intenções que sempre repito,



e sempre falho, numa lógica mal afinada onde os horrores se repetem e se retribuem, como num espelho.

Mas, debaixo das membranas digitais com que apalpamos o mundo, esconde-se (mal) esta falta de vontade em recomençar tudo.

Julgando-me assim ganho para a escrita, arrasto comigo as musas cegas do quotidiano, abrindo aspas, citações, epígrafes, em tudo o que não possa finalmente relevar desta morta e dura idade em que «o medo de tudo» me surpreende, de cócoras, no átrio da repatriação.

Um morno dialaogar de homílias sugere-me mesmo que não me deixe convencer pela espera. Paro, e chama-me a atenção da tua repulsa.

Vence-te, sem te juntares às ossadas dos teus amigos, no jejum da corrida abençoarás o pai e o filho com um desprezo novo.

Que lucro eu com estas cogitações?

Lácteo embalar de mães, onde mal te distingo a re-negar-me o tédio do édipo.

Fada-me sem remorsos esta vida insapiente: mesmo de binóculos podemos ver (o) mal,

e ainda ontem me diziam que era por causa disso que o Fernando Pessoa morreu sem óculos.

Sussurrem-me o pacto que celebraremos sem champanhe e, afinal o Humor e o Amor nunca se misturam no verso.

* Poema incluído no livro «Último Princípio — o Enredo da Distância», recentemente publicado na colecção Plural, Gota de Água/Imprensa Nacional, Porto.

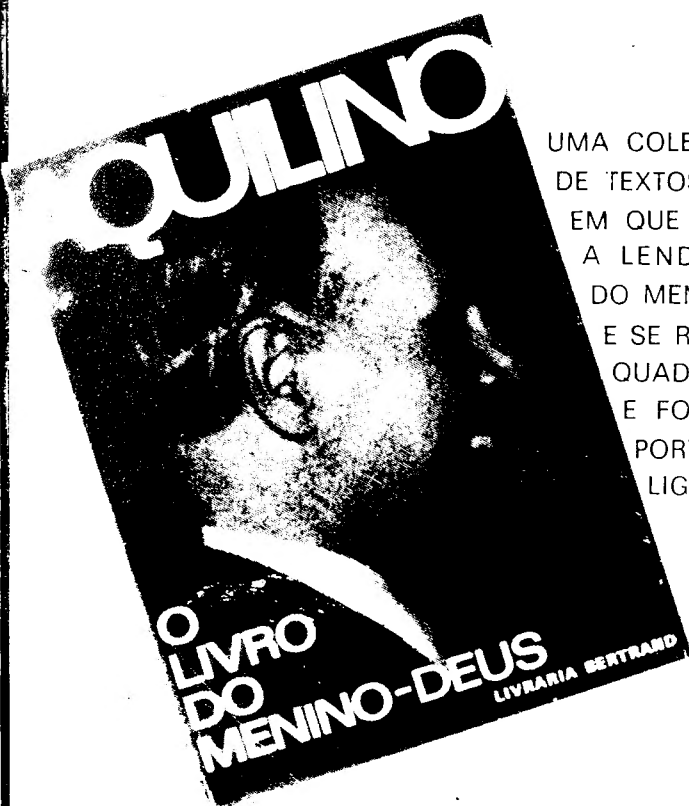
AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS

EM EDIÇÃO FORA DO MERCADO, «A luz dum sonho» é uma «plaquette» de José do Carmo Francisco (poema), compreendendo um desenho de Maria Luz Santos Duarte. O poema é constituído por onze tercetos. Versos de grande pureza lírica, de uma síntese que só amaturidade consegue elaborar. Exemplos: «Posso desenhar no ar / com lápis cheio de luz / o peso dum regresso». Ou então «O tempo que se rasga / na força do vento / não é tempo perdido». Ou ainda: «Será só acrobacia / A fronteira indefinida / entre o sonho e o olhar»?

FOI RECENTEMENTE lançado entre nós (Livraria Bertrand), o livro «Memorial do Cristo», de Dinah Silveira de Queirós, com a chancela do Centro do Livro Brasileiro. O livro da falecida embaixatriz do Brasil é constituído por dois volumes que haviam sido publicados no seu país pela Editora José Olímpio, do Rio de Janeiro. Mereceram da Santa Sé (adiante-se por curiosidade) uma palavra de louvor e a benção do Papa Paulo VI, segundo carta do secretário de Estado do Vaticano, Monsenhor Benelli, dirigida à escritora. Feição do livro: Cristo «narra», na primeira pessoa, a sua vida, desde a concepção divina no ventre de Maria. Diga-se que Dinah Silveira de Queirós considerou, em dado momento, «Memorial do Cristo» como a sua última obra. Isto é: depois deste livro, mais nenhum outro escreveria. Mas escreveu em Lisboa o romance «O desfrute» (Livros Brasil, 81), inspirado, disse então, «pelo meu amor a Portugal».



AQUILINO RIBEIRO O LIVRO DO MENINO-DEUS



UMA COLECTÂNEA
DE TEXTOS
EM QUE É RECONTADA
A LENDA BÍBLICA
DO MENINO JESUS
E SE RETRATAM ALGUNS
QUADROS LITÚRGICOS
E FOLCLÓRICOS
PORTUGUESES
LIGADOS A ELA



LIVRARIA BERTRAND

A LUZ DUM SONHO



MARIA LUZ SANTOS DUARTE (desenho)
JOSÉ DO CARMO FRANCISCO (poema)

O DESAFIO DE NATHALIE SARRAUTE

Recriar a infância



Continuação da pág. 7

gunda mulher do pai, uma insuportável Lili, nascida dessa segunda união, e os pequenos colegas, os professores, os criados... Estes últimos muito importantes porque, tal como o coro na tragédia antiga, eles mostram objectivamente a infelicidade de uma infância especial.

Nathalie Sarraute, que a viveu, nada dirá de si própria. Demasiado púdica? Não é exactamente isso. Antes demasiado autêntica. Ela já vincara em *Entre la vie et la mort*: não há mais infância infeliz do que infância predestinada. A de um escritor é como todas as outras. A de um ser que nunca viu junto de si o pai e a mãe, também possui os seus campos de felicidade.

Nathalie Sarraute sofreu desde muito jovem a desunião

dos pais, errou entre a Rússia, onde nasceu e da qual guarda imagens de neve deslumbrante, e Paris onde primeiro a mãe para abrigar os seus segundos amores e depois o pai para fugir à polícia do czar, se refugiaram. Foi também marcada pela mudança de condição que todo o exílio traz consigo. E foi criada por uma madrastra, exageradamente ligada à própria filha, e nas mãos da qual a deixara uma mãe demasiado alegre, demasiado exuberante.

Aos dez anos teve que escolher, cruelmente, entre o pai e a mãe, entre o afecto reservado mas presente, eficaz, do primeiro, e as efusões superficiais da segunda, que tinha o coração ausente. E optou pelo pai, por esse lar onde o seu lugar era, no entanto, contestado, por essa terra estranha, cinzenta, onde estão fixados os prestígios da

antiga escola comunal.

A pouco e pouco, essa infância antes submetida à atracção materna liberta-se da sua Rainha da Noite para seguir o seu Zoroastro, porque a sabedoria, a sede de conhecimento, a autonomia e a lucidez aumentam nela. *A Flauta encantada* não está muito longe deste livro de delicadeza mozartiana em que todo e qualquer julgamento está suspenso. A própria Vera, a figura mais maléfica, aparece às vezes sob bons aspectos.

Que Nathalie Sarraute se tranquilize: *Enfance* não é uma obra de velhice mas uma das suas maiores criações. E nessa obra intimista onde irradiam a sua sensibilidade, a sua ternura, a sua paixão a sua exigência, a sua honestidade escrupulosa, ela dá-nos, mais do que nunca, motivos para a amar.